

país positivo

Maio 2022 | Edição Nº 152

2022 - ANO EUROPEU DA JUVENTUDE

9 DE MAIO - DIA DA EUROPA

HIDROGÉNIO VERDE

MUITOS SOMOS RAROS

© Jorge Fonseca



2014
2020*

7 anos a (re)qualificar a população residente em Portugal

**CONHEÇA OS NÚMEROS
E AS HISTÓRIAS**

* dados da execução a
31 de março de 2022





www.poch.portugal2020.pt

Através do Fundo Social Europeu (FSE) o PO CH investe na qualificação dos jovens e adultos.



RESULTADOS DO Poch 2014 - 2020

com execução a 31 de março de 2022

921 mil
pessoas
apoiadas

4 622
milhões
de euros
investimento total

3 944
milhões
de euros
Investimento FSE

**Taxa de
Execução
85%**

Formação de Jovens

292 mil jovens apoiados
2 652 milhões de euros investimento total
2 254 milhões de euros investimento FSE



Carlos Silva

O seu percurso de sucesso no curso Profissional de Técnico de Eletrónica, Automação e Computadores, que concluiu com uma média final de 16 valores, fê-lo receber várias propostas de emprego quando terminou o 12º ano. Pensou muito em qual seria a melhor escolha e optou pela Ovava - Hidráulica e Ambiente, a empresa onde realizou o estágio no terceiro ano do curso profissional.

Ensino Superior

128 000 estudantes apoiados
668 milhões de euros investimento total
568 milhões de euros investimento FSE



Joana Monteiro

Quando Joana completou o 12º ano pela via científica-humanística, não tinha a certeza quanto ao rumo a seguir no ensino superior. Só sabia que queria enveredar pela área da saúde. Optou por um Curso Técnico Superior Profissional de Termalismo e Bem Estar que ajudou a encaminhar a sua vocação. Quando terminou o curso, optou por prosseguir os estudos para uma licenciatura em fisioterapia que está, neste momento, prestes a concluir.

Aprendizagem ao Longo da Vida

434 mil adultos apoiados
964 milhões de euros investimento total
820 milhões de euros investimento FSE



Carmen Calhau

Carmen estava desempregada e precisava de certificar competências na área em que sempre tinha trabalhado. O Curso de Educação e Formação de Adultos que frequentou, sendo de dupla certificação (escolar e profissional), não só lhe deu e certificou conhecimentos, como lhe abriu os horizontes formativos. Hoje, Carmen encontra-se licenciada em contabilidade e finanças e a trabalhar numa escola pública.

Qualidade e Inovação na Educação

297 milhões de euros investimento total
268 milhões de euros investimento FSE



Plano de Transição Digital da Educação

O PTDE tem como objetivo a democratização do acesso às condições essenciais para o ensino a distância, imposto pela pandemia, e para garantir que todos possam usufruir de uma educação digital equitativa e inclusiva. Os apoios à escola digital já chegaram aos 115 milhões de euros de investimento FSE, tendo sido atribuídos 174 209 computadores a alunos carenciados, e 83 662 a docentes.



Lista de Candidaturas Aprovadas em:
www.poch.portugal2020.pt

2022 publicação da lista de candidaturas aprovadas, enquanto medida de transparência e publicidade destinada ao público em geral, é uma das competências da Autoridade de Gestão do Programa Operacional Capital Humano.

Cofinanciado por:



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu

ANO EUROPEU DA JUVENTUDE: UMA OPORTUNIDADE PARA TODOS OS JOVENS



Mariya Gabriel

Comissária Europeia para a Inovação, Investigação, Cultura, Educação e Juventude

Este ano, 2022, é o Ano Europeu da Juventude. Um ano dedicado à capacitação dos jovens, após o grave impacto que a pandemia teve na sua educação, emprego e saúde mental. Apesar das dificuldades, os jovens demonstraram solidariedade e resiliência. Eles são o nosso futuro, e o seu envolvimento é fundamental para nos ajudar a tornar o futuro mais verde, mais inclusivo e mais digital.

A União Europeia oferece muitas oportunidades para os jovens se envolverem em atividades cívicas, voluntariado ou estudo no estrangeiro, para os ajudar a adquirir conhecimentos, aptidões, competências, valores e atitudes de que necessitam para avançar na vida com confiança. Programas e iniciativas como o Erasmus+, o Corpo Europeu de Solidariedade, a Garantia da Juventude da UE ou a Conferência sobre o Futuro da Europa são os mais conhecidos.

Mas neste Ano Europeu da Juventude, o foco é o que mais interessa aos jovens. A gama de oportunidades é diversificada e continuamente enriquecida. Trata-se de capacitar, apoiar e envolver os jovens. Sendo que através do Portal Europeu da Juventude fornecemos informações sobre oportunidades e iniciativas que são do interesse para os jovens na Europa, podem explorar projetos para aprender, trabalhar e ser voluntários, bem como encontrar formas de fazer ouvir as suas vozes como cidadãos europeus.

É claro que no meio da brutal invasão da Rússia à Ucrânia, é compreensível que os jovens temam pelo futuro. É tanto mais importante que nos mobilizemos coletivamente em torno dos nossos valores fundamentais e demonstremos solidariedade para com a Ucrânia e o seu povo.

O Ano Europeu da Juventude oferece muitas ações e iniciativas concretas para apoiar a juventude em 2022 e mais além. Esperamos que o Ano Europeu dê aos jovens a oportunidade de contribuir para a construção de uma Europa mais digital, sustentável, inovadora e resiliente.

Este ano celebramos, também, o então 35º aniversário do programa Erasmus+, e os mais de 12,5 milhões de participantes que entraram nessa aventura desde 1987. Vamos promover a atual geração deste programa em todas as suas dimensões, abrangendo a educação, a formação, a juventude e o desporto.

Apostamos no relançamento da mobilidade internacional em 2022, o Programa Global de Mentoria Erasmus+ colocará os jovens na ribalta, ligando os ex-alunos Erasmus+ com os potenciais participantes Erasmus+. O atual programa Erasmus+ inclui uma nova ação específica denominada Ação de Participação dos Jovens. Ao longo de 2022, será financiado um mínimo de 500 projetos, proporcionando aos jovens de todas as origens a oportunidade de se envolverem e participarem na sociedade civil.

Num inquérito que realizámos no final de 2021, perguntámos quais os três temas principais que os jovens gostariam de ver incluídos no Ano Europeu da Juventude. Estes foram a educação, as alterações climáticas e a saúde mental. Conseguimos apresentar 8 iniciativas emblemáticas centradas nos temas referidos como mais importantes para os jovens.

Estas iniciativas destinam-se a ser orientadas para a ação e tangíveis, tendo sido divididas em 8 áreas políticas que serão centrais para este ano. São elas: mobilidade de aprendizagem, emprego e inclusão, diálogos e participação política, Ambiente, Digital, Cultura, Saúde, Bem-estar e Desporto, Juventude e o Mundo.

As alterações climáticas e um futuro sustentável são dois temas que sabemos serem caros aos jovens. A educação desempenha um papel central para tornar a Europa mais sustentável e facilitar a transição verde e digital. Aqui, gostaria de destacar o papel da nossa nova iniciativa Erasmus Verde, a proteção ambiental, o desenvolvimento sustentável e a ação climática estão entre as principais prioridades do novo Erasmus+.

A educação desempenha um papel central para tornar a Europa mais sustentável e facilitar a transição verde e digital.

Será dada prioridade a projetos que - através da educação, formação, juventude e atividades desportivas - possam ajudar a desenvolver competências em matéria de sustentabilidade ambiental. A criação desta nova prioridade verde, juntamente com um orçamento crescente, ajudará a aumentar o número de oportunidades de mobilidade na área do ambiente com os olhos postos no futuro. Queremos dar o exemplo neste domínio, pelo que a incorporação de práticas verdes fará parte dos critérios de atribuição no Erasmus+, a fim de encorajar uma abordagem amiga do ambiente.

Além disso, a nossa Education for Climate Coalition oferece aos jovens uma plataforma para desenvolver novas ideias, para se encontrarem com pessoas com os mesmos interesses, cooperarem nestas ideias e, juntos, fazerem a diferença na sua vizinhança e em toda a Europa.

A Coligação é uma comunidade à escala europeia que é desenvolvida e dirigida por jovens, ativistas e pela própria sociedade civil, para ajudar a educar sobre a sustentabilidade ambiental e a construir competências para combater as alterações climáticas.

A transição digital anda de mãos dadas com a aquisição das competências necessárias e o desenvolvimento de hábitos para uma vida digital mais segura e responsável desde a mais tenra idade. Além disso, as crianças precisam das ferramentas necessárias para utilizar a Internet em segurança.

A estratégia europeia para uma Internet adequada para as crianças, será atualizada em 2022 e estabelece uma série de ações. Por exemplo, visa estimular a produção de um conteúdo de qualidade para os jovens e aumentar a sensibilização e o empoderamento, incluindo o ensino da literacia digital e da segurança em todas as escolas da UE. A estratégia reúne a Comissão Europeia, os Estados-Membros e toda a cadeia de valor da indústria para fornecer soluções concretas para uma melhor Internet para as crianças.

O acesso ao emprego e as perspetivas de carreira são fundamentais para que os jovens cumpram os seus objetivos. É por isso, que a Europa precisa de aumentar o apoio especialmente àqueles que estão a lutar, e que estão excluídos - jovens que não têm qualquer tipo de emprego, educação ou formação.

Com a iniciativa ALMA, que será lançada este ano, a Comissão visa apoiar os jovens mais desfavorecidos com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, que não se encontrem empregados, ou a frequentar qualquer nível de ensino ou formação (NEET).

A ALMA irá oferecer aos jovens uma estadia supervisionada no estrangeiro por um período de 2 a 6 meses em outro Estado Membro da UE, incluindo orientação e aconselhamento. O objetivo é a sua inclusão social e que encontrem o seu lugar no mercado de trabalho.

Sendo que através do Portal Europeu da Juventude fornecemos informações sobre oportunidades e iniciativas que são do interesse para os jovens na Europa.



MUNICÍPIO DA RIBEIRA GRANDE: A “CAPITAL DO SURF” RETORNA AOS EVENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS



Alexandre Gaudêncio, Presidente da Câmara da Ribeira Grande, apresenta os principais projetos para o desenvolvimento da região e os eventos que vão marcar o regresso das iniciativas culturais e artísticas à Ribeira Grande.



Quais os pontos estratégicos que este executivo pretende alcançar em relação às políticas e áreas de investimento?

O Município da Ribeira Grande tem realizado um esforço em identificar as áreas de potencial emergentes no Concelho, de modo a poder orientar os interessados em investir na região. Para tal, tem vindo a desenvolver estudos e planos estratégicos que possam nortear os potenciais investidores.

Estes estudos remetem para a necessidade de reforçar o apoio à dinamização da atividade económica e do reordenamento industrial, através da potenciação e modernização das zonas industriais, bem como através da criação de uma plataforma logística central na ilha de São Miguel. Para além destes aspetos apontam também para a necessidade de criar estímulos à diversificação e dinamização das atividades ligadas à economia de mar, em particular a frente marítima que poderá funcionar como alavanca para o crescimento do concelho no seu todo, em virtude de este território se encontrar virado para o mar. No caso do Plano Estratégico da Ribeira Grande 2014-2020 assiste-se a uma valorização da atividade turística, como janela de oportunidade para a criação de novos postos de trabalho, contribuindo dessa forma para o desejado e necessário combate ao desemprego, com enfoque no sector turístico do concelho.

No entanto, não podemos confinar as áreas de desenvolvimento estratégico do Concelho da Ribeira Grande apenas ao mar e ao turismo. Outra área fundamental para o desenvolvimento do Concelho é a agricultura, atividade com alguma expressão no território ribeiragrandense, e que apresenta potencial para ser desenvolvida pela vertente da exploração de atividades ligadas à agroindústria e agroalimentar.

Ainda em relação ao investimento na região, quais as políticas implementadas para a promoção do empreendedorismo, e consequentemente, na alavancagem da economia local?

Perante a atual conjuntura económica surge a necessidade de proceder à adoção de medidas que visem o apoio ao empreendedorismo, às iniciativas e aos investimentos empresariais, que contribuam para dinamizar a economia, revigorar o tecido empresarial e contribuir para a criação de postos de trabalho.

A Câmara Municipal da Ribeira Grande propõe-se, assim, a desenvolver medidas que promovam e captem investimentos, empresas e empreendedores para o concelho da Ribeira Grande, capazes de estimular a criatividade, a inovação e sinergias entre os diversos agentes económicos locais, e promovendo as áreas de desenvolvimento estratégico do Concelho. Para tal foi criado o Berço de Empresas da Ribeira Grande – BERG, um programa que pretende proporcionar o acesso a equipamentos de apoio às novas empresas, proporcionando-lhes condições técnicas e físicas para a sua instalação no Concelho da Ribeira Grande.

No âmbito do Ano Europeu da Juventude 2022, Ribeira Grande será palco de um importante evento, o Summer CEmp 2022. De que forma esta iniciativa pode colocar Ribeira Grande na rota da programação europeia?

Vemos a realização do Summer CEmp 2022, na Ribeira Grande, com bons olhos, sendo sempre uma excelente oportunidade para recebermos jovens de outros destinos num dos Concelhos mais jovens da Europa, e o mais jovem de Portugal, naquele é o ano das celebrações do Ano Europeu da Juventude.

Além de este evento colocar a Ribeira Grande na programação europeia, coloca uma vez mais esta região no mapa da Europa e na boca do mundo, visto que os alunos que cá estiverem poderão partilhar a sua experiência e suscitar interesse a potenciais novos visitantes para a nossa cidade, o que é um fator positivo para fomentar cada vez mais a nossa economia. O ano de 2022 irá ser marcado pela retoma dos grandes eventos, sendo que a Ribeira Grande preparou um calendário bastante atrativo, tanto para a população residente, como para quem nos visita. Em maio, iremos organizar a Festa da Flor

nos moldes habituais e o palco do MEO Sounds Route by Monte Verde Festival, estando já confirmados os artistas MC Pedrinho, Richie Campbell, Bispo, João Moniz e Tojó.

Entre 24 e 26 de junho, volvidos 22 anos, a Capital do Surf receberá uma etapa do nacional de surf, o Allianz Ribeira Grande Pro e, logo a seguir, as tão aguardadas marchas e Cavalhadas de São Pedro, nos dias 28 e 29 de junho.

A Feira Quinhentista irá regressar, entre os dias 13 e 17 de julho e, no dia 30, regressa também RFM Beach Power com os Sick Individuals e os Dubvision, dois artistas internacionais de música eletrónica. O Azores Burning Summer encerrará o verão na Ribeira Grande da melhor forma, trazendo consigo a onda da sustentabilidade. A World Surf League passa novamente pela Ribeira Grande, com o Junior Pro Azores, entre 16 e 18 de setembro.

Colocar o pé na Ribeira Grande é pegar na mochila e partir à descoberta de um relaxamento natural na Caldeira Velha com a sua água férrea quente ou um merecido banho nas nossas praias.

O ano encerra com a tradicional aldeia de Natal, a partir do dia 18 de dezembro. A Ribeira Grande é considerada como “A Capital do Surf”, estes eventos impulsionam o turismo na região e são motores de desenvolvimento local.

Neste sentido, quais os desafios que se colocam em relação ao investimento e promoção deste setor?

O potencial da nossa cidade para a prática dos desportos de ondas, como é o caso do surf e até mesmo do bodyboard, têm dado uma projeção nacional e internacional à nossa cidade que tem alavancado o turismo e a economia da Ribeira Grande. Os grandes desafios, na nossa opinião, passarão pelo reforço de uma mensagem de sustentabilidade, na qual a preservação da natureza e o respeito pelo mar devem estar presentes.

A autarquia da Ribeira Grande tem apostado fortemente na marca “Ribeira Grande Capital do Surf”, como forma de fomentar a economia local, mas sem colocar em causa a sustentabilidade e a preservação dos ecossistemas.

E quais as medidas que este executivo está a promover?

Pretendemos candidatar a cidade da Ribeira Grande a Reserva Mundial de Surf, de modo a preservar as ondas da nossa cidade e estamos, de forma empenhada, anualmente, a captar a realização dos

grandes palcos desportivos desta vertente na Ribeira Grande.

É com muita honra que iremos acolher uma etapa do nacional de surf, onde irão estar os atuais campeões de Portugal, em masculinos e femininos, representando também uma excelente oportunidade para os nossos jovens talentos mostrarem todo o seu potencial.



A etapa na Ribeira Grande realizar-se-á entre 24 e 26 de junho, sendo uma das cinco etapas que farão parte da Liga MEO Surf. Iremos também acolher a prova do Mundial de Surf, realizado pela World Surf League, denominado “Junior Pro Azores”, entre os dias 16 e 18 de setembro.

Para o turista, mas também, para quem deseja viver em Ribeira Grande, o que esta região pode oferecer?

Visitar a cidade da Ribeira Grande é mergulhar na história e natureza de centenas de anos. O nosso concelho oferece maravilhas paisagísticas, encantos de património cultural, uma excelente gastronomia, festividades únicas e memórias fascinantes que poderá descobrir junto da nossa rede municipal de museus. Colocar o pé na Ribeira Grande é pegar na mochila e partir à descoberta de um relaxamento natural na Caldeira Velha com a sua água férrea quente ou um merecido banho nas nossas praias, onde o surf é sempre uma ótima opção para os amantes desta prática desportiva.

Pretendemos candidatar a cidade da Ribeira Grande a Reserva Mundial de Surf.

É passear pelos nossos deslumbrantes trilhos pedestres e maravilhar-se com as nossas lagoas, em particular, a Lagoa do Fogo.

É caminhar pelas ruas históricas da cidade e descobrir toda uma arquitetura única. É ser recebido no seio de um povo genuíno e que sabe receber como mais ninguém.

ISMT: A EXCELÊNCIA DO ENSINO VOLTADO PARA A GESTÃO PÚBLICA



Luís Marinho, Diretor do Instituto Superior Miguel Torga, aposta num ensino superior de excelência voltado para a globalização, mas mantendo um cariz “regional”, porque “tudo o que fazemos é em estreita colaboração com as nossas câmaras municipais, mesmo em relação à investigação. Este é um terreno fértil, porque os municípios necessitam de alguns tipos de estudos, que devem ser realizados nas comunidades locais”, esta parceria ditará a abertura da licenciatura em Administração Autárquica.”

Outros dos nossos grandes parceiros são os hospitais e centros de saúde, onde além de se realizar estágios dos nossos alunos, participamos, igualmente, em vários estudos científicos e damos apoio à comunidade, principalmente na psicologia e no serviço social.



Luís Marinho
Presidente do Instituto Superior Miguel Torga

Sendo que o Instituto Superior Miguel Torga (ISMT) é uma instituição virada para a globalização, tanto ao nível do ensino, como na preparação dos estudantes para o mercado de trabalho.

Considera que é importante ao nível institucional assinalar o Dia da Europa?

Nós vivemos num ambiente global, não só pela transição digital, mas sobretudo, pelo ambiente académico multicultural. Dentro de uma semana aproximadamente, celebramos o Dia da Europa, a 9 de maio. Em Portugal não temos a tradição de comemarmos o Dia da Europa, penso que tem a ver com o nosso passado em que vivemos de costas voltadas. Principalmente, durante e depois a Segunda Guerra Mundial, falta-nos enraizar este sentimento europeu.

Em muitos países da Europa o dia 9 de maio é feriado, exatamente pela sua importância, por isso vamos comemorar este dia com a realização de uma conferência, em que discutimos os valores da Europa,

a sua situação atual e refletimos sobre os seus desafios e o futuro.

É necessário enraizar este conceito europeu, começando no secundário a falar sobre estes assuntos e a levar os alunos a comemorarem este dia, que poderá ser assinalado através de trabalhos para terem um maior conhecimento do que é a Europa e o que significa.

Relativamente aos alunos vêm através do programa Erasmus. Quais os programas ou iniciativas de apoio tem o ISMT?

Neste momento, temos cerca de 50 alunos que nos chegaram através do programa Erasmus, sendo que outros vem de países pertencentes aos PALOP's, assim como do Brasil e outros.

Temos programas especiais designadamente para o Brasil, principalmente ao nível do Mestrado. Existem, igualmente programas de cooperação, o Instituto Superior Miguel Torga é muito procurado e solicitado. Este ano, ao nível de Erasmus existem alunos de várias nacionalidades, desde italianos, polacos, romenos e entre outros muitos espanhóis. Estes alunos distribuem-se um pouco por todas as nossas áreas do conhecimento.

Em relação à investigação, quais as parcerias existentes com entidades congéneres e como interagem com a comunidade envolvente?

Este Instituto tem uma matriz regional, tudo o que fazemos é em estreita colaboração com as nossas Câmaras Municipais, mesmo em relação à investigação. Este é um terreno fértil, porque os municípios necessitam de alguns tipos de estudos, que devem ser realizados nas comunidades locais, isto possibilita fazer o levantamento das necessidades básicas das nossas populações, e, ao mesmo tempo, indicar cenários para a sua resolução.

Neste sentido, também toda a nossa atividade está virada para o âmbito regional e para as empresas que trabalham a nível municipal.

Outros dos nossos grandes parceiros são os hospitais e centros de saúde, onde além de se realizar estágios dos nossos alunos, participamos, igualmente, em vários estudos científicos e damos apoio à comunidade, principalmente na psicologia e no serviço social.

Esta prática prepara os nossos estudantes para entrar no mercado de trabalho com uma perceção das suas competências e da forma como podem e devem exercer os seus objetivos como profissionais e como pessoas. Neste momento, o Estado está a passar as competências para as Câmaras Municipais no âmbito da educação, saúde e em relação à mobilidade.

Sendo que os municípios precisam de técnicos muito qualificados para darem resposta a estes novos desafios. Por sua vez, Coimbra tem um tecido social pojanante, e também necessita de quadros altamente qualificados para fazer frente às novas metas da descarbonização e da transição digital, aproveitando esta nova fase de desenvolvimento.

Temos em mente começar a licenciar alunos em Administração Autárquica, baseado no nosso próprio ADN, uma relação muito próxima com as Câmaras Municipais e queremos aproveitar o que falta no mercado de trabalho e de conhecimento nesta área.

Dentro de alguns anos queremos ter licenciados nesta área, que em Portugal ainda não existe. Este é um setor transversal às várias competências, porque não existe nenhuma ciência autónoma da administração autárquica.

O mundo muda todos os dias e queremos ter uma perspetiva de futuro, o caminho que podemos traçar para chegar até lá. Assim, descobrimos novos ramos do conhecimento e novas abordagens para uma maior intervenção.

A investigação na Psicologia e no Serviço Social também são um vetor importante do ISMT?

Sim, nestes dois domínios do conhecimento existem muitos estudos ainda a decorrer. Damos apoio às populações locais e também nos hospitais.

Trabalhamos, por exemplo, no domínio da intervenção psicossocial. Atualmente a criação de laboratórios é um grande desafio que o ISMT deseja abraçar, isto porque, é um investimento é muito grande e temos de nos candidatar a verbas nos diversos quadros de apoio europeus. Este é um caminho que estamos a começar a trilhar e que vai levar alguns anos.

Quais os novos projetos do Instituto Superior Miguel Torga?

Estamos a começar a desenvolver um novo projeto relativo com a prospetiva das várias ciências, pretendemos reunir pessoas da sociedade civil, da comunidade universitária e debater as várias ciências, assim como, temas como ambiente, transição energética, digital, sustentabilidade e globalização, que engloba as mudanças atuais e o futuro que poderemos ter. O mundo muda todos os dias e queremos ter uma perspetiva de futuro, o caminho que podemos traçar para chegar até lá. Assim, descobrimos novos ramos do conhecimento e novas abordagens para uma maior intervenção. No ISMT produzimos novos "soldados" do Estado, gestores da causa pública, gestores da segurança social, interventores que têm de ser gestores, técnicos que saibam o que é o Estado de providência e quanto ele custa. Técnicos que saibam administrar e gerir os recursos, administradores de um Estado social.






oferta formativa 2022/2023

Ano Zero	Apoio para os exames, com possibilidade de prosseguimento de licenciatura no ISMT
Licenciaturas	<ul style="list-style-type: none"> Serviço Social Informática Psicologia Multimédia Comunicação Empresarial Design de Comunicação Gestão Gestão de Recursos Humanos Jornalismo Empreendedorismo
Pós-Graduações	<ul style="list-style-type: none"> Psicoterapia Psicanalítica - 6.ª edição Terapias Cognitivo-Comportamentais contextuais em perturbações psicológicas e problemas de saúde - 2.ª edição Intervenção com doentes de Alzheimer e outras demências - 6.ª edição Avaliação e Intervenção com famílias em crise, risco e perigo - 2.ª edição Competitividade e estratégia Integração da segurança e higiene no trabalho nas organizações - visão prática Serviço Social em Contextos de Crianças e Jovens em Risco e/ou Perigo
Mestrados	<ul style="list-style-type: none"> Serviço Social Psicologia Clínica

966790592

COIMBRA

www.ismt.pt

IPDJ: QUEREMOS ESTAR MAIS PERTO DOS NOSSOS JOVENS



No arranque do Ano Europeu da Juventude, Carlos Pereira, Vogal do Conselho Diretivo do IPDJ (Instituto Português do Desporto e Juventude) e Coordenador nacional desta iniciativa europeia, apresenta as atividades e os projetos a que jovens e associações podem concorrer, assim como os prémios previstos.



Qual a estratégia do IPDJ como entidade coordenadora das celebrações do Ano Europeu da Juventude (AEJ)?

O IPDJ, em Portugal, avança para este projeto tendo como prioridade os objetivos estabelecidos pela União Europeia, nomeadamente: destacar a forma como as transições ecológicas e digitais podem criar oportunidades para os jovens; motivar as novas gerações a serem mais ativas e empenhadas em ações cívicas e de cidadania; fomentar oportunidades para os jovens que estão mais excluídos dos processos de decisão, quer por razões geográficas ou sociais, entre outras; e incentivar as instituições de nível local, regional e nacional, a integrar nas suas opções uma perspetiva de juventude, desenvolvendo práticas que vão ao encontro das expectativas dos jovens e das suas necessidades.

Como serão alcançados estes objetivos ao longo do Ano Europeu da Juventude?

Esta iniciativa é um processo aberto com o intuito de criar canais que visem aumentar as possibilidades de participação e de execução de atividades que possam dar autonomia aos jovens.

Tem um leque abrangente de áreas, desde iniciativas que promovam a participação e o compromisso dos jovens, às questões relacionadas com o desenvolvimento de processos de cocriação com e para jovens, ao emprego, aos valores da Europa, à inclusão, à educação e formação.

De salientar que vamos dar um enfoque especial à saúde mental porque o Ano Europeu surge, igualmente, pelo impacto que a Covid-19 teve ao nível psicológico na geração mais jovem, obviamente sem esquecer as duas prioridades: a transição digital e ecológica.

Para concretizar as iniciativas foi criado o Comité Diretor do Ano Europeu da Juventude composto pelo IPDJ e outras entidades. Entre elas, a Agência Nacional Erasmus+ Juventude/Desporto e Corpo Europeu de Solidariedade; a Associação Nacional de Municípios; a Associação Nacional de Freguesias; as Direções Regionais de Juventude dos Açores e da Madeira; o Conselho Nacional da Juventude; a Federação Nacional das Associações Juvenis; e a Movijovem. Em conjunto, estas entidades elaboraram uma metodologia que visa apoiar iniciativas realizadas com e para jovens e por organizações de jovens.

Que tipo de iniciativas?

Desejamos dar oportunidade às organizações públicas ou privadas para que proponham atividades, promovendo assim eventos descentralizados, onde qualquer entidade, com o apoio das nossas direções regionais, poderá organizar um evento que fomenta a reflexão e a participação ativa da juventude nos temas do Ano Europeu. Por outro lado, estão também disponíveis iniciativas de dimensão regional que serão maioritariamente organizadas pelos serviços desconcentrados do IPDJ e pelas Direções Regionais de Juventude dos Açores e da Madeira, nomeadamente a organização de conferências, eventos de caráter cultural, debates e troca de opiniões, promovendo um debate inclusivo e informativo, assim como, co-construindo propostas com impacto social nas questões que afetam os jovens.



Do vasto conjunto de iniciativas que irão decorrer durante 2022, salientamos três prémios: Prémio "Investigação sobre Juventude", Prémio "Europa para ti" e Prémio "Criarte AEJ 2022", este último direcionado aos jovens a partir do 3.º ciclo, cujo prémio vai ter essencialmente uma dimensão regional, sendo que aposta na criação artística, sob a forma de escrita e multimédia e terá como tema alusivo o Ano Europeu da Juventude.

O Prémio "Europa para ti", tem como objetivo reconhecer iniciativas organizadas por associações de jovens, ao nível regional e nacional, sendo que vamos distinguir aquelas que se destaquem pelas boas práticas e de caráter inovador no âmbito das ações, atividades e temas enquadrados no Ano Europeu da Juventude.

O Prémio Investigação sobre Juventude é dirigido a quem?

O Prémio "Investigação sobre a Juventude", que contempla trabalhos de investigação e científicos sobre o tema juventude, destina-se a jovens do ensino superior e tem por objetivo incentivar a investigação, a reflexão e a disseminação de conhecimento baseado em evidências que ajudem a sustentar políticas destinadas aos mais jovens.

O nosso grande desafio é conseguir chegar a todos os jovens. Portugal tem cerca de 1.500 associações de jovens, o que representa uma forte presença deste tipo de entidades a nível nacional, mas desejamos envolver os jovens com menos oportunidades.

Parece haver algum desconhecimento dos jovens em relação aos programas europeus que lhes são dirigidos. Que iniciativas se podem destacar?

Um dos objetivos deste Ano Europeu é dar a conhecer os recursos existentes, muitas vezes desconhecidos. No entanto, saliento dois programas, os mais conhecidos: o Erasmus+ e o Corpo Europeu de Solidariedade.

O Erasmus+, para além da área da educação, tem uma vertente dedicada à juventude e ao desporto. É um programa que permite intercâmbios de jovens entre os Estados Membros e parceiros para projetos de longa e curta duração, em diversas modalidades.

O Corpo Europeu de Solidariedade promove a participação dos jovens, dando-lhes oportunidade de fazer voluntariado em organizações dos Estados Membros e parceiros ou trabalhar em projetos em toda a Europa.

De forma a serem mais inclusivos, todos os custos de participação nestes programas são suportados pela União Europeia através da Agência Nacional Erasmus+ Juventude/Desporto e Corpo Europeu de Solidariedade para que todos possam participar, independentemente da sua condição económica.

O Prémio "Europa para ti", tem como objetivo reconhecer iniciativas organizadas por associações de jovens, ao nível regional e nacional, sendo que vamos distinguir aquelas que se destaquem pelas boas práticas e de caráter inovador no âmbito das ações, atividades e temas enquadrados no Ano Europeu da Juventude.

Em relação ao vasto programa do Ano Europeu da Juventude, e de uma forma prática, como podem os jovens e associações apresentar as suas candidaturas e propor iniciativas?

Todas as iniciativas promovidas pelo Ano Europeu têm uma candidatura e um registo simplificados.

A informação sobre os prémios e as iniciativas está disponível no portal nacional dedicado ao Ano Europeu da Juventude: <https://anoeuropeujuventude.ipdj.gov.pt/>, onde é igualmente possível efetuar uma candidatura ou registar uma atividade. Caso as pessoas jovens ou as organizações queiram propor uma parceria, podem igualmente dirigir-se ou contactar os serviços desconcentrados do IPDJ, presentes em todas as capitais de distrito. A ideia e as possibilidades de apoio serão ponderadas à luz dos impactos/ resultados previstos.



Sugiro aos interessados que acedem ao portal, façam um simplificado registo, depois é só preencher o formulário com as informações do evento ou iniciativa, a sua localização e imediatamente aparece um pin no mapa de Portugal para assinalar essa iniciativa.

Quais as expectativas para este Ano Europeu da Juventude?

O nosso grande desafio é conseguir chegar a todos os jovens. Portugal tem cerca de 1.500 associações de jovens, o que representa uma forte presença deste tipo de entidades a nível nacional, mas desejamos envolver os jovens com menos oportunidades, aqueles que se encontram ainda afastados das associações, do IPDJ e das instituições em geral. Essencialmente, gostaríamos que estes jovens ficassem a conhecer as oportunidades que se encontram disponíveis a nível europeu, nacional e local.

O nosso grande desejo é chegar aos jovens que estão excluídos destes circuitos, fazer com que participem nas iniciativas, que acedam à informação, trabalhamos para a inclusão de todos.

O maior sentimento de realização de toda a equipa que está envolvida na produção desta iniciativa é alcançar novos públicos, que normalmente estão arredados dos mecanismos de decisão e que ainda não participam nos inúmeros programas que existem.

PRÉMIOS NO ÂMBITO DO ANO EUROPEU DA JUVENTUDE:

O IPDJ promove 3 prémios de forma a impulsionar o tema Juventude, tendo como foco aproximar as políticas da União Europeia dos jovens para a construção de um futuro melhor.

Estes PRÉMIOS pretendem facilitar, divulgar e reconhecer as iniciativas e o conhecimento sobre a juventude, a sua problemática, desafios, estes são dirigidos a:

- Europa para ti

O objetivo deste prémio é reconhecer as associações de jovens que, em 2022, desenvolveram atividades enquadradas no Ano Europeu da Juventude (Continente e Regiões Autónomas)

Alguns exemplos de temas em destaque são: a transição verde e digital; a aquisição de conhecimento e competências; a divulgação de oportunidades; o incremento da participação e envolvimento dos jovens, e especialmente os jovens com menos oportunidades.

- Criarte AEJ 2022

Destinado a Jovens dos 12-25 anos, este prémio visa promover e estimular a criatividade para Mensagens sobre o Ano Europeu da Juventude, através das «Artes» utilizando o suporte de texto ou multimédia.

- Investigação sobre a Juventude

Tem como finalidade incentivar a investigação, reflexão, disseminação e a publicação de artigos científicos no âmbito das temáticas associadas à Juventude.

Outra iniciativa incluída neste Ano Europeu da Juventude são os EVENTOS DESCENTRALIZADOS;

A organização de eventos descentralizados é da responsabilidade de Entidades Públicas, assim como, do Terceiro Setor em parceria com as Direções Regionais do IPDJ e/ou das Direções Regionais de Juventude dos Açores e da Madeira.

O objetivo destes eventos é promover e incentivar os processos de cocriação com e para os jovens nos temas do Ano Europeu da Juventude, fomentando a reflexão e a participação ativa da geração mais jovem. Pretende-se alcançar o maior número de jovens, incluindo os jovens com menos oportunidades, de locais remotos e rurais ou pertencentes a grupos mais vulneráveis: Desejamos fomentar o diálogo, o debate e a participação jovem;

Fortalecer as relações entre jovens e decisores políticos e demais peritos das diversas áreas das políticas públicas; Assim como, identificar propostas com impacto social.



Tiago Rego, Presidente da Federação Nacional das Associações Juvenis (FNAJ), refere quais são principais expectativas desta instituição em relação ao Ano Europeu da Juventude.



Como a FNAJ vai participar no Ano Europeu da Juventude e quais as suas expectativas?

A FNAJ em parceria com o IPDJ, assim como outros parceiros constituíram um Comité Diretor que acompanhará as atividades que irão decorrer em 2022 dirigidas aos jovens. Estas podem ser atividades promovidas por este Comité, mas também, por outras entidades participantes, sendo que o objetivo é a celebração das jovens gerações e "Ouvir e Agir pela Juventude".

A FNAJ arrancou o Ano Europeu com uma Action Week, realizamos ações em parceria com o IPDJ, tivemos mais de 20 ações em 20 escolas, em todos os distritos, incluindo nas Regiões Autónomas, onde participaram cerca de 2000 jovens. Sendo que vamos ter o Encontro Nacional de Associações Juvenis em que o mote será as prioridades desta geração.

O IPDJ promove 3 prémios de forma a impulsionar o tema Juventude nas suas diversas áreas.

É essencial ao longo deste ano criar espaços de discussão e reflexão sobre os três domínios que a Europa definiu: a transição verde e digital, assim como, a inclusão.

Há um processo importante que a Europa está a desencadear, a revitalização da democracia, entende-se que a democracia está em crise e que os jovens estão afasta-

dos do exercício da sua cidadania. E neste contexto, existe espaço para defender as nossas causas.

Considera que a pandemia obrigou os agentes políticos a fazerem um balanço e que agora todos os atores estão envolvidos na construção de uma Europa unida e que caminha no mesmo sentido?

Não tenho dúvidas que a Europa colocou prioridade naquilo que são as intenções e as necessidades da geração mais jovem, sob pena de estarmos a hipotecar o futuro da Europa.

A pandemia foi um acontecimento penalizador para os jovens e os indicadores, agudizados pelo efeito da pandemia, não são animadores.

É essencial ao longo deste ano criar espaços de discussão e reflexão sobre os três domínios que a Europa definiu: a transição verde e digital, assim como, a inclusão.

Neste sentido, tem sido vinculado pelos diferentes líderes dos Estados Membros que a Europa precisa dos jovens, do nosso talento, dos nossos sonhos, dos nossos projetos e do nosso desassossego, de forma a desafiar e tentarmos inovar.

É isso que é pedido aos jovens, que perante as dificuldades desenvolvam novas perspetivas e abordagens, defendendo os três pilares fundamentais: a emancipação e participação, a revitalização da democracia e as nossas causas e prioridades, com esta roupagem pretende-se que o Ano Europeu seja mais do que a celebração da juventude, mas um ano para "Ouvir e Agir pela Juventude".

Rui Oliveira, Presidente do Conselho Nacional da Juventude, define os desafios para este ano da instituição que preside.

Qual a estratégia e expectativa do CNJ para o Ano Europeu da Juventude?

Gostaria que o Ano Europeu da Juventude fosse um ano em que deveríamos refletir, saliento refletir as oportunidades e que erros cometemos com os nossos e as nossas jovens, e que afetam o sucesso que podemos ter agora e no futuro, porque a grande vantagem dos jovens é que além de serem presente, são mais o futuro.

E deve ser também um ano de celebração da juventude, de dar esperança e de reforçar as experiências que qualquer jovem espera ter.



Igualmente, fazer esta geração acreditar que eles são parte fundamental para vencer o agora e o amanhã, mesmo com todas as crises que vamos vivendo.

Por último, este tem de ser um ano em que a juventude esteja no topo das agendas políticas, onde decisores políticos e jovens constroem em conjunto o nosso futuro.

Quais os principais desafios que se colocam para os jovens e ao CNJ neste Ano Europeu em época de pós pandemia?

O CNJ é o órgão representativo da juventude em Portugal, estes foram tempos complexos, e continuam a ser, com a guerra em território europeu e que colocam ainda mais desafios à nossa juventude.

Por isso, temos de ser capazes de criar oportunidades para todos, mesmo nestes contextos adversos.

Foi isso que o CNJ fez, aquando a pandemia criou o Pacote de Medidas para uma Recuperação Económica e Social da Juventude.

Este pacote foi o resultado de uma ampla auscultação à juventude sobre o impacto do Covid nas suas vidas, desta auscultação e da participação das Organizações Membro do CNJ resultou, tanto a curto como a longo prazo, um pacote de ações e políticas em diversas áreas.

É necessário criar as condições para a emancipação jovem (Agenda para a Natalidade).

Temos de ser capazes de criar oportunidades para todos, mesmo nestes contextos adversos.



ANO EUROPEU DA JUVENTUDE: APOSTA NA MOBILIDADE DE ARTÍSTAS E PROFISSIONAIS CULTURAIS

Quando falamos de temas de interesse para os jovens durante o Ano Europeu da Juventude, a cultura desempenha um papel proeminente. Por conseguinte, estamos a dar-lhe ênfase e, em 2022, a Comissão lançará um novo esquema de mobilidade para oferecer aos artistas e profissionais culturais a oportunidade de se deslocarem ao estrangeiro para o desenvolvimento artístico ou profissional, ou para colaborações internacionais, para encontrar novos públicos, ou apresentar as suas obras.

O Ano Europeu da Juventude constitui uma excelente oportunidade para desenvolver um determinado ângulo de juventude no âmbito do esquema da mobilidade.

A aprendizagem da cultura europeia está no centro de outra iniciativa nossa - DiscoverEU. Não só oferece aos jovens de 17 anos um passe de viagem, mas também incentiva a ligação e o diálogo cultural entre os jovens de toda a Europa.

A Comissão organizará um HealthyLifeStyle4All Youth Ideas Lab para encorajar os jovens a explorar coletivamente novas ideias e desafiá-los a apresentar propostas inovadoras para seduzir todas as gerações a mudar os estilos de vida e promover abordagens inclusivas.

Na edição deste ano da DiscoverEU introduzimos uma série de novidades. Iremos aumentar o número de passes de viagem. Distribuimos 60.000 bilhetes no ano passado, o que já era um recorde.

Este ano, daremos 70.000 bilhetes. Haverá duas chamadas, uma em abril e a outra em outubro, com 35.000 bilhetes a serem atribuídos de cada vez. Os jovens que receberem um passe de viagem receberão um cartão especial que lhes dará acesso a descontos em alojamento, alimentação,

atividades culturais e transportes locais. Além disso, 6 novos países estão a aderir à aventura DiscoverEU - Islândia, Noruega, Liechtenstein, Sérvia, Macedónia do Norte e Turquia.

Os Professores e estudantes são convidados a encontrar beleza no seu ambiente de aprendizagem, e elevá-la ao seu mais alto potencial, através da comunidade e Twinning para escolas na Europa.



eTwinning oferece uma plataforma para professores, professores, pessoal, trabalhando nas escolas para comunicar, colaborar, desenvolver projetos e fazer parte da comunidade de aprendizagem mais excitante da Europa. A campanha anual eTwinning deste ano estará ligada ao Novo Bauhaus Europeu - "O Nosso Futuro": Bonito, Sustentável, Juntos". Os professores serão convidados a refletir criativamente na sua "escola dos sonhos" juntamente com os seus alunos: uma escola que apoia a aprendizagem mista, a educação para o desenvolvimento sustentável, o bem-estar e a inclusão.

Além disso, uma das minhas principais iniciativas de apoio a professores e formadores é "O Prémio Europeu de Ensino Inovador". Os objetivos do Prémio são celebrar as realizações dos professores e das escolas e dar crédito ao seu trabalho através da identificação e promoção de práticas de ensino e aprendizagem notáveis. O tema para 2022 no Prémio Europeu de Ensino Inovador é "Aprender em conjunto, promovendo a criatividade e a sustentabilidade".



Mariya Gabriel

Comissária Europeia para a Inovação, Investigação, Cultura, Educação e Juventude

Focará temas relacionados com a ligação entre criatividade, sustentabilidade, participação, e inclusão. Destacará projetos de sucesso no programa Erasmus+ e encorajará estes projetos a ligarem-se e a trabalharem em conjunto.

A aprendizagem da cultura europeia está no centro de outra iniciativa nossa - DiscoverEU.

Os jovens têm sido especialmente afetados pela pandemia, sendo a saúde, o bem-estar e o desporto as principais preocupações para eles. A Comissão organizará um HealthyLifeStyle4All Youth Ideas Lab para encorajar os jovens a explorar coletivamente novas ideias e desafiá-los a apresentar propostas inovadoras para seduzir todas as gerações a mudar os estilos de vida e promover abordagens inclusivas, em particular no contexto da recuperação pandémica.

Por último, mas não menos importante, a dimensão internacional do Ano pode ser ilustrada pela Youth Guarantee, um esquema de ativação para assegurar que os jovens (entre os 15-29 anos) dos Balcãs Ocidentais recebam ofertas de emprego de boa qualidade, educação contínua, acesso à aprendizagem, ou estágio dentro de um certo período após ficarem desempregados ou deixarem o ensino formal.

Estes são apenas alguns exemplos de iniciativas do Ano Europeu da Juventude que permitirão que os jovens se envolvam, aprendam, participem e sejam capacitados. É também uma oportunidade para que se familiarizem mais com o panorama político a nível da UE, nacional, regional e global.

Para a organização e implementação do Ano Europeu da Juventude, a Comissão está a colaborar estreitamente com um vasto leque de jovens interessados, representantes dos Estados-Membros e jovens. O Coordenador da Juventude da UE desempenha um papel fundamental no envolvimento com as partes interessadas. Além disso, para ajudar na coordenação a nível dos Estados-Membros, cada país nomeou um Coordenador Nacional para o Ano Europeu. Estes coordenarão atividades, eventos e iniciativas nos Estados-Membros, e mobilizarão os jovens interessados a todos os níveis. Para Portugal, o Coordenador Nacional é o Dr. Carlos Alves Pereira do Instituto Nacional do Desporto e Juventude.



Encorajo todos os jovens e intervenientes juvenis a tirarem partido das oportunidades oferecidas pela UE.

Consulte as iniciativas e atividades na página do Ano Europeu da Juventude, envolva-se, candidate-se a projetos, partilhe ideias e espalhe a palavra sobre o Ano Europeu da Juventude.



EURES: REDE DE APOIO AO EMPREGO NA EUROPA



Adélia Costa, Coordenadora Nacional do EURES, explica a missão desta rede, que abrange 31 países, ao serviço do emprego e da mobilidade na Europa, procurando garantir aos cidadãos as mesmas oportunidades. A rede contribui para "mitigar barreiras linguísticas, diferenças culturais, desafios burocráticos, a diversidade das leis laborais, de segurança social e fiscais aplicáveis e questões relacionadas com reconhecimento de qualificações entre países europeus."

Qual a missão da rede EURES e de que forma está presente em Portugal?

EURES é uma rede de cooperação de serviços de emprego a nível europeu, coordenada pela Autoridade Europeia do Trabalho, que abrange 31 países (os 27 Estados-membros da União Europeia, Noruega, Islândia, Liechtenstein e Suíça). Existe desde 1994, tendo por missão facilitar a livre circulação de trabalhadores. A rede trabalha para garantir que os cidadãos europeus beneficiam das mesmas oportunidades, procurando mitigar barreiras linguísticas, diferenças culturais, desafios burocráticos, a diversidade das leis laborais, de segurança social e fiscais aplicáveis e questões relacionadas com reconhecimento de qualificações entre países europeus.

Em Portugal, está integrada nos serviços públicos de emprego: no Instituto de Emprego e Formação Profissional, no Continente, Instituto de Emprego da Madeira e Direção Regional da Qualificação Profissional e Emprego, nos Açores; e também noutras entidades parceiras, como Associações Empresariais e Sindicais, Universidades e algumas instituições públicas, sobretudo nas áreas de fronteira com Espanha.

Que tipo de serviços oferece a candidatos e entidades empregadoras?

O nosso portal de emprego (www.eures.europa.eu) disponibiliza diariamente mais de 4 milhões de ofertas de emprego e estágio.

Temos cerca de 1000 conselheiros especializados em questões de mobilidade e recrutamento transnacional, 38 dos quais em Portugal.

E uma plataforma de eventos de recrutamento e informação, www.europeanjobdays.eu, onde organizamos 30 a 40 iniciativas por ano, com diferentes focos setoriais, profissionais ou dedicados a países específicos.

Oferecemos um pacote de serviços completo, de A a Z, de informação e aconselhamento em matéria de mobilidade e de apoio ao recrutamento, ou à colocação, além-fronteiras.

Se uma empresa Portuguesa pretender recrutar na Europa, como deve proceder e como pode o EURES apoiar?

A empresa pode entrar em contacto com os interlocutores habituais nos serviços de emprego ou através da plataforma iefponline. Ao comunicar as suas ofertas de emprego, manifestar o seu interesse em alargar os horizontes de recrutamento a outros países europeus. Estando disponível para recrutar colaboradores não falantes do português, deve ser possível comunicar os perfis de recrutamento em inglês (ou em idioma de contacto com candidatos).

Deve dar particular atenção, na redação dos perfis, à informação sobre as condições oferecidas – não apenas questões salariais, mas outros apoios que ofereça,

nomeadamente na mudança para Portugal, a procura de alojamento, a aprendizagem do português, eventuais seguros de saúde e outras regalias. Hoje em dia, por toda a Europa, os candidatos valorizam, por exemplo, a opção de teletrabalho ou regimes híbridos que lhes confirmam alguma flexibilidade na gestão do tempo de trabalho.

Os conselheiros EURES apoiam na revisão destes perfis, aconselham sobre estratégias de recrutamento transnacional e organizam atividades de recrutamento, a distância ou presenciais, em colaboração com parceiros EURES noutros países, incluindo (pré-)seleção de candidaturas. Uma vez as ofertas divulgadas, estas ficam também disponíveis no portal EURES para perto de 1 milhão de candidatos de (quase) toda a Europa.

A empresa pode também pesquisar candidatos no portal EURES e participar em eventos de recrutamento na plataforma europeanjobdays.eu.

Quais os apoios financeiros disponíveis no âmbito do EURES?

No programa EURES Targeted Mobility Scheme, existem apoios específicos que cobrem despesas, para candidatos, com a participação em entrevistas (noutros países), a realocação, a formação em língua, o reconhecimento de qualificações, o reagrupamento familiar ou outras necessidades especiais.

Há ainda uma bolsa para estágios e oportunidades de aprendizagem. No caso dos empregadores, o financiamento de programas de integração para novos colaboradores pode abranger formação em posto de trabalho ou cursos de língua.

No programa EURES Targeted Mobility Scheme, existem apoios específicos que cobrem despesas, para candidatos, com a participação em entrevistas (noutros países), a realocação, a formação em língua, o reconhecimento de qualificações, o reagrupamento familiar ou outras necessidades especiais.

É importante que as candidaturas ao programa sejam acompanhadas por conselheiros EURES, uma vez que existem vários prazos, requisitos de elegibilidade e procedimentos a ter em conta.

Como se adaptou a rede aos desafios colocados pela pandemia, e consequentemente, pelas novas tendências do mercado de trabalho?

Tem sido um desafio permanente de reinvenção, mesmo antes da pandemia. De um serviço sobretudo disponível de forma presencial, passámos a apostar cada vez mais no formato online, sem descurar a dimensão personalizada, importante para quem apoia projetos de mudança de vida.

A empresa pode também pesquisar candidatos no portal EURES e participar em eventos de recrutamento na plataforma europeanjobdays.eu

Passámos a ter aconselhamento por videochamada, a organizar webinars regulares sobre diferentes países, recrutamentos e de divulgação dos nossos serviços e eventos, com a partilha de gravações em canal aberto. Reforçámos também a nossa presença nas redes sociais. Temos uma equipa dinâmica que tem sabido responder aos desafios com novas soluções.

Que novos projetos estão previstos a curto prazo?

Em 2022, queremos apostar no reforço dos serviços às empresas nacionais, na resposta às suas necessidades de recrutamento. Em novembro, contamos retomar o evento Work in Portugal, em cooperação com os nossos parceiros, promovendo Portugal como destino para trabalhar e viver.

E... vamos continuar a melhorar os nossos e-serviços.

Queremos estar mais perto, estando mais acessíveis.



eures.europa.eu
iefp.pt/eures

4 milhões de ofertas de emprego
1000 conselheiros



Procurar emprego



Procurar candidatos



Eventos online
europeanjobdays.eu



Viver e trabalhar



EURES Transfronteiriço



Apoios a mobilidade

informação . aconselhamento . recrutamento

Junte-se a nós



"A ESTRATÉGIA DO GOVERNO REGIONAL PASSA, IGUALMENTE, PELA DINAMIZAÇÃO DE UMA ECONOMIA QUE SE QUER MAIS RESILIENTE, PREPARADA E COMPETITIVA"



Secretaria Regional das Finanças

Rogério Gouveia, Secretário Regional das Finanças da Madeira, faz o balanço em relação ao quadro comunitário 2014/20 para a Região Autónoma, assim como, as áreas prioritárias do novo quadro 2030 com o foco no desenvolvimento regional.

No novo período de programação 2030, quais as áreas prioritárias para a Região Autónoma da Madeira que poderão ser alavancadas?

Na preparação do futuro quadro comunitário, a Região Autónoma da Madeira definiu uma estratégia de desenvolvimento, que identifica e fundamenta os principais desafios estratégicos regionais, procurando estabelecer um compromisso dinâmico entre intervenções da esfera da Competitividade, através dos recursos, da inovação e dos sistemas produtivos regionais, e da esfera da Coesão, através da qualificação do território, dotando-o de atratividade e com capacidade resiliente para enfrentar as mudanças climáticas e a transição energética.

Paralelamente, acomoda um outro desafio orientado para enquadrar as intervenções de Recuperação e Resiliência na Região.

Assim, pretende-se que no PO Madeira 2030 sejam concretizados projetos e intervenções estruturantes para o desenvolvimento da Madeira e do Porto Santo,



Rogério Gouveia
Secretário Regional das Finanças da Madeira

os quais devem ter em consideração os novos objetivos nos domínios da transição climática e digital, vitais para uma região ultraperiférica como a nossa, traduzidos nos seguintes objetivos estratégicos:

- Uma Região mais inteligente e competitiva, que valoriza o conhecimento e a inovação, afirmando o crescimento sustentável assente na diversificação inteligente do padrão produtivo, com maior intensidade tecnológica e promovendo as vantagens da transição digital.

- Uma Região mais verde, criteriosa na adaptação às alterações climáticas, na preservação do ambiente, na transição energética e na economia circular, para a utilização mais eficiente dos recursos.

- Uma Região mais conectada, através do reforço das acessibilidades externas, tornando-as eficientes e resilientes às alterações climáticas, e da melhoria das condições de mobilidade.

- Uma Região mais social e inclusiva, que coloca as pessoas no centro das preocupações das políticas públicas, respondendo aos desafios da demografia e do envelhecimento, da qualificação e necessidade do seu reforço para responder aos desafios da competitividade, do emprego e empregabilidade, e da inclusão e combate à privação material.

- Uma Região mais próxima dos cidadãos, objetivo que remete para a necessidade de atenuar as assimetrias territoriais de desenvolvimento, dada a concentração acentuada de infraestruturas e equipamentos, dinâmicas de atividade, rendimento e emprego, por exemplo, nas zonas urbanas.

É possível fazer um balanço do quadro comunitário de 2014-2020 na Região Autónoma da Madeira?

Ao longo da execução do PO Madeira 14-20 tem sido realizada uma monitorização sistemática e promovidos exercícios avaliativos, que nos

permitem ter uma visão global das ações apoiadas para a prossecução dos objetivos específicos do Programa Operacional e antecipar a concretização e correção das metas de realização física e financeira definidas até 2023.

É neste contexto que conseguimos compreender e medir o impacto dos apoios na melhoria das condições económicas, sociais e ambientais da Região e corrigir trajetórias.

Pretende-se que o PO Madeira 2030 sejam concretizados projetos e intervenções estruturantes para o desenvolvimento da Madeira e do Porto Santo, os quais devem ter em consideração os novos objetivos nos domínios da transição climática e digital, vitais para uma região ultraperiférica como a nossa.

Posso aqui destacar alguns domínios de intervenção do atual período, como a promoção das condições de competitividade nas empresas, o estímulo à I&D e inovação, a educação e formação, da qualificação dos trabalhadores, a qualidade do emprego e mobilidade dos trabalhadores, a proteção do ambiente e a utilização eficiente dos recursos, a sustentabilidade dos transportes, da inclusão social e o combate à pobreza, entre outros. O Programa Madeira 14-20 registou uma forte adesão por parte dos beneficiários, resultado, também, dos 226 Avisos para Apresentação de Candidaturas, publicados

pela Autoridade de Gestão, no âmbito dos quais foram apresentadas 9.776 candidaturas (9.548 ao FEDER e 228 ao FSE). Até à data, das candidaturas apresentadas, já foram aprovadas 8.233 operações (8.047 apoiadas pelo FEDER e 186 pelo FSE), que totalizam cerca de 550 milhões de euros de despesa pública e uma participação dos Fundos Europeus de 467 milhões de euros, representando 100% do total programado para o atual período de programação do PO (465 milhões de euros).

Temos "know how" e temos jovens cada vez mais bem preparados e qualificados para enfrentar os desafios que o futuro nos reserva, formados em diversas áreas pela Universidade da Madeira. Temos empresas inovadoras capazes de afirmar a nossa competitividade num mundo cada vez mais global.

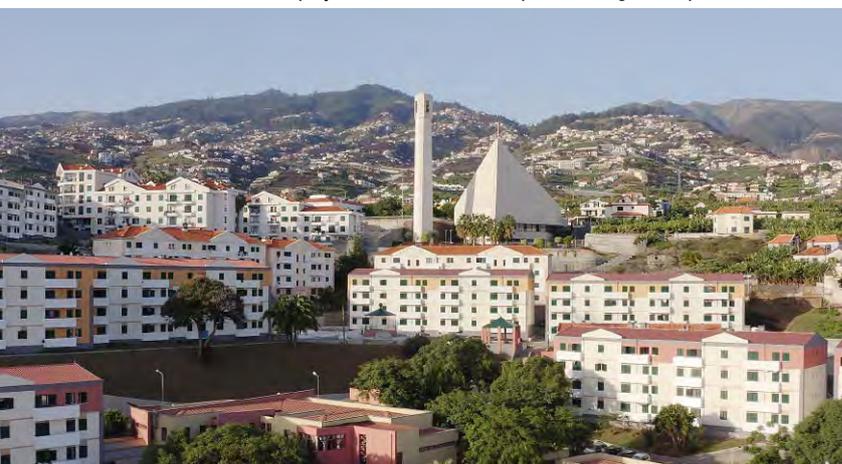
Em dotação direta foi atribuído ao GRM 561 M€ no enquadramento do Plano de Recuperação e Resiliência. Quais as áreas em vão ter o apoio direta destas verbas?

No âmbito da preparação da proposta da Região a integrar o Plano de Recuperação e Resiliência de Portugal (PRR), foram identificadas as medidas e investimentos, para enfrentar o desafio da recuperação, estimular o crescimento e o emprego e para reforçar a resiliência económica e social.



Observatório Oceânico da Madeira (OOM)

Bairro da Palmeira, um projeto reabilitado com o apoio do Programa Operacional Madeira



Conservação e Restauro dos tetos Mudéjares da Sé do Funchal



Reabilitação e restauro do Convento de Santa Clara



Em termos de investimento, a Região afetou a dotação PRR em três dimensões estratégicas:

Se cerca de 70 % do grosso do investimento – 393 milhões de euros – está direcionado e reflete a forte prioridade atribuída ao robustecimento da resiliência, nomeadamente o apoio à saúde e ao fortalecimento do Sistema Regional de Saúde, à habitação, às respostas sociais, à capitalização das empresas e à gestão hídrica, a aposta na transição digital, inovação e ciência – com uma afetação de 99 milhões de euros (17,5%) –, que irá nortear os investimentos da União Europeia, constitui-se, também, como um dos instrumentos essenciais da estratégia de desenvolvimento da Região. Falamos da transformação digital nas infraestruturas do sistema educativo e da formação profissional, nas infraestruturas de saúde, na qualidade nas finanças públicas, na justiça, na economia, etc., que se insere numa estratégia de maior eficácia governativa, através das oportunidades criadas pelas novas tecnologias digitais e dos ganhos de eficiência, da produtividade, competitividade e emprego.

A Madeira quer aproveitar a oportunidade que a crise proporcionou, para se assumir como um polo de referência nos domínios da inovação e da tecnologia, do crescimento inteligente e da competitividade.

No que diz respeito à transição climática e à sustentabilidade dos recursos – com uma afetação prevista de 69 milhões de euros (12,5%) – pretende-se o melhor aproveitamento dos recursos de que a Região dispõe e potenciar o desenvolvimento de setores económicos em torno da produção de energias renováveis e da mobilidade sustentável.

Na retoma pós-pandemia, quais são as grandes prioridades do executivo, nomeadamente, na recuperação do emprego?

No contexto de crise pandémica, a Madeira, muito dependente da atividade turística, foi particularmente afetada no emprego, no PIB e nas receitas fiscais, pelo que era muito importante a alocação destas verbas dos mecanismos de recuperação (PRR e REACT EU) às prioridades regionais, para o relançamento do crescimento sustentável e inclusivo, que facilite a transição ecológica e a transformação digital.

Nesta fase, a estratégia do Governo Regional passa, igualmente, pela dinamização de uma economia que se quer mais resiliente, preparada e competitiva, da mesma forma, menos dependente do setor do turismo, que é a base do nosso tecido empresarial.

As medidas de incentivo à empregabilidade continuam a assumir um papel estruturante, comprovado pela contínua inclusão de medidas de emprego inscritas no Orçamento Regional que, para este ano, ascende a cerca de 22 milhões de euros.

O turismo continua a ser uma área estratégica para a Região, pela atividade económica que produz e pelo efeito multiplicador na criação de emprego e de riqueza, pelo que vamos, naturalmente, continuar a promover o crescimento desta atividade económica, mas pretendemos, da mesma forma, criar alternativas, sobretudo na área do conhecimento e da investigação em todos os campos da ciência e da tecnologia, como base para uma maior competitividade e desenvolvimento da Região.

A Madeira quer aproveitar a oportunidade que a crise proporcionou, para se assumir como um polo de referência nos domínios da inovação e da tecnologia, do crescimento inteligente e da competitividade.

Temos “know how” e temos jovens cada vez mais bem preparados e qualificados para enfrentar os desafios que o futuro nos reserva, formados em diversas áreas pela Universidade da Madeira.

Temos empresas inovadoras capazes de afirmar a nossa competitividade num mundo cada vez mais global. Usufruímos de excelentes condições de comunicação, graças ao investimento em infraestruturas digitais, como é o caso do novo cabo submarino.

Uma evidência que é também confirmada pelas estatísticas de emprego e que revelam que o desemprego registado na Região tem vindo a diminuir há 12 meses consecutivos.

Portanto, estamos a criar as condições para atender a uma nova realidade, cada vez mais assente na tecnologia, na inovação, na transição climática, na ciência e no conhecimento, que nos permitirá não só reter, mas também atrair para a Região, investimento, talento e capacidade de concretização.

Na construção de uma Região mais resiliente e bem preparada para o futuro, temos como áreas prioritárias de investimento, a saúde; o apoio e as respostas sociais; a criação e manutenção do emprego; a habitação; a água, no que diz respeito

à sua canalização, retenção e distribuição; as energias renováveis; a digitalização da Administração Pública, no âmbito da educação, da saúde, do mar e pescas, da modernização administrativa, dos serviços gerais.

Respondendo diretamente à sua questão sobre a recuperação do emprego, saliento que as medidas de incentivo à empregabilidade continuam a assumir um papel estruturante, comprovado pela contínua inclusão de medidas de emprego inscritas no Orçamento Regional que, para este ano, ascende a cerca de 22 milhões de euros. Uma evidência que é também confirmada pelas estatísticas de emprego e que revelam que o desemprego registado na Região tem vindo a diminuir há 12 meses consecutivos.



A BORDADO aposta na internacionalização do BORDADO da Madeira, com o apoio do Programa Operacional Madeira 14-20



Cursos Profissionais do Conservatório

Só para dar um exemplo, no final de fevereiro de 2022, estavam inscritos 14.443 desempregados no Instituto de Emprego da Madeira. Comparativamente a fevereiro de 2021, contam-se menos 5.888 desempregados na Região, o que corresponde a um decréscimo de 29,0%.



Secretaria Regional das Finanças

Unidade de Alzheimer na Ribeira Brava



Reabilitação e restauro do Convento de Santa Clara



Cursos Profissionais do Conservatório contam com o apoio do Programa Operacional Madeira



FDUC: AS QUESTÕES EUROPEIAS NO ENSINO DO DIREITO

Jónatas E. M. Machado, Diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (FDUC), apresenta a estratégia da faculdade que continua na vanguarda do ensino superior a nível nacional e internacional.

Com as portas do conhecimento abertas para o mundo desde 1290, na era da globalização a FDUC reinventa-se aumentando “a oferta em inglês, com novas unidades curriculares de direito público e privado de abertura europeia”, mas também, desejando conquistar espaço à lusofonia e a outros pontos do globo com quem Portugal tem uma relação histórica e cultural.

Estamos numa época da globalização. Como a Faculdade de Direito mais antiga do país se reinventa e continua na vanguarda num enquadramento de “abertura para o mundo”?

A Universidade de Coimbra sempre esteve aberta ao mundo, desde 1290. Estamos conscientes de que somos uma Faculdade de Direito que deve ensinar direito nacional, direito europeu e direito internacional e isso só é possível participando nas grandes discussões políticas, jurídicas, económicas, social e culturais quer se travam a nível global. Para isso, temos que ter uma forte circulação de alunos e professores, indo e vindo como se não existissem fronteiras.

Em relação aos alunos internacionais, quais os mecanismos de captação de estudantes internacionais e o que estes podem encontrar na FDUC?

Estamos a aumentar significativamente a nossa oferta em inglês, com novas unidades curriculares de direito público e privado de abertura europeia, e criámos há pouco uma licenciatura em Direito Luso-Brasileiro, que também pode ser caracterizada como direito europeu-brasileiro, visto que muito do direito nacional é hoje direito da União Europeia concretizado, executado e transposto.

O nosso objetivo é que os alunos entendam desde o início que a Universidade é um espaço plural, multicultural e globalizado, onde se transmitem e aprendem os valores do humanismo, do conhecimento mútuo, da intercompreensão e do diálogo crítico franco e respeitador das diferenças de experiência e opinião.



Recentemente passámos por uma pandemia e a Europa é agora assolada por uma guerra.

Na sua opinião, como a FDUC, como instituição do ensino superior, pode contribuir para minimizar os efeitos deste contexto nos mais jovens, nos seus estudantes, incluindo os estudantes do programa Erasmus?

É importante que os alunos compreendam que o direito constitui, em boa medida, ainda que não só, um instrumento normativo de prevenção e resolução de litígios, nos domínios políticos, geopolítico, económico, laboral e social.

Claro que o direito também pretende gerir e reduzir riscos previamente antecipados. O direito tem um programa normativo de verdade, justiça, solidariedade e integridade que deve ser assumido pela Faculdade e pelas suas unidades curriculares.

Estamos a aumentar significativamente a nossa oferta em inglês, com novas unidades curriculares de direito público e privado de abertura europeia, e criámos há pouco uma licenciatura em Direito Luso-Brasileiro.



Esse programa só pode efetivamente ser levado a cabo em conjunto. A União Europeia tem.

Neste momento politicamente e socialmente conturbado, quais são os grandes desafios para a FDUC e para os jovens estudantes?

As crises da dívida soberana, da pandemia e da guerra mostram que há muito a fazer na área do direito e da regulação, sendo importante que o ensino do direito ande de mãos dadas com a consciência clara dos problemas que hoje todos enfrentamos, e que irão marcar as próximas décadas da vida dos nossos atuais alunos.

É importante que as soluções para esses problemas sejam procuradas em conjunto, de forma aberta, colaborativa e multilateral e não através de estratégias de clausura, fechamento ou isolamento nacionalista ou étnico-religioso.

É por isso, que queremos que alunos de diferentes países e continentes se habituem a estudar e a encarar os desafios juntos.

A União Europeia aposta até 2030 em metas ambiciosas na sustentabilidade, na transição energética e digital. De que forma FDUC incorpora na sua estratégia estas áreas?

Essas devem ser também as nossas metas, devendo ser incorporadas na investigação e no ensino.

Pretendemos adotar uma abordagem baseada em desafios, segundo a qual estudantes, académicos e parceiros externos, nacionais e internacionais, possam cooperar e constituir equipas interdisciplinares para enfrentar os maiores problemas que a Europa enfrenta hoje.

Quais os projetos existentes em cooperação com entidades internacionais, como, por exemplo, órgãos institucionais e centros de investigação?

Infelizmente não tenho tempo e espaço para dar conta de todos os projetos em que a Faculdade, o Instituto Jurídico e os seus centros de investigação estão envolvidos.

Queremos formar juristas completos, que sejam tecnicamente competentes, socialmente responsáveis, eticamente sensíveis, emocionalmente inteligentes, intelectualmente flexíveis, comprometidos com os outros e com o ambiente, atentos à realidade que os cerca e aos desafios globais.

Temos cerca de 20 projetos de investigação neste momento. Para levantar a ponta do véu, posso dizer que eles cobrem temas tão diversos: como a adaptação de direitos reais em sucessão transfronteiriça dentro da UE, a promoção de alternativas não discriminatórias à prisão em toda a Europa, o desenvolvimento de hard skills e soft skills relacionadas com a UE nos sistemas de ensino superior, as melhores práticas para a proteção de infraestruturas face a incêndios rurais, o estudo do impacto do Covid-19 na saúde pública no espaço da lusofonia, os refugiados e o ensino superior ou a diplomacia e a sustentabilidade ambiental, entre outros.

Quais são as grandes metas a curto e médio prazo para a Faculdade de Direito, assim como, no âmbito da sua projeção internacional?

A União Europeia tem uma estratégia do maior relevo para as universidades europeias, que passa pela criação de alianças transnacionais que se tornarão as universidades do futuro, a quem caberá promover os valores e a identidade europeia, revolucionar a qualidade e a competitividade do ensino superior europeu, numa ótica de sustentabilidade, de excelência, de inovação e promoção dos valores europeus dos direitos humanos, da democracia, da paz, da justiça social, do Estado de direito e da economia social de mercado.

A nossa Faculdade tem de saber posicionar-se de maneira proativa neste novo ambiente estratégico, procurando os parceiros certos num espaço geográfico abrangendo toda a Europa, mas sem nunca esquecer a esfera da lusofonia e outros continentes com os quais temos relações culturais importantes.

Também, devemos evoluir para aumentar a oferta de currículos centrados no aluno, possibilitando que diversos corpos estudantis possam construir os seus próprios programas e experimentar a mobilidade em todos os níveis de estudo.

A Universidade de Coimbra sempre esteve aberta ao mundo, desde 1290.

Queremos formar juristas completos, que sejam tecnicamente competentes, socialmente responsáveis, eticamente sensíveis, emocionalmente inteligentes, intelectualmente flexíveis, comprometidos com os outros e com o ambiente, atentos à realidade que os cerca e aos desafios globais que todos enfrentamos.

O DIA DA EUROPA É UM MOMENTO PRIVILEGIADO PARA REFLETIR SOBRE OS PROBLEMAS ATUAIS E CONGRATULAR-NOS COM OS SUCESSOS PASSADOS.



Nas vésperas do Dia da Europa, o Professor Doutor Eduardo Paz Ferreira, Professor Catedrático da Universidade de Lisboa e Presidente do Instituto Europeu da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, faz o balanço do percurso da União Europeia e o que o preocupa em relação ao velho continente.

Qual é o balanço que podemos fazer quanto ao percurso da União Europeia?

É com alegria que celebro o Dia da Europa, o meu Instituto Europeu promove, normalmente, uma sessão de reflexão em torno deste tema. Porque quaisquer que sejam as dúvidas que se possa ter em relação a alguns aspetos do seu funcionamento, ou da evolução do processo de integração da UE desde o Tratado de Roma, o que é certo é que a UE contribuiu para um longo período de prosperidade na Europa que se estendeu até meados dos anos 70.

Na época as Comunidades Europeias abrangiam a Comunidade Económica Europeia, que é aquela que está mais próxima da atual EU, a Comunidade Económica do Carvão e Aço e o Euratom constituindo a solução para dar resposta á difícil situação do pós-guerra em que a Europa se encontrava.

É por isso que no dia 9 de maio a declaração de Shuman é apresentada pelo ministro francês dos Negócios Estrangeiros que refere a importância de proclamar a ideia de que era preciso pôr em comum os bens dos vários Estados, e colocar a trabalhar em conjunto os cidadãos da Europa.

A ideia inicial deve-se a Winston Churchill, que na altura tinha perdido as eleições, mas num discurso na Universidade de Zurique refere que a solução para a Europa,

em que centenas de milhões de pessoas estavam a viver na maior miséria, é de que todos os cidadãos passem a trabalhar juntos. Penso que festejar o Dia da Europa é refletir sobre os seus problemas e congratular-nos com os "nossos" sucessos.

Considera que os ideais Europeus ainda se mantêm?

Continuam a existir europeístas de grande qualidade e relevo. Mas, muito dos que eram os valores fundamentais da ideia de integração económica têm vindo a perder-se, sendo que de alguma forma as Comunidades Europeias foram responsáveis por esta situação ao aceitarem uma política de concorrência agressiva, e de proibição de auxílios estatais, contribuíram de forma decisiva para destruir, ou pelo menos abalar, o estado social da Europa.

Por outro lado, as medidas que foram tomadas, nem sempre foram compreensíveis para a generalidade dos cidadãos, marginalizados nos processos de decisão que passaram a ser comandados por Bruxelas, criando uma ideia aos cidadãos que tinham perdido o poder.

Na realidade, existiram vários erros de conceção e de prática através da criação daquela que se passou a chamar, a burocracia europeia, e por uma tendência excessivamente intervencionista da Comissão Europeia, é algo que se assemelha a um governo de um Estado, mas que não está legitimada para esse fim, mas que, no entanto, decide sobre as coisas mais absurdas como: o tamanho das maçãs ou os tomates, medidas que não são vistas com simpatia pela maioria dos cidadãos. Obviamente, que o que é mais importante são os valores democráticos que estavam subjacentes à integração europeia.

Quando a CEE foi criada, esta era essencialmente um "clubé" para fazer valer os valores da democracia, mas, por outro lado, era igualmente um clube de ricos.

Ou seja, os seis Estados fundadores eram os países mais ricos, e ficaram de fora os países pobres. Mais tarde, apareceram os países do sul da Europa a querer entrar.

A negociação para que Portugal entrasse para União Europeia durou 9 anos, um período absurdo. Quando, mais tarde, se deu um novo alargamento aos países da Europa central e oriental saídos do bloco soviético, não houve nenhum cuidado para garantir que a democracia estava estabilizada e que esses valores eram respeitados.

Atualmente, com uma Europa mais global e com a tendência para um maior alargamento, com a entrada de novos países.

Na sua opinião o que podemos esperar desta Europa?

O problema é o da radicalização e quando temos partidos da extrema-direita que vão assumindo posições de uma importância relevante, e que chegam a ter no parlamento europeu uma presença efetiva, e são fortemente financiados pela União Europeia para fazerem campanha contra a própria União, como aconteceu no caso do Brexit.

As medidas que foram tomadas, nem sempre foram compreensíveis para a generalidade dos cidadãos, marginalizados nos processos de decisão que passaram a ser comandados por Bruxelas, criando uma ideia aos cidadãos que tinham perdido o poder.

Atualmente, a situação política está baralhada, porque existe uma afirmação dos interesses individuais em detrimento do bem comum, e isso acontece de forma muito efetiva em relação à União Europeia.

Com os acordos alcançados na Europa durante a pandemia do Covid-19, poderá mudar rumo desta EU "de cada um por si"?

Sim, em certo sentido, mas quando surgiu a pandemia, começou por existir um oportunismo de países que conseguiram obter vacinas em melhores condições que os outros. No início verificou-se alguma confusão, mas depois, as coisas começam a avançar melhor, sobretudo quando se esboça o problema da recuperação económica da crise provocada pela pandemia.

E aí surge um plano extremamente ambicioso, que foi o do presidente Joe Biden, que tentou relançar uma espécie de New Deal. A solução europeia é mais moderada, menos ambiciosa, mas implica de qualquer forma aspetos interessantes.

O problema é o da radicalização e quando temos partidos da extrema-direita que vão assumindo posições de uma importância relevante, e que chegam a ter no parlamento europeu uma presença efetiva, e são fortemente financiados pela União Europeia para fazerem campanha contra a própria União, como aconteceu no caso do Brexit.

O maior passo foi ter sido aceite pela primeira vez, o que se pode designar por mutualização da dívida, isto é, a União Europeia endividar-se-ia junto dos bancos em nome de todos os Estados.

Este aspeto significa que é possível obter empréstimos em melhores condições e que puderam ser retransferidos para os Estados em forma de empréstimo, outros como subsídio a fundo perdido.

Este, sem dúvida, foi um bom movimento e permite-nos encarar os próximos anos de forma mais confortável, e pode ser que seja o início de uma futura dinâmica de cooperação mais intensa e de uma Europa coesa.

Considera que a guerra na Ucrânia, é outro desafio à resistência europeia?

O novo desafio à coesão europeia é a invasão Russa da Ucrânia. Esta será a guerra mais imprevisível em relação às suas consequências. Por um lado, verificou-se a dificuldade da União Europeia por não dispor de mecanismos de defesa que pudessem auxiliar a Ucrânia, uma vez que esta não é um Estado Membro, mas também, existem divergências quanto às sanções que devem ser aplicadas, pelo que tem sido um período de decisões difíceis.

O que eu gostaria é que fosse possível retomar a ideia que foi expressa pelo presidente De Gaulle: "Uma Europa unida do Atlântico até aos Urais", em que todos os países pudessem formar os Estados Unidos da Europa, ou a casa comum europeia sonhada por Gorbatchov.

AULP: A MOBILIDADE DO ESPAÇO LUSÓFONO DO UNIVERSO ACADÉMICO



João Nuno Calvão da Silva
Presidente da AULP



Este é um espaço dedicado às instituições de ensino superior de língua portuguesa, “com a finalidade de aproximar dinâmicas científicas e expandir os intercâmbios nos domínios do ensino e da investigação científica.

Através da ação de mobilidade internacional, queremos valorizar as diversas culturas e criar mais oportunidades de formação e troca de saberes no universo académico do espaço lusófono.” João Nuno Calvão da Silva, Presidente da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP), revela o papel da AULP na promoção da interculturalidade e da língua portuguesa.

Qual a missão da AULP e de que forma tem promovido o intercâmbio e transmissão de conhecimento entre as instituições de ensino superior de língua portuguesa?

A nossa missão é facilitar a comunicação entre os membros em prol do desenvolvimento coletivo do ensino e da língua portuguesa no mundo, impulsionando a cooperação universitária, o intercâmbio de alunos e docentes, a formação e a investigação.

Somos uma ONG internacional com mais de 130 membros dos oito países de língua oficial portuguesa – Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Macau.

Promovemos uma ampla colaboração multilateral, com a troca de informação e de parcerias entre Universidades, estudantes, professores e investigadores com ações conjuntas entre os nossos membros, para que se opere o reconhecimento da importância e da força desta comunidade de pessoas que falam a língua portuguesa. Entre as múltiplas atividades que dinamizam a promoção da língua portuguesa, realizamos encontros anuais, reuniões bilaterais temáticas, temos ainda o Prémio Fernão Mendes Pinto e a Revista Internacional em Língua Portuguesa.

Qual o papel da AULP na mobilidade de estudantes, nomeadamente em relação aos países de expressão portuguesa?

Desde a nossa fundação, em 1986, a AULP garante a dinamização de uma rede de universidades de língua portuguesa, com a finalidade de aproximar dinâmicas científicas e expandir os intercâmbios nos domínios do ensino e da investigação científica. Através da ação de mobilidade internacional, queremos valorizar as diversas culturas e criar mais oportunidades de formação e troca de saberes no universo académico do espaço lusófono.

Constatamos que há uma grande qualidade nos resultados obtidos. Destacam e agradecem pela melhor formação no fim da mobilidade, muito entusiasmo para continuar o seu crescimento académico e profissional.

As nossas ações de mobilidade promovem a creditação e a qualidade das instituições, a internacionalização do ensino superior, a mobilidade académica e a formação de pós-graduação.

Estamos sempre a trabalhar para expandir a nossa rede de ações, fomentando os nossos canais de comunicação nos países membros. Estamos a preparar o nosso Encontro Anual que se realizará nos dias 12 a 14 de julho deste ano, em Coimbra.

De que forma a AULP tenta colmatar as lacunas referentes aos estudantes com menos recursos de forma a dar-lhes a oportunidade de estudar no estrangeiro?

Temos programas de mobilidade académica que abrangem principalmente esses alunos, entre instituições dos países de língua oficial portuguesa, Timor-Leste e Macau. Juntamente com os nossos parceiros, apoiamos e efetivamos a receção das candidaturas e a mediação de interesses dos estudantes dessas comunidades, bem como da consequente adesão das universidades e institutos politécnicos membros da AULP para garantir o melhor dessa experiência para as suas formações.

Promovemos um conjunto de esforços para essa cooperação interuniversitária, oferecendo aos estudantes a oportunidade de usufruírem de uma bolsa monetária de estudos, isenção de pagamento de mensalidades e apoio às viagens, para assim, estudarem num outro país de língua portuguesa e viverem a experiência do intercâmbio.

Qual a importância que esta iniciativa tem tido na promoção da interculturalidade e da língua portuguesa?

Podemos afirmar que já há resultados significativos. A língua portuguesa, a literatura e as artes estão presentes e são ressaltadas pelos estudantes como o caminho de ligação e o fortalecimento da interação cultural, assim como, formativa que eles viveram. Muitos que passaram pela mobilidade referem o crescimento da qualidade da sua formação através da mobilidade e do melhor conhecimento da língua portuguesa.

Quando foi criado e qual o balanço que poderemos fazer quanto aos resultados do Programa de Mobilidade da AULP?

Temos mais confiança quando recebemos os testemunhos dos próprios estudantes, das próprias universidades e institutos politécnicos, entidades envolvidas na ação da mobilidade estudantil. Eles falam por si, definem tudo o que viveram dentro dessa experiência, do que aprenderam, os seus reais sentimentos e os desafios enfrentados nesse processo.

Constatamos que há uma grande qualidade nos resultados obtidos. Destacam e agradecem pela melhor formação no fim da mobilidade, muito entusiasmo para continuar o seu crescimento académico e profissional.

Neste âmbito, quais os futuros projetos da AULP que podemos destacar?

Estamos sempre a trabalhar para expandir a nossa rede de ações, fomentando os nossos canais de comunicação nos países membros. Estamos a preparar o nosso Encontro Anual que se realizará nos dias 12 a 14 de julho deste ano, em Coimbra.

Reuniremos todos os nossos membros da comunidade académica e faremos o lançamento oficial das novas edições da revista RILP sobre a temática destaque dos últimos dois anos, período que mudou as nossas vidas – a pandemia.

Quanto às nossas ações de mobilidade, concretizamos novas candidaturas e novos consórcios.

Apesar de todos os constrangimentos provocados pela pandemia, e a dificuldade em efetuar contactos e deslocações, apresentamos a primeira candidatura para mobilidades ao abrigo Erasmus+ e Acreditação do Consórcio de Mobilidade Erasmus+ (Consórcio ProCultura+), conjuntamente com as IES membros do Consórcio ProCultura+ e as IES parceiras nos PALOP-TL.

Esse consórcio vai abranger os nossos estudantes dos PALOP-TL, com mais opções de escolha para fazerem mobilidade.



Por Joaquim Bernardo, Presidente do Programa Operacional Capital Humano (PO CH)

A educação é um instrumento central na melhoria das condições de vida das populações.

É um meio para atingir um fim, mas que precisa de uma estratégia clara, com objetivos e metas bem definidas, que mobilizem os diferentes atores, tendo ainda que ter, para o efeito, os recursos ajustados a esses objetivos.

É nesse campo o trabalho que o PO CH desenvolveu através do investimento do Fundo Social Europeu, complementado pelos recursos nacionais, ao longo dos últimos 7 anos, em Portugal.

Com um investimento total de 4 622 milhões de euros (M€), dos quais 3 944 M€ comparticipados pelo Fundo Social Europeu, há evidências claras de que este investimento dinamizado no contexto do PO CH deu um relevante contributo para o reforço da educação e formação no nosso país, apoiando a (re)qualificação de mais de 921 mil pessoas, desde 2014 até ao fim de março deste ano.

O PO CH apoia medidas que suportam a formação inicial de jovens, o ensino superior e a formação avançada, bem como a requalificação de adultos, investindo ainda na melhoria da qualidade da educação e formação.

São apoios para elevar a qualificação da população, apostando na formação de quadros intermédios e superiores, incluindo uma relevante aposta na formação da população adulta com competências novas ou atualizadas, com especial enfoque nas digitais e verdes, que lhes permitam uma evolução na carreira profissional.

Na área da formação inicial de jovens, o PO CH aposta nas vias da dupla certificação, que possibilitam a conclusão do ensino básico ou secundário, ao mesmo tempo que permitem a obtenção de uma certificação profissional.



Joaquim Bernardo,
Presidente do Programa Operacional Capital Humano (PO CH)

PO CH 2014-2020 - 7 ANOS A (RE)QUALIFICAR A POPULAÇÃO RESIDENTE EM PORTUGAL

Destes apoios, que se concentram atualmente nos cursos de educação e formação de jovens e nos cursos profissionais, já usufruíram 292 mil jovens, com um investimento de 2 254 milhões de euros (M€).

Com este investimento, o PO CH tem contribuído de maneira ímpar para a diminuição do abandono escolar precoce, cuja taxa alcançou no fim de 2021 o valor mais baixo de sempre, de 5,9%, tendo caído 13 pontos percentuais (pp) desde 2014, quando teve início o programa.

As vias de dupla certificação são uma alternativa para todos os alunos que preferem uma aprendizagem de caráter mais prático e diretamente relacionada com o mercado de trabalho, proporcionando uma aproximação à vida ativa através das formações em contexto de trabalho.

Os alunos que concluem o ensino secundário no contexto destas vias têm igualmente a possibilidade de prosseguir para o ensino superior, caso o desejem. Para avaliar a eficiência e a eficácia das medidas apoiadas pelo Fundo Social Europeu no âmbito da formação inicial de jovens, sobretudo no que se refere aos cursos profissionais, o PO CH levou a cabo uma avaliação que foi concluída no último trimestre de 2021.

A avaliação do contributo do Portugal 2020 para a promoção do sucesso educativo, redução do abandono escolar precoce e empregabilidade dos jovens permite aferir, entre outras conclusões, que em 100 alunos, 87 dos cursos profissionais e 57 dos cursos científico-humanísticos completaram o ensino secundário no tempo próprio.

Conclui também que em 100 alunos, 54 dos cursos profissionais e 36 dos cursos científico-humanísticos encontraram o primeiro trabalho até 6 a 9 meses após a conclusão dos seus cursos.

Ao nível do ensino superior, desde 2018 que o PO CH financia apenas o instrumento financeiro para empréstimos a jovens estudantes universitários como apoio à frequência deste nível de ensino. São empréstimos que proporcionam condições mais favoráveis, em matéria de garantia para a concessão dos mesmos e do reembolso dos montantes concedidos que só ocorre algum tempo após o ingresso dos beneficiários no mercado de trabalho.

Antes disso, entre 2014 e 2018 apoiou outras medidas, como as bolsas de ação social para estudantes de ensino superior carenciados, os cursos Técnicos Superiores Profissionais e as bolsas de doutoramento e pós-doutoramento.

Foram mais de 128 mil os estudantes apoiados pelo PO CH, com um montante aprovado que ultrapassa os 668 M€, dos quais 568 M€ comparticipados pelo FSE.

Os apoios à formação superior e avançada contribuíram para a subida da taxa de diplomados no ensino superior, na faixa etária dos 30-34 anos.

Esta taxa atingiu, no fim de 2021, o valor mais alto de sempre, 43,7%, acima da meta europeia definida para 2020 de 40%.

Esta área foi alvo de duas avaliações, dentro do Plano Global de Avaliação do PO CH. A primeira, concluída em 2018, afere os resultados dos apoios à formação avançada, através das bolsas de doutoramento e pós-doutoramento, e concluiu que potenciam a empregabilidade dos ex-bolseiros, para além de reconhecer a importância destes apoios para a realização dessa formação.

A Avaliação do contributo do Portugal 2020 para o aumento dos diplomados do ensino superior, terminada em março deste ano, revelou que os estudantes com bolsa de ação social desistem menos e têm mais probabilidade de se manterem inscritos ao fim do primeiro ano. Mostra também que atingem mais facilmente com sucesso o diploma no tempo certo e que têm melhores resultados e notas no fim do curso frequentado.

O PO CH apoia medidas que suportam a formação inicial de jovens, o ensino superior e a formação avançada, bem como a requalificação de adultos, investindo ainda na melhoria da qualidade da educação e formação.

A dinamização da aprendizagem ao longo da vida constitui a segunda maior área de investimento do PO CH, visando contribuir para atenuar o défice estrutural do país em relação ao nível de qualificação médio de ainda uma grande fatia da população residente em Portugal.



De facto, apesar de todo o esforço desenvolvido neste âmbito, ainda há um longo caminho a percorrer para que se atinjam em Portugal níveis de qualificação da população adulta equiparados aos europeus.

No fim de 2021, a taxa de população adulta com o nível secundário ou superior de educação, na faixa etária 25-64 anos, situava-se nos 60,2%, ultrapassando a meta traçada pelo Plano Nacional de Reformas (PNR) e pela Estratégia Europa 2020 (EE 2020), de 50% para 2020.

Uma subida bastante significativa, de 16 pp desde o início do programa, em 2014, mas que está ainda longe da média da EU27 que, ainda sem valores apurados para 2021 era, em 2020, de 79%.

Ao nível do ensino superior, desde 2018 que o PO CH financia apenas o instrumento financeiro para empréstimos a jovens estudantes universitários como apoio à frequência deste nível de ensino.

Nesta área, o PO CH apoia os Centros Qualifica, que aconselham e encaminham os adultos para as ofertas formativas mais ajustadas às necessidades individuais e reconhecem, validam e certificam competências escolares e/ou profissionais adquiridas ao longo da vida.

O Programa apoia ainda, neste âmbito, os cursos de aprendizagem e os cursos de educação e formação de adultos, ambas modalidades de dupla certificação.

Os apoios nesta área atingiram a 31 de março de 2022 os 964 M€, dos quais 820 milhões suportados pelo FSE. Foram apoiadas 434 mil pessoas até à mesma data.

Na temática da aprendizagem ao longo da vida, o PO CH promoveu a avaliação do contributo do Portugal 2020 para o aumento da qualificação e empregabilidade dos adultos, outra avaliação integrada no seu Plano Global de Avaliação.

Esta avaliação comparou a realidade dos adultos empregados e desempregados, que usufruíram de formação apoiada pelo POCH e outros Programas do Portugal 2020 com outros adultos, com perfis semelhantes, mas que não usufruíram destas medidas.

Concluiu-se que os adultos desempregados ou inativos que participaram em formação têm uma probabilidade muito superior de aceder a emprego - chega a ser 18 vezes superior aos que não beneficiaram desses apoios.

Também os adultos empregados que concluíram formações têm uma probabilidade superior de trabalhar um ano completo, no ano seguinte ao da formação. Conclusões como estas permitem aferir o importante impacto das medidas apoiadas na vida dos adultos abrangidos.

Por fim, o PO CH investe no incremento da qualidade e inovação do sistema de educação e formação, onde se inserem os apoios ao Plano de Transição Digital da Educação. Nesta área já foram investidos 297 M€, com uma componente FSE de 268 M€. Destes, cerca de 115 M€ destinaram-se às medidas de apoio à digitalização da educação.

Estão já entregues mais de 174 mil computadores portáteis e respetiva conectividade a alunos que beneficiam da ação social escolar e que frequentam escolas públicas do ensino secundário, das regiões Norte, Centro e Alentejo, bem como aos que frequentam o ensino básico e secundário das escolas públicas situadas em Lisboa e Algarve.

Estão também entregues 83 mil equipamentos a docentes nas mesmas regiões, a quem é também disponibilizada formação em competências digitais, para potenciar a utilização destes equipamentos e respetivos recursos digitais nos processos de ensino e aprendizagem.

Nesta área cabem ainda medidas de grande impacto, como o apoio ao reforço dos serviços de psicologia e orientação escolar, com mais 306 psicólogos que estão hoje ao serviço das nossas escolas públicas, a formação contínua de docentes e outros profissionais do sistema de ensino, envolvendo já mais de 66 mil pessoas em ações de formação, bem como o apoio a projetos inovadores e que, pelas suas características orientadas para o sucesso escolar, promovam a qualidade do sistema de educação e formação.

Este tem sido o trabalho desenvolvido pelo PO CH, durante o período 2014-2020, ao qual será dada continuidade no período de programação 2021-2027, mas procurando melhorar ainda os resultados já alcançados.

De uma maneira geral, mais qualificação traduz-se em melhores oportunidades de emprego e salários mais elevados, sendo ainda um investimento fundamental para sustentar uma cidadania mais ativa e informada.

O reconhecimento de que a qualificação é condição indispensável para a transição para uma economia cada vez mais baseada no conhecimento e com níveis de qualidade de vida mais próximos da média europeia, faz com que o compromisso para o próximo período de programação seja o de dar uma continuidade às políticas reformista que têm vindo a ser apoiadas pelo PO CH, reconhecendo-se a necessidade de melhorarmos ainda o nosso desempenho, designadamente em matéria de conclusão com sucesso das formações apoiadas e de elevação dos níveis de empregabilidade após essa conclusão.

A continuação da aposta na formação inicial de jovens para incrementar o crescimento da mão-de-obra de nível intermédio, na qualificação e requalificação de adultos, sobretudo ao nível das competências digitais e no ensino superior, para aumentar o número de diplomados neste nível de ensino, são compromissos assumidos à partida.

Os números falam por si e são muito importantes, mas os apoios revelam-se fundamentais para as histórias de vida em que a formação alicerça o crescimento das pessoas e das famílias.

É com orgulho na população portuguesa que usufruiu destes apoios que o PO CH simbolicamente partilha duas histórias de percursos formativos de sucesso.

A do Fernando Nené na área da formação de jovens e a da Edite Godinho, uma história de aprendizagem ao longo da vida.

Eles são apenas dois exemplos das possibilidades que a Europa e o Estado português oferecem aos cidadãos, para que estes cresçam pessoalmente e façam crescer o nosso país.

O PO CH investe no incremento da qualidade e inovação do sistema de educação e formação, onde se inserem os apoios ao Plano de Transição Digital da Educação. Nesta área já foram investidos 297 M€, com uma componente FSE de 268 M€. Destes, cerca de 115 M€ destinaram-se às medidas de apoio à digitalização da educação.



HISTÓRIAS DE SUCESSO



FERNANDO CABRILLA NENÉ

Curso Profissional de Técnico de Manutenção Industrial
Início e fim da formação: 2013/2016
Entidade Formadora: EPA - Escola Secundária D. Manuel I, do Agrupamento de Escolas nº 2 de Beja

Fernando nasceu em Beja e ingressou no Ensino Profissional, na Escola Secundária D. Manuel I, do Agrupamento de Escolas nº 2 de Beja.

Enveredou por esta via para entrar rapidamente no mercado de trabalho, por razões económicas. O curso profissional de Técnico de Manutenção Industrial foi a sua opção, porque se inseria numa área que lhe agradava e que julgava ter boas perspetivas de emprego.

Daquilo que pôde constatar, todos aqueles que terminavam o curso ou eram rapidamente integrados no mercado de trabalho e/ou prosseguiram estudos.

Na entrevista de admissão ao curso, o diretor falou-lhe de duas empresas, a EDP e a Autoeuropa que absorviam grande parte da mão-de-obra formada pela escola. Contexto perfeito para o Fernando que não queria sair de Beja quando ingressasse no mercado de trabalho.

Apresentou o projeto de final de curso, em junho de 2016 e, como foi o melhor aluno da turma, pôde escolher a empresa em que pretendia estagiar.

Preferiu a Autoeuropa mas, logo a seguir, em agosto do mesmo ano, começou a trabalhar na EDP Produção, onde se manteve até novembro de 2019, quando saiu para a EDP Distribuição, ao ser-lhe oferecida uma proposta de trabalho mais vantajosa.

Não espanta que para o Fernando os cursos profissionais sejam uma ótima opção de ensino, mesmo que, para serem concluídos com sucesso, envolvam muito trabalho e empenho.

Esta via, para além de apoiar os formandos economicamente, abre portas a muitas opções, desde o ingresso imediato no mercado de trabalho, com ótimas oportunidades de futuro, até ao prosseguimento de estudos.

Considera que, no seu caso, os apoios do PO CH, através do investimento do Fundo Social Europeu, deram uma grande ajuda para a concretização dos objetivos formativos. Sente, por isso, que fez uma excelente escolha ao optar pelo ensino profissional.

Na área da formação inicial de jovens, o PO CH aposta nas vias da dupla certificação, que possibilitam a conclusão do ensino básico ou secundário, ao mesmo tempo que permitem a obtenção de uma certificação profissional.

Fernando está neste momento a frequentar um Curso Técnico Superior Profissional de Comércio Internacional no Instituto Politécnico de Beja, para depois poder prosseguir para uma licenciatura de Gestão de Empresas.

Não fecha portas, mas o seu objetivo de médio prazo é evoluir na carreira, na área e na empresa onde se encontra a trabalhar.



EDITE GODINHO

Centro Qualifica/RVCC de nível secundário
Início e fim da formação_2015-2016
Entidade Formadora: Centro Qualifica do Agrupamento de Escolas nº 1 de Gondomar

Apesar de ter abandonado a escola aos 13 anos, com o 7º ano, a Edite sempre teve a intenção de concluir a escolaridade obrigatória. Viveu em Madrid durante alguns anos, o que não facilitou a concretização do seu objetivo.

Logo que pôde, concluiu o 9º ano e foi fazendo formações temáticas.

Quando voltou, e porque a “vida” lhe proporcionou, teve a oportunidade de abrir a sua própria escola de condução e trabalhar numa atividade que lhe despertava interesse.

Começou por trabalhar na escola como administrativa, mas não queria ficar por aí. A Edite queria ser instrutora de código e condução, para ir ao encontro do seu gosto pela prática da condução automóvel.

Para prosseguir o seu objetivo, ingressou, em 2015, num processo RVCC (reconhecimento, validação e certificação de competências), no Centro Qualifica do Agrupamento de Escolas nº 1 de Gondomar, para obter a equivalência ao 12º.

Em 2016 viu o seu percurso de vida certificado com aquela equivalência.

Ter o 12º ano de escolaridade permitiu-lhe a frequência do curso de instrutora, ao qual deu início logo de seguida e que terminou em janeiro de 2019.

A dinamização da aprendizagem ao longo da vida constitui a segunda maior área de investimento do PO CH, visando contribuir para atenuar o défice estrutural do país em relação ao nível de qualificação médio de ainda uma grande fatia da população residente em Portugal.

Sobre o processo RVCC, a Edite acredita que, para além de lhe ter aberto novas oportunidades de carreira, foi também muito importante para o seu crescimento pessoal.

Para o futuro, não descarta a possibilidade de ingressar num curso superior uma vez que o gosto por estudar continua.

A Edite foi uma das vencedoras do Prémio Capital Humano, promovido pelo PO CH em 2020, na categoria de Formação de Adultos, trabalhadores-estudantes.

O seu percurso formativo e as consequências que dele tirou para a sua carreira profissional são um exemplo de como a formação pode mudar a vida de jovens ou adultos.

O processo RVCC que a Edite frequentou foi apoiado pelo PO CH, através do investimento do Fundo Social Europeu (FSE). Segundo ela, estes processos são um incentivo para os adultos completarem a sua formação básica ou secundária.





José Manuel Vaz Carpinteira, Presidente da Câmara de Valença.

Valença e Tui são duas cidades do Norte de Portugal e da Galiza que o Rio Minho une pela Ponte Centenária Internacional, desde 1886.

O seu património e história são símbolos seculares de união e prosperidade comum.

A Fortaleza de Valença, um rico e vasto património setecentista edificado sobre o Minho, é agora símbolo da modernidade e da tradição no comércio local. A rede museológica alberga as heranças do passado e os feitos de nobres valencianos que elevam o nome da cidade.

O centro histórico de Tui, um dos mais atrativos da Galiza, revela nas suas ruas, de herança medieval, testemunhos de séculos de história, onde pontifica a imponente Catedral de Santa Maria.

Os verdes montes, Faro e Alóia, e as águas azuis do Rio Minho, são as riquezas naturais que a Eurocidade destaca e promove para a prática de desportos de natureza e contemplação do meio natural. A Ponte Internacional Centenária, as relações sociais e comerciais a ambos os lados da fronteira e a identidade própria da raia minhota reforçaram os laços existentes entre Valença e Tui culminando na constituição de uma Eurocidade.

Assim, a 12 de março de 2011, assinou-se o protocolo de geminação entre as cidades de Valença e Tui, por ocasião do 125º aniversário da Ponte Internacional. Quase um ano depois, a 10 de Fevereiro de 2012, o Município de Valença e Tui, formalizaram através de um convénio com o Agrupamento Europeu de Cooperação Territorial Galiza e Norte de Portugal, a criação do projeto Eurocidade Valença-Tui, com o objetivo de fortalecer as relações de cooperação institucional, económica, social, cultural e ambiental, em contexto fronteiriço,

A EUROCIDADE VALENÇA-TUI NÃO SE SENTE, VIVE-SE!

promovendo, ainda, a utilização e partilha de serviços e equipamentos municipais comuns.

Principais marcos da Eurocidade Valença-Tui

Uma agenda anual de eventos culturais e desportivos, envolvendo as associações e coletividades das duas cidades; o trabalho desenvolvido com as academias e escolas de música no ensino de jovens valencianos e tudenses; o estímulo do empreendedorismo através de iniciativas culturais, de que são exemplo os espetáculos únicos do festival de piano e teclado IKFEM; o projeto “Rio Minho – Destino Navegável que permite vistas e paisagens incomparáveis através de viagens de barco no Rio Minho; o comboio turístico que cativa visitantes e eurocidadãos; a partilha e a cooperação entre os técnicos municipais que diariamente compartilham ideias e visões para a projeção da Eurocidade; o reconhecimento de Valença-Tui como a porta de entrada do Caminho Português a Santiago, agora reforçada com a recente certificação, pelo Governo Português, do Caminho Português da Costa.

O grande impulso para a maturação deste projeto foi, no entanto, a aprovação da candidatura.

“Unicidade – Eurocidade Tui-Valença.”

Este projeto, cofinanciado pelo programa Interreg V-A Espanha-Portugal 2014-2020, é um dos seus baluartes, pois permitiu o desenvolvimento de um conjunto de ações com o propósito de construir uma Eurocidade, que seja cada vez mais um espaço singular e um exemplo de cooperação e cidadania europeia.

Através dele, foi possível implementar uma agenda estratégica de eventos importantes para a atratividade e desenvolvimento do nosso território comum, como o FIAR-Festival Internacional de Artes de Rua, o MUMI-Feira Profissional de Música, o Urban Trail Night ou o BTT Eurocidade.

Após a construção desta agenda e projetos culturais e desportivos comuns, urge dar o próximo passo para uma maior convergência institucional, económica e social, promovendo a partilha e utilização de serviços como um instrumento dinamizador da Eurocidade Tui-Valença.

É necessário focar-nos no futuro, numa visão de médio-longo prazo para a afirmação da nossa Eurocidade, como uma referência na cooperação transfronteiriça, com efeitos claros no desenvolvimento e aproveitamento das potencialidades únicas do nosso território. Por isso, estamos a trabalhar conjuntamente no diagnóstico e definição da Estratégia Eurocidade 2030, tendo em vista o aproveitamento do Programa Interreg 2021-2027.

Estratégia Eurocidade 2030.

São prioridades a criação de condições para o aproveitamento dos recursos locais e naturais comuns, como o nosso Rio Minho; a simplificação das burocracias transfronteiriças e trabalhar com os respetivos Governos na criação e reforço da figura do Trabalhador Transfronteiriço; a eliminação dos obstáculos à mobilidade transfronteiriça; a promoção do Património Cultural Material e Imaterial; a valorização do nosso património linguístico, com origens comuns; a formação, a capacitação e a colaboração das nossas forças na gestão de emergências, na área da Saúde ou da Proteção Civil; o desenvolvimento e inovação territorial; a cooperação cultural, turística, industrial e comercial sustentável; a transição digital, energética e o combate às alterações climáticas; a demografia e a harmonização do acesso aos serviços básicos de saúde, educação ou ensino superior; interceder junto das entidades governamentais competentes por legislação transfronteiriça que reconheça a especificidade destes territórios e os privilegie na captação de financiamentos comunitários para o seu desenvolvimento.

É desafiante mas simultaneamente estimulante pensar os próximos 10 anos da Eurocidade Valença-Tui, sendo que, para o desenvolvimento de projetos de cooperação, que ambicionem uma promoção crescente do nosso tecido económico, empresarial, tecnológico, académico, social, cultural ou desportivo, é necessário o reconhecimento da personalidade jurídica da Eurocidade Tui-Valença.

Seja como for, Valença e Tui oferecem oportunidades e potencialidades únicas e um vasto património histórico, cultural, natural e social, que merecem uma visita para desfrutar das suas belas paisagens, dos seus imponentes monumentos e da rica e sedutora gastronomia.



A Eurocidade Valença Tui não se sente, vive-se!



PROCARE: A CUIDAR DA SAÚDE FEMININA



Miguel Coelho, Country Manager da Procure Health Portugal, destaca como a farmacêutica investe em soluções inovadora e eficazes, de forma a especializar-se na saúde da mulher e acompanhá-las nas várias fases da vida.

O Aparelho Reprodutor Feminino é de alguma complexidade e único, até porque está preparado para conceber vida. De que forma a Procure Health Portugal acompanha as várias etapas do crescimento da mulher?

Há algum tempo, um ilustre Ginecologista fazia um comentário que passei a utilizar. Dizia ele que o aparelho reprodutor feminino quase tem personalidade própria e é por isso que procuramos saber cada vez mais e nos especializamos na Saúde da Mulher. Acompanhamos as mulheres nas várias fases da vida, principalmente a partir do momento em que se tornam adultas e iniciam a sua vida sexual.

A idade, o estilo de vida, a educação para a saúde são fatores que provocam alterações na saúde da mulher.

O consumo de tabaco, o exercício físico de alta intensidade, os métodos contraceptivos ou a alimentação podem aumentar a probabilidade de terem alterações na saúde vaginal, pelo que é importante estudarmos soluções terapêuticas para dar resposta a situações de doença que surgem em qualquer altura.

Existem, no entanto, dois momentos que assinalamos como de particular importância: a decisão de ter um filho e a menopausa, estas são duas fases da vida da mulher que estudamos exaustivamente e desenvolvemos terapêuticas inovadoras e eficazes que permitem à mulher enfrentar estes momentos de forma natural, podendo desfrutar das mudanças de vida resultantes das transformações que o seu corpo vai operando nesses momentos.

O HPV é um vírus responsável por um número elevado de infeções no trato ano-genital, alguns tipos de HPV são considerados oncogénicos, a prevenção é realizada através da vacinação. Quais as soluções de tratamento neste âmbito que a Procure Health apresenta?

A maioria das mulheres terá uma vez contacto com o HPV, dada a sua transmissibilidade. Como refere, algumas das variáveis desse vírus são oncogénicas, podendo esta infeção evoluir para um cancro do colo do útero. Infelizmente, continuamos a registar perto de uma mulher por dia que morre com cancro uterino.

Ao nível da prevenção primária, o Plano Nacional de Vacinação dispõe de uma vacina que cobre as mais importantes estirpes de HPV quanto à sua oncogenicidade. Contudo, esta é uma das áreas que tem merecido maior atenção por parte dos investigadores da Procure Health. Na verdade, existia uma lacuna terapêutica no processo de infeção por HPV. Entre o momento do teste positivo para HPV e a sua regressão espontânea ou evolução das lesões para graus mais elevados, nada havia a fazer senão esperar.

O que fizemos foi estudar esse processo e desenvolver um produto que atuasse sobre os diversos fatores modificáveis que facilitam a "acomodação" do HPV no organismo.

Paralelamente, implementámos um exigente plano de investigação clínica que acompanha este produto, fruto da sua complexa composição, que envolve 7 ingredientes, e apresentamos os resultados desses estudos nos mais importantes congressos nacionais e internacionais, assim como publicámos em prestigiadas revistas médicas.

Naturalmente, que esta nossa postura reforça a confiança de que estamos a aportar valor na forma como trabalhamos.

Quais os principais desafios que se colocam para uma farmacêutica dedicada à saúde feminina, que tem um papel informativo, mas também, de responsabilidade social no século XXI e quais as maiores preocupações?

Orgulho-me da experiência profissional que tenho ao serviço da Indústria Farmacêutica e é com desapontamento que vejo este sector vital da economia e da saúde ser alvo de alguma desinformação. Os laboratórios de Investigação, enquanto empresas, têm o objetivo de ter lucros, nada mais legítimo.

Mas quando alocamos cerca de 25% do nosso volume de negócios na investigação de novas armas para combater a doença, pergunto: Se isto não é responsabilidade social, então o que será?

Para além da função que temos enquanto organização e das estratégias ambientais que seguimos com rigor.

Por outro lado, precisamos de técnicos de saúde cada vez mais preparados. Temos um programa de apoio à formação pós-graduada que desenvolvemos em parceria com as sociedades médicas.

Existem dois momentos que assinalamos como de particular importância: a decisão de ter um filho e a menopausa, são duas fases da vida da mulher que estudamos exaustivamente e desenvolvemos terapêuticas inovadoras e eficazes que permitem à mulher enfrentar estes momentos de forma natural.

Preocupações? Apenas a de manter a capacidade de inovar em cada dia que passa.

Na celebração do Ano Europeu da Juventude e pela vossa experiência de acompanhamento de mercado, quais são as grandes preocupações e dúvidas das jovens mulheres?

Temos o desafio de aumentar a literacia na saúde junto das doentes, a começar na juventude. Como exemplo, no caso específico do HPV, procurámos recordar que esta é uma comum doença de transmissão sexual. Tivemos e temos um volume de questões sobre a sua doença.

Por outro lado, o facto das jovens atualmente pretenderem ter o primeiro filho numa idade mais tardia levanta-nos uma dupla preocupação: a opção de uma vida sexual mais diversificada em termos de parceiros, levanta a questão de ter um acompanhamento regular por parte da Ginecologia, com quem partilhamos terapêuticas eficazes.

O facto de se desejar uma gravidez numa idade mais avançada, pode levar a alguns problemas de subfertilidade, razão por que desenvolvemos um tratamento completo e complexo, mas que assegura uma maior taxa de sucesso na gravidez.

Por outro lado, precisamos de técnicos de saúde cada vez mais preparados. Temos um programa de apoio à formação pós-graduada que desenvolvemos em parceria com as sociedades médicas.

A Procure Health apoia a formação e a investigação como um dos seus pilares fundamentais. Neste âmbito, qual a estratégia da empresa e os projetos a destacar?

Atuamos a 3 níveis diferentes, no que diz respeito a Investigação & Desenvolvimento.

Primeiro estudamos continuamente novos produtos para preencher lacunas terapêuticas ou para melhorar as que já existem; outra, a área de investigação que incide sobre os produtos que temos, procurando mais informação, maiores resultados em novas populações ou mais dados de segurança.

Finalmente, intervimos na forma como se faz Investigação. Por exemplo, o projeto "cervix-on-a-chip", feito em parceria com a Universidade da Califórnia, entre outras, permite mimetizar as células do colo do útero num chip, substituindo-se esse processo ao estudo em animais, evitando deste modo o seu sacrifício, ainda que em nome da ciência.



Projeto "Cervix-on-a-chip"

Acompanhando a mulher em todas as fases da sua vida.



O QUE É A DOENÇA VENOSA CRÓNICA?



Artigo de Augusto Ministro, Médico Especialista em Angiologia e Cirurgia Vasculare

A Doença Venosa Crónica inclui um conjunto de patologias vasculares muito prevalentes na sociedade ocidental e com grande impacto médico e socioeconómico, caracterizadas por um amplo espectro de manifestações clínicas condicionando sintomas e/ou sinais que variam em tipo e gravidade.

O mecanismo fisiopatológico dominante é a chamada hipertensão venosa ambulatoria, resultante do refluxo de sangue no sistema venoso dos membros inferiores, levando progressivamente à disfunção endotelial e dilatação da parede venosa.

Por outras palavras, a Doença Venosa Crónica ocorre quando as veias das pernas não permitem que o sangue retorne de forma eficaz ao coração.

Em circunstâncias normais, a contração muscular e as válvulas das veias dos membros inferiores permitem apenas um fluxo unidirecional do sangue venoso em direção ao coração.

No entanto, quando essas válvulas deixam de funcionar, o sangue reflui (volta para trás), acumulando-se nas pernas e gerando a já referida hipertensão venosa ambulatoria.

Que se não for tratada, aparecem sintomas como sensação de peso e dor nos membros inferiores, edema (inchaço), câibras, alterações na pele (hiperpigmentação da pele por acumulação de hemoglobina), varizes, e finalmente, um estado grave a úlcera venosa.

O tempo quente agrava os sintomas

Aproxima-se a fase do ano, quando a temperatura aumenta, em que as queixas associadas à Doença Venosa Crónica se tornam mais prevalentes e incapacitantes.

O tempo mais quente, juntamente com a vasodilatação periférica e perda de fluido para o espaço extra-vascular é responsável pela sensação de peso e dor nos membros inferiores, sempre com o agravamento vespertino.

Neste caso, surgem os primeiros sinais da doença como o edema (inchaço) ao nível dos tornozelos, associado a prurido (comichão) e câibras noturnas. O reconhecimento das queixas e o diagnóstico precoce de Doença Venosa Crónica são fundamentais para se atuar precocemente na prevenção evitando-se a progressão da doença e as suas complicações tardias.

A insuficiência venosa crónica embora não seja uma ameaça séria à saúde, pode ser muito dolorosa e incapacitante.

O excesso de peso, permanecer muitas horas de pé ou sentado, principalmente de pernas cruzadas, permanência prolongada em lugares quentes (porque o calor dilata as veias), um estilo de vida sedentário ou o tabagismo, podem agravar a Doença Venosa Crónica.

Sabe-se que a idade avançada, a história familiar e o género constituem fatores de risco importantes para o desenvolvimento desta patologia. As mulheres apresentam maior tendência para doença sintomática, sobretudo nos últimos 14 dias do ciclo menstrual.

Além dos fatores de risco já descritos, o excesso de peso, permanecer muitas horas de pé ou sentado, principalmente de pernas cruzadas, permanência prolongada em lugares quentes (porque o calor dilata as veias), um estilo de vida sedentário ou o tabagismo, podem agravar a Doença Venosa Crónica.

De acordo com as manifestações clínicas a Doença Venosa Crónica pode ser dividida em sete classes clínicas, de C0 a C6, com sintomas e sinais específicos.

Aproxima-se a fase do ano, quando a temperatura aumenta, em que as queixas associadas à Doença Venosa Crónica se tornam mais prevalentes e incapacitantes. O tempo mais quente, juntamente com a vasodilatação periférica e perda de fluido para o espaço extra-vascular é responsável pela sensação de peso e dor nos membros inferiores, sempre com o agravamento vespertino.

C0: Nenhum sinal visível ou palpável de doença venosa. Não há sinais de edema ou veias proeminentes nesta fase. São, todavia, recomendadas mudanças no estilo de vida, como prática de exercício físico e dieta saudável.

A perda de peso pode atrasar a progressão da insuficiência venosa crónica.

C1: Telangiectasias (derrames) ou veias reticulares. Na classe C1 aparecem as veias visíveis, as chamadas veias reticulares que têm entre 1 e 3 milímetros (mm) de diâmetro. Poderão também aparecer vasos sanguíneos visíveis chamados telangiectasias (derrames) com menos de 1 mm de diâmetro.

As veias reticulares geralmente são azuis ou roxas, enquanto as telangiectasias aparecem como linhas finas vermelhas sob a pele.

Nesta fase da doença para além da mudança de estilos de vida poderá ser recomendada a utilização de meias elásticas e os chamados fármacos venotrópicos.

C2: Varizes. Na classe C2 surgem as varizes propriamente ditas, vasos que correspondem a veias dilatadas e tortuosas e que têm relevo sobre a pele.

Nesta fase de evolução da doença poderão ser recomendados tratamentos intervencionais que vão desde a escleroterapia ("secagem") até à termoablação endovenosa, um tratamento minimamente invasivo que utiliza um laser ou radiofrequência para tratar as varizes.

C3: Edema ("inchaço") nas pernas causado pela retenção hídrica. Não existem ainda alterações na qualidade da pele. Será necessário utilizar nesta fase, meias de compressão e tratamento das varizes, se necessário.

C4: Alterações na pele (pigmentação, eczema, lipodermatoesclerose).

C5: Úlcera venosa cicatrizada. São evidentes na observação da pele áreas correspondentes a úlceras já cicatrizadas. Mais

uma vez, o tratamento passa pelas alterações do estilo de vida, contenção elástica e sempre que necessário a intervenção.

O objetivo do tratamento é a prevenção da ulceração recorrente (que acontece em até 70% dos doentes).

C6: Úlcera venosa ativa. Nesta classe as feridas ou úlceras nas pernas não cicatrizam e serão necessários cuidados adicionais (penso específicos associados a meias ou ligaduras de contenção elástica).

Nas situações mais graves a úlceras infetam e podem complicar com quadros sépticos mais ou menos sérios.

Pequenos hábitos que podem mudar o seu quotidiano

Um dos principais tratamentos são as meias de compressão elástica, que podem ser colocadas antes de sair da cama pela manhã para evitar o edema ao longo do dia.

Outras medidas incluem: exercício físico, especialmente atividades de baixo impacto, como natação, ciclismo ou caminhada; manter as pernas elevadas acima do nível do coração; manter as pernas bem hidratadas; limitar a ingestão de sal; a alimentação saudável, com preferência por alimentos ricos em fibras, como grãos integrais, nozes, abacates e alimentos ricos em potássio: como atum, frango e iogurte. Evitar lugares quentes e procurar lugares frescos.

Prevenir a prisão de ventre e o excesso de peso.

Usar vestuário apropriado, optar por vestuário confortável e largo, evitando as calças muito estreitas, meias com elástico ou cintos apertados que possam comprimir as veias e comprometer a circulação do sangue nas pernas. Usar sapatos apropriados, idealmente 3 a 4 cm de altura.

Doença Venosa Crónica ocorre quando as veias das pernas não permitem que o sangue retorne de forma eficaz ao coração. Em circunstâncias normais, a contração muscular e as válvulas das veias dos membros inferiores permitem apenas um fluxo unidirecional do sangue venoso em direção ao coração.

MEDICAMENTOS TRADICIONAIS À BASE DE PLANTAS: A PRÁTICA ANCESTRAL RECONHECIDA NO SÉCULO XXI

Este artigo tem por objetivo mostrar como este tema que se estuda nos cursos de Farmácia onde lhe chamam Farmacognosia, Fitoquímica, Produtos Naturais, e Medicamentos à Base de Plantas, está inserido também nos Cursos de Medicina nas matérias de Farmacologia, embora os médicos não cheguem a aprofundar estas áreas da ciência, apenas são preparados para as aplicar.

Talvez porque são os farmacêuticos que têm que se preocupar com a preparação dos medicamentos e os médicos apenas têm de os saber receitar.

Em Portugal, os profissionais de Terapêuticas Não Convencionais também podem indicar medicamentos tradicionais à base de plantas (MTBP), nomeadamente os Naturopatas. Mas isto acontece só em Portugal? Não, acontece no mundo inteiro.

Os termos internacionais comuns são os adotados pela Organização Mundial de Saúde (OMS)

<https://apps.who.int/iris/handle/10665/312342> medicina tradicional e complementar (MT&C). Em Portugal como em toda a Europa existe uma diretiva que legaliza os MTBP, em venda livre, não sujeitos a receita médica, e, portanto, acessíveis a qualquer consumidor. Atualmente, existem oito MTBP comercializados em Portugal apesar de estarem autorizados 15.

No Reino Unido, existem 366 registos. Mas o que são MTBP?

Um «Medicamento é toda a substância ou associação de substâncias, possuindo propriedades curativas ou preventivas de doenças em seres humanos, ou dos seus sintomas, que possam ser utilizada para restaurar, corrigir ou modificar funções fisiológicas.



Raiz de Valeriana



O «Medicamento à base de plantas», tem exclusivamente como substâncias ativas uma ou mais substâncias ou preparações derivadas de plantas, e o «Medicamento tradicional à base de plantas» é um medicamento à base de plantas comprovadamente não nocivo, com efeitos farmacológicos ou de eficácia plausível, tendo em conta a utilização e a experiência de longa data. Há então diferença entre um medicamento à base de plantas tradicional e não tradicional.

É o caso da Valeriana, existem autorizados “MTBP para o alívio da tensão nervosa ligeira e dos distúrbios do Sono”, e outros “indicado para o alívio dos sintomas leves de perturbações nervosas e da dificuldade em adormecer”, ambos com Classificação médica (OMS): 2.9.1 – Sistema Nervoso central. Psicofármacos. Ansiolíticos, sedativos e hipnóticos, os primeiros baseados em ensaios clínicos e os segundos, na experiência de longa duração.

A atuação de qualquer planta no corpo humano ou animal em geral deve-se à existência dos seus componentes químicos, a “Fitoquímica”.

Da fitoquímica para o componente químico isolado e produzido puro na fábrica em vez de ser retirado da planta é uma questão de tecnologia: existem atualmente 8 medicamentos que contêm a substância natural tal e qual. Um deles é a Vinblastina, anticancerígeno isolado desde 1958 da planta *Vinca rosea* abundante em Madagáscar. Desde 1981 até hoje 64,9% dos medicamentos são de origem natural ou inspirados na natureza. E tudo começa no uso da planta!

Mas o que são MTBP? Um «Medicamento» é toda a substância ou associação de substâncias, possuindo propriedades curativas ou preventivas de doenças em seres humanos, ou dos seus sintomas, que possam ser utilizada para restaurar, corrigir ou modificar funções fisiológicas.



Por Maria do Céu Costa, Professora catedrática, Coordenadora do Mestrado em Produtos de Saúde e Suplementos Alimentares na Escola de Ciências e Tecnologias da Saúde, da Universidade Lusófona.

SUPLEMENTOS ALIMENTARES À BASE DE PLANTAS

A crescente consciencialização dos consumidores em relação à saúde e bem-estar tem estimulado a procura de nutrientes que completem a alimentação e assegurem benefícios para a saúde.

Esta procura tem levado nos últimos 50 anos, a um aumento crescente de géneros alimentícios com teores elevados e concentrados de nutrientes, sejam minerais, vitaminas ou outras substâncias, incluindo produtos botânicos derivados de plantas, com efeito, nutricional ou fisiológico, comercializados sob a forma de “dose” (comprimidos, cápsulas) e designados suplementos alimentares.



Ginkgo Biloba

Em 2020 a dimensão do mercado mundial de suplementos alimentares foi avaliada em 140,3 mil milhões de dólares, e espera-se que se expanda a uma taxa de crescimento anual de 8,6% entre 2021 e 2028.

Mas há um novo paradigma. Ao contrário do passado, em que os suplementos alimentares à base de plantas, vendidos na ervanária, eram chás e infusões que continham concentrações baixas das plantas, hoje o que se vende são extratos e produtos muito concentrados.

Estes produtos são considerados seguros como qualquer outro género alimentício: uma couve ou um pedaço de carne, e como tal, vendidos em quase todo o lado, das farmácias aos supermercados, ervanárias e/ou pela internet, com ou sem acompanhamento de profissional de saúde.

Na busca de uma solução para o seu estado de saúde, o indivíduo pode ler na internet que um determinado produto resolve um problema, compra o produto e utiliza-o sem qualquer informação relacionada com a toma correta do produto, enquanto suplemento alimentar, sem saber que, por exemplo, existem possíveis interações deste com outros produtos, podendo criar um problema de saúde.

É o caso das folhas do Ginkgo biloba em suplementos com intuito de auxiliar a memória e concentração e até estados de confusão e dor de cabeça, que pode dar origem a situações graves de hemorragia em pessoas que tomam Varfarina e outros anticoagulantes, medicamentos cujo efeito fica afetado.

O mesmo pode acontecer com outros géneros alimentícios, por exemplo, um alimento comum como a toranja interage com dezenas de medicamentos, alterando os efeitos da Sinvastatina, e de alguns antibióticos.

Os suplementos alimentares estão disponíveis em supermercados e a perceção dos consumidores de que podem ter o mesmo efeito dos medicamentos à base de plantas - por exemplo de Ginkgo, mas com um risco muito menor de efeitos adversos, por serem “géneros alimentícios naturais” é enganadora.

É o caso das folhas do Ginkgo biloba procuradas em suplementos com intuito de auxiliar a memória e concentração e até estados de confusão e dor de cabeça, que pode dar origem a situações graves de hemorragia particularmente em pessoas que tenham de tomar Varfarina e outros anticoagulantes.

Porque ser natural não é sinónimo de ser seguro, porque são produtos químicos, têm ação nos recetores de medicamentos, devido à sua ação farmacológica potencial em função da quantidade ingerida, a toma de suplementos à base de plantas deve ser acompanhada por um nutricionista ou um profissional de saúde.



Árvore Ginkgo Biloba

E o médico deve ser informado.

E notificado à autoridade qualquer efeito adverso através do link

<https://www.dgav.pt/alimentos/conteudo/generos-alimenticios/regras-especificas-por-tipo-de-alimentos/suplementos-alimentares/>

LABIALFARMA: DÁ COR À SAÚDE!

Inovação. Criatividade. Irreverência. Temos ideias fora da caixa e equipas fora de série.

Idealizamos. Desenvolvemos. Produzimos. E somos muito mais do que um Contract Manufacturer.

Saúde. Ciência. Cor.

Porque a vida não é vivida a preto e branco.



A Labialfarma destaca-se nas indústrias Farmacêutica e Nutracêutica, pela sua abordagem diferenciadora e colorida aos produtos e serviços, numa área tipicamente monocromática! Fundada em 1981, é uma empresa familiar que soube aliar o amor pela Saúde e pela Natureza ao rigor e à lógica da Ciência. O conhecimento empírico da 1ª geração Ferraz sobre plantas e os seus benefícios terapêuticos estiveram na base da criação da Labialfarma que é considerada a empresa mãe do Ferraz Group. A sua principal missão foi sempre a de melhorar a qualidade de vida das pessoas através da permanente inovação científica, do desenvolvimento de conceitos tecnológicos avançados e da vontade de desafiar o Status Quo. A paixão pela saúde parece ser hereditária já que a 2ª e a 3ª gerações continuam empenhadas na missão de inspirar e promover o bem-estar!

Como uma empresa de CDMO, ou seja, um Fabricante para Terceiros, a Labialfarma desenvolve e produz Suplementos Alimentares, Medicamentos, Dispositivos Médicos e Cosméticos. Dispõe de um conjunto abrangente e diversificado de serviços que integram todos os processos da organização desde a I&D do Departamento Galénico, aos Assuntos Regulamentares, responsáveis pelos serviços de Farmacovigilância e pelo exclusivo serviço VIGIA (que monitoriza a utilização e reações aos Suplementos Alimentares), passando, invariavelmente, pela Produção. A Labialfarma é precursora no desenvolvimento de tecnologias únicas que respondem aos desafios da indústria e garantem a máxima qualidade de todos os produtos. Disponibiliza uma ampla gama de soluções adaptáveis a cada Cliente, nomeadamente, produtos “chave na mão”, ou seja, prontos a serem comercializados e mantém uma sólida presença nos mercados nacional e internacional.

A cultura empresarial da Labialfarma é estimulante e assenta na valorização da inovação, do rigor científico e da partilha de conhecimentos para dar resposta às necessidades e expectativas dos consumidores, de forma eficaz e criativa. Há originalidade na forma de trabalhar e comunicar e o mote para 2022 é: Giving color to Health/ Dar cor à Saúde!

Labialfarma- Giving color to Health

A sua principal missão foi sempre a de melhorar a qualidade de vida das pessoas através da permanente inovação científica, do desenvolvimento de conceitos tecnológicos avançados e da vontade de desafiar o Status Quo. A paixão pela saúde parece ser hereditária já que a 2ª e a 3ª gerações continuam empenhadas na missão de inspirar e promover o bem-estar!

Serviços disponibilizados pela Labialfarma:

- Desenvolvimento e produção de formas sólidas, líquidas e semissólidas
- Estudos de pré-formulação
- Desenvolvimento Galénico
- Serviços completos de Controlo de Qualidade
- Desenvolvimento e validação de métodos analíticos
- Desenvolvimento de especificações para o produto acabado
- Estudos de estabilidade de acordo com as orientações ICH
- Transposição de escalas de produção
- Validação de processos de produção
- Suporte técnico no desenvolvimento dos materiais de embalagem
- Gestão de todos os assuntos científicos e regulamentares inerentes aos produtos
- Formação especializada sobre os produtos e apoio na estratégia de marketing e comunicação
- Vigilância Pós-Comercialização dos produtos - Sistema VIGIA

FERRAZ PHARMA: EMPRESA ÚNICA EM TECNOLOGIA ALTAMENTE INOVADORA



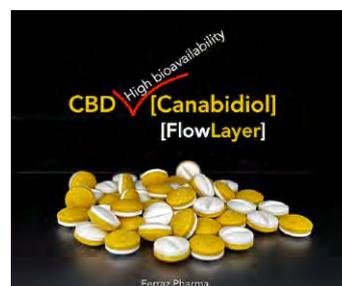
A Ferraz Pharma é uma empresa Portuguesa, de cariz familiar, que pertence ao Ferraz Group, um Grupo com mais de 40 anos de experiência no setor farmacêutico e nutracêutico.

Localizada em Santa Comba Dão – Zona Industrial das Lameiras, com novas e modernas instalações, concentra a sua atividade na Fabricação para Terceiros (CDMO) de Produtos Farmacêuticos de Uso Veterinário e em Serviços de Investigação & Desenvolvimento de Produtos Farmacêuticos.

A nova Unidade de Produção da Ferraz Pharma está completamente equipada para o fabrico de formas sólidas, de formas líquidas e de formas semissólidas:



- Produção de formas sólidas que, para além do fabrico de comprimidos convencionais, inclui o fabrico de comprimidos FlowLayer™, cápsulas de gelatina dura, pós e granulados;



- Produção de formas líquidas que inclui o fabrico de soluções, suspensões e de FlowSelf™ ;

- Produção de formas semissólidas que inclui o fabrico de pomadas, cremes, geles e pastas.

A Ferraz Pharma dispõe de duas unidades completas para a Produção de Extratos Botânicos:



- Produção de Extratos Botânicos em cadeia completa de fabricação até ao Extrato Seco Nativo.

- Produção de Extratos da Planta da Canábis em cadeia completa de fabricação de Extratos de diferentes perfis de Canabinóides e Terpenos, e produção de Canabinóides Isolados, incluindo THC.

A Ferraz Pharma dispõe de uma Unidade de Desenvolvimento Farmacêutico - UDF, que, para além do desenvolvimento dos Produtos Farmacêuticos convencionais, detém uma Autorização para fins específicos / Investigação que permite a manipulação de medicamentos, preparações e substâncias à base da planta da Canábis para fins medicinais.



Equipa UDF

ÁREAS DE ATIVIDADE DA Ferraz Pharma:

- Desenvolvimento Farmacêutico de formas sólidas, líquidas e semissólidas;
- Investigação e Desenvolvimento de Produtos à Base da Canábis;
- Desenvolvimento de Métodos Extrativos de Ingredientes de origem botânica;
- Desenvolvimento de Métodos Extrativos da Planta da Canábis;
- Desenvolvimento de Métodos Analíticos;
- Estudos de Estabilidade;
- Desenvolvimento de Produtos de Uso Veterinário;
- Desenvolvimento de Produtos de Uso Humano - Medicamentos, Suplementos Alimentares/Nutracêuticos, Dispositivos Médicos e Cosméticos;
- Desenvolvimentos à base da Canábis de Medicamentos, Suplementos Alimentares/Nutracêuticos, Dispositivos Médicos e Cosméticos;
- Produção de Extratos Botânicos;
- Produção de Extratos da Planta da Canábis;
- Produção de Produtos Veterinários.

TECNOLOGIAS FlowTech™

A Ferraz Pharma desenvolveu avançadas TECNOLOGIAS FlowTech™, que conferem aos produtos fabricados características altamente inovadoras:

- FlowTaste™ – Sabor, aroma e textura ideais.
- FlowDose™ – A dose certa de forma fácil.
- FlowSelf™ – Maior biodisponibilidade.
- FlowSize™ – Micropartículas que melhoraram a absorção.
- FlowLayer™ – Comprimidos com multicamadas.
- FlowPure™ – Produtos sem excipientes.

A Ferraz Pharma desenvolveu avançadas TECNOLOGIAS FlowTech™, que conferem aos produtos fabricados características altamente inovadoras.

Ferraz Pharma
Made for one health

FERRAZ GROUP: INOVAÇÃO E CIÊNCIA NA SAÚDE E BEM-ESTAR



Amílcar José dos Reis Ferraz, Presidente do Conselho de Administração do Ferraz Group

Desde 1981 a Labialfarma tem dedicado a sua atividade à pesquisa, desenvolvimento e fabrico de produtos e formas farmacêuticas inovadoras na área da saúde e bem-estar.

Fundada em 1981, com instalações fabris em Mortágua, a Labialfarma é uma empresa familiar atualmente gerida por membros da 2ª e 3ª gerações, tem como Presidente do Conselho de Administração Amílcar José dos Reis Ferraz, filho do fundador da Companhia.

Em relação aos Suplementos Alimentares, porque são estes úteis e até necessários?

Os Suplementos alimentares são sem dúvida muito úteis e necessários, sendo que existem diferentes tipos de suplementos em função das necessidades.

Nos indivíduos saudáveis e, na maioria dos doentes, os nutrientes são veiculados pelos alimentos correntes.

Seja saudável ou doente, cada indivíduo, tem necessidades individuais em macro e micronutrientes que devem ser adquiridos diariamente de forma equilibrada de modo a manter a homeostasia (equilíbrio entre anabolismo e catabolismo) ou para corrigir desequilíbrios nutricionais por défice (ex. desnutrição) ou excesso (ex. obesidade).

Mas o papel importante dos Suplementos Alimentares para a população europeia em geral, saudável, está reconhecido desde 2002, através de uma Diretiva da CE e do Parlamento Europeu [A definição de «suplemento alimentar» Diretiva 2002/46/CE] e abrange não só as propriedades nutricionais benéficas, como a existência de uma relação entre o alimento ou um dos seus constituintes e a saúde.

Considera os Suplementos Alimentares como um contributo importante para a saúde?

Antes de mais é necessário saber o que de facto são os Suplementos Alimentares.

Os «Suplementos Alimentares» são géneros alimentícios que se destinam a complementar o regime alimentar normal, e que constituem fontes concentradas de determinados nutrientes ou outras substâncias com efeito nutricional ou fisiológico.

A problemática das insuficiências nutricionais, resultantes de contribuições desadequadas de nutrientes, tem nos Suplementos Alimentares uma opção válida de prevenção e melhoria.

Temos assistido nos últimos anos a uma continuada relevância no recurso à suplementação de vitaminas e de minerais com resultados de melhoria na qualidade de vida e concretamente nas pessoas mais velhas, a nível do desempenho funcional evidenciado.

Sendo assim, podemos garantir que os Suplementos Alimentares são seguros?

Os Suplementos Alimentares têm regras bem definidas sendo regulados por um Organismo Central Europeu (EFSA).

A EFSA - European Food Safety Authority, cujo Comité Científico é composto por cientistas e peritos independentes que avaliam rigorosamente o efeito nutricional ou fisiológico e a segurança de todas as substâncias que são usadas nos Suplementos Alimentares. Nenhuma substância pode ser usada nos Suplementos Alimentares sem passar por esta avaliação rigorosa.

A segurança alimentar é de facto o principal objetivo da EFSA. Assim sendo, não fazia nenhum sentido que a EFSA autorizasse os Suplementos Alimentares se estes não fossem seguros. Julgo que isto é claro e inequívoco.

Na Labialfarma, os Suplementos Alimentares são fabricados de acordo com as Boas Práticas de Fabrico (GMPs) no cumprimento de todos os parâmetros de qualidade exigidos internacionalmente e nacionalmente para o setor.

Como analisa o crescimento da procura por Suplementos Alimentares?

O crescente consumo dos Suplementos Alimentares está diretamente ligado à maior consciencialização das pessoas sobre a sua saúde e o seu bem-estar. As sociedades evoluídas, olham para a saúde como um bem precioso a cuidar, onde a profilaxia pelos Suplementos Alimentares, assume um papel importantíssimo.

Para os clientes do Ferraz Group, têm sido desenvolvidas atividades na diversificação da sua produção num recurso ao fabrico de formas farmacêuticas únicas no país.



De que maneira o Ferraz Group se enquadra no sucesso dos Suplementos Alimentares e como tem sido o seu percurso ao longo destes 40 anos de atividade?

A Investigação e o Desenvolvimento de conceitos inovadores, quer no fabrico, quer no acondicionamento dos produtos fabricados foi a resposta do Ferraz Group aos constantes desafios que a Indústria Farmacêutica e Nutracêutica enfrenta.

Ao longo do tempo a empresa passou por profundas transformações, nunca perdendo o foco nos seus objetivos e acumulando um vasto e diversificado conhecimento. Numa aposta clara de crescimento no mundo Farmacêutico e Nutracêutico tem marcado presença permanente em feiras internacionais de referência no setor.

Como a tecnologia e as soluções inovadoras se integram no modus operandi do Grupo?

Num propósito de desenvolvimento e de modernidade, com o objetivo muito claro de criar valor.

Para os clientes do Ferraz Group, têm sido desenvolvidas atividades na diversificação da sua produção num recurso ao fabrico de formas farmacêuticas únicas no país, levando ao empreendimento de intervenções sucessivas nas suas unidades fabris com vista a uma completa adequação às mais recentes tecnologias.

Das tecnologias desenvolvidas, destacam-se pela exclusividade do seu fabrico em Portugal, a produção de cápsulas moles e cápsulas duras com conteúdo líquido - LiqFillCaps™ -, só possível à custa de forte investimento em tecnologia específica para a sua produção.

Numa perspetiva de melhoria da estabilidade dos produtos fabricados, a Labialfarma desenvolveu conceitos tecnológicos inovadores dos quais se destacam as tecnologias QNP™; SBS™; RapidTabs™ diretamente relacionadas com o fabrico do produto. Como tecnologias relacionadas com novos sistemas de acondicionamento (SmartPackaging™), destaca-se o conceito tecnológico FusionPack™.

Encorajador para o Ferraz Group têm sido as sucessivas manifestações de sucesso internacionalmente alcançadas.

Como a criação da Ferraz Pharma se integra na nova dinâmica do grupo?

Inserir-se na política de expansão do Ferraz Group nas áreas de atividade onde o mercado farmacêutico se apresenta carenciado. Foi assim, na primeira empresa do Grupo, a Labialfarma, com a criação da unidade de produção de cápsulas moles e da unidade de produção de cápsulas duras com conteúdo líquido, únicas em Portugal. A Ferraz Pharma é uma empresa de Produtos Farmacêuticos completamente equipada para a Fabricação de Produtos

Farmacêuticos de Uso Veterinário e para a Investigação & Desenvolvimento de Produtos Farmacêuticos de Uso Veterinário e de Uso Humano.

A Ferraz Pharma dispõe de uma Unidade de Desenvolvimento Farmacêutico - UDF, que, para além do desenvolvimento dos Produtos Farmacêuticos convencionais, detém uma Autorização para fins específicos / Investigação que permite a manipulação de medicamentos, preparações e substâncias à base da planta da canábis para fins medicinais.

Oferece serviços de desenvolvimento de Produtos de Uso Veterinário (ACCs, MUVs, PUVs e BUVs) e de Medicamentos, Nutracêuticos/Suplementos Alimentares, Dispositivos Médicos, Cosméticos e de Produtos à base da Canábis. Oferece ainda, serviços de desenvolvimento de Métodos Extrativos de Ingredientes Botânicos e de Métodos Extrativos da Planta da Canábis.

No seguimento da estratégia de tecnologias especiais e soluções inovadoras, a Ferraz Pharma está especialmente equipada com avançadas unidades de Produção de Extratos Botânicos e de Produção de Extratos da Planta da Canábis. Na sua Unidade de Desenvolvimento trabalham técnicos especialistas apostados na criação de novas tecnologias – TECNOLOGIAS FlowTech™, que conferem aos produtos desenvolvidos características altamente inovadoras.

Com investimentos próprios na ordem das dezenas de milhões de euros, a Ferraz Pharma, foi um desafio de há dois anos, uma aposta numa moderna unidade de produção, com novas tecnologias de fabrico de Produtos Veterinários, e numa avançada Unidade de Investigação e Desenvolvimento dedicada aos Produtos de Uso Veterinário e de Uso Humano, com especial destaque para os produtos à base da Planta da Canábis.

Apesar da juventude do projeto, os sinais do mercado internacional nesta área, anunciam-nos bons indicadores para a continuidade dos sucessos do Grupo, expressos nas parcerias internacionais já celebradas.

O mundo vive em constante aceleração. Muitos sectores da indústria já se conseguiram adaptar a esta nova dinâmica temporal. A Indústria Farmacêutica tem que conseguir fazer o mesmo. Julgo que é chegado o momento para se criarem sinergias entre vários sectores da indústria e desta forma a Farmacêutica importar alguns dos mecanismos, processos e métodos por forma a sermos capazes de responder em menos tempo com mais rigor, mais eficiência e extrema segurança. Estou certo de que o modelo original da Indústria Farmacêutica tem de evoluir, beneficiando dos exemplos de eficiência e excelência de outras indústrias em particular. Teremos que conseguir executar com mais velocidade, precisão, eficiência e extrema qualidade.

HIDROGÉNIO: O PRÓXIMO PASSO NA MOBILIDADE



Artigo de Vasco Amorim, Docente do Departamento de Engenharias da UTAD, Investigador no INESC TEC e Vice-Presidente da AP2H2.

Em 2019, por iniciativa da CaetanoBus e da Toyota, apresentaram o autocarro de passageiros urbano H2.CityGold. O facto de Portugal ser um País exportador de um veículo a hidrogénio, produzido em Vila Nova de Gaia, e não ter uma rede de abastecimento de Hidrogénio aberta ao público para o setor dos transportes, é uma situação verdadeiramente extraordinária.

A inexistência, até ao momento, de estações de abastecimento de hidrogénio abertas ao público deve-se a diversas razões. A principal causa em Portugal é que para esta tecnologia, ao contrário de outras, partiu-se do princípio que seria o mercado que iria “decidir onde e quando” apareceriam as estações, a continuar assim vai demorar demasiado tempo...

É bem conhecida a teoria de difusão de novas tecnologias, dependentes de criação de infraestruturas. O problema é também chamado o dilema (causal) do ovo e da galinha – quem aparece primeiro?

A resposta está sempre num equilíbrio entre o aparecimento simultâneo de todos os fatores necessários ao sucesso de implantação dessa tecnologia. Como foi exemplo nos veículos elétricos a bateria (BEV), fatores como:



a existência de uma infraestrutura inicial; criação de políticas de incentivo à aquisição de veículos; da confiança dos consumidores no acesso e manutenção da infraestrutura e da estratégia política e fiscal.

No caso dos veículos elétricos a bateria (BEV), foi criada a rede MOBI-E, e que teve uma grande importância na difusão e crescimento do número de veículos registados em Portugal. Aliás, sucessivas campanhas de oferta de carregamentos gratuitos na rede, incentivos fiscais na compra de veículos (BEV) e benefícios (oferta ou redução) nas tarifas dos estacionamento, ajudou, e bem, a alavancar a venda de veículos 100% a bateria. Agora, é da mais elementar justiça haver um tratamento idêntico para os veículos a hidrogénio, em especial, para as infraestruturas de abastecimento, podendo ser apenas uma extensão do Programa MOBI-E-H2, ou separado sendo apenas MOBI-H2.

No caso dos veículos elétricos a bateria (BEV), foi criada a rede MOBI-E, e que teve uma grande importância na difusão e crescimento do número de veículos registados em Portugal.

Desde pelo menos o ano de 2012 que apresentei uma proposta de rede inicial de abastecimento de Hidrogénio. Esta rede a ser criada teria poucos postos (Crescendo gradualmente de 3 estações até quarenta e cinco estações, tendo como referência a rede rodoviária principal). Como resultado da maior autonomia dos veículos a hidrogénio, superior a 600 km, e na rapidez de abastecimento, (média de 3,8 minutos para veículos ligeiros e uns 10 a 15 minutos para autocarros), a criação desta rede inicial aumentaria a confiança dos consumidores e de todas as empresas que pretendem investir nesta tecnologia.

O impacto de tal programa seria enorme na difusão dos transportes urbanos de passageiros com autocarros em frotas em várias cidades médias e grandes, à semelhança do esforço que está a ser feito pelo município de Cascais com dois autocarros a hidrogénio em circulação com uma estação de abastecimento portátil e provisória.

Ainda vamos a tempo, mas é hora de passar para a ação e fazer acontecer.



HIDROGÉNIO: A REVOLUÇÃO VERDE EM MARCHA



Artigo de **Campos Rodrigues**, Presidente da AP2H2 – Associação Portuguesa Para a Promoção do Hidrogénio.

A 8 de março deste ano a Comissão Europeia publicou o REPowerEU: “Joint European Action for more affordable, secure and sustainable energy”, com o objetivo de assegurar, até 2030, a autonomia e diversificação energética da União, eliminando as dependências da UE do GN russo. O hidrogénio tem um papel crucial neste plano:

Amongst other measures, REPowerEU introduces an update of its vision for a dedicated hydrogen transport ambition to reach an additional 15 million tonnes (Mt) of renewable hydrogen on top of the 5.6 Mt foreseen under Fit for 55, going beyond the targets of the EU’s hydrogen strategy.

Na prática, face aos objetivos já ambiciosos do Fit55, a produção/ consumo de hidrogénio verde quase triplica. O hidrogénio verde permite considerar como despacháveis as fontes renováveis, ultrapassando as conhecidas condicionantes à sua fiabilidade: aleatoriedade, intermitência e sazonalidade. Todo o potencial associado ao Hidrogénio verde (via electroquímica) se afirma neste acelerar da transição energética:

- A versatilidade: alternativa, sustentável, ao GN nas várias aplicações deste;
 - O seu posicionamento ímpar no sistema energético, estabelecendo a comunicação, reversível, entre as duas principais cadeias de valor: a rede eléctrica e a rede de combustíveis;
 - O seu potencial na satisfação da procura de hidrocarbonetos (renováveis), dispensando o uso de combustíveis fósseis na mobilidade, na indústria e nos usos residenciais.
- Foi um longo caminho percorrido, até o H2 (renovável) conseguir este reconhecimento, hoje transversal, do seu contributo estratégico para a construção do novo paradigma energético: inesgotável, sustentável e autónomo. Justifica-se relembrar alguns dos principais marcos e drivers deste percurso cuja narrativa se inicia em 1800 com a descoberta da electrólise.

Falta, agora, ganhar o desafio económico: produzir H2 a preços inferiores a €1,50 €/kg, competindo em economia de mercado com os preços do GN, desde que este internalize

no seu custo o valor das licenças de carbono emitidas (a Carbon Tax Border, já aprovada no Porto, será a barreira protetora da economia da UE face às ameaças do dumping ambiental). Estamos confiantes que com o efeito de escala, a industrialização da produção e os progressos tecnológicos que se anunciam este objetivo será atingido muito brevemente, e que a economia do hidrogénio alcançará antes de 2030 a sua maturidade e competitividade plena.

Embora ainda em fase emergente, a tecnologia do hidrogénio assume hoje a maturidade necessária para responder aos desafios que se lhe colocam. Mas continua efervescente na pesquisa de novas soluções de otimização e melhoria da sua cadeia de valor. Justifica-se estar atento e acompanhar as inovações que vão sendo lançadas no mercado, viabilizando equipamentos cada vez mais eficientes e competitivos. É o efeito da “learning curve” que se vai fazendo sentir.

Portugal apresenta, neste contexto, vantagens que queremos salientar. Portugal é dos países da União com melhores condições para a produção de H2 a preços competitivos. O País tem os recursos naturais necessários à produção do H2 verde.

Face às oportunidades de mercado que se vão colocando, a economia do hidrogénio tem respondido com um notável dinamismo e ambição. São vários os países/ espaços geográficos que se posicionam para conquistarem um papel de liderança na nova economia que se desenha (Austrália, Japão, Arábia Saudita, UE, Chile, Nigéria, África Oriental, USA, China.... são exemplos de países que se estão a posicionar nesta corrida ao ouro verde). A utopia do início do século é hoje a realidade que paulatinamente se foi construindo.

Portugal apresenta, neste contexto, vantagens que queremos salientar. Portugal é dos países da União com melhores condições para a produção de H2 a preços competitivos. O País tem os recursos naturais necessários à produção do H2 verde. Pode ambicionar ser autónomo na satisfação das necessidades energéticas e ser, mesmo, um País exportador de energia.

O REPowerEU é também um desafio para os agentes políticos e económicos nacionais. É a altura de visitar o RNC, o PNEC a ENH2, de actualizar as metas e rever estratégias. O País tem de responder com a ambição adequada aos novos objetivos propostos pela Comissão. O PRR terá de ser redimensionado para se adequar aos novos quadros de referência. Finalmente, aguarda-se, o contributo dos Fundos de Coesão no apoio à densificação do cluster industrial que a economia do Hidrogénio pode potenciar, com a criação consequente dos postos de trabalho especializados associados aos novos investimentos que se aguardam.

A palavra de ordem será pois RepowerPT – 2030. A revolução verde está em marcha.

ESTÁ A CHEGAR

Inovador e pioneiro, o Green Pipeline Project irá injetar, pela primeira vez em Portugal, Hidrogénio Verde na rede de gás natural, dando assim um primeiro passo de enorme importância para o plano nacional de transição energética.

O Hidrogénio, produzido a partir da água, é um vetor energético limpo, seguro, renovável e versátil, tornando-se por isso numa das principais alternativas para a descarbonização da economia e para a proteção do ambiente para as próximas gerações.

ENERGIA NATURAL

O projeto, que arranca em 2022, irá abranger clientes dos setores residencial, terciário e industrial do município do Seixal, sendo expectável a sua implementação em novas geografias nos próximos tempos.

DO, HIDROGENIO

Pela urgência e pelo propósito, o Green Pipeline Project é o primeiro passo para trazer a energia do futuro para o nosso presente, promovendo um impacto cada vez mais positivo na autossuficiência energética, no desenvolvimento económico e na preservação do ambiente à escala global.

Saiba mais sobre
este projeto pioneiro
e acompanhe a evolução
da injeção e do desempenho
do hidrogénio em
www.greenpipeline.pt

GGND: POR UM MUNDO MAIS VERDE!



Nuno Nascimento, Diretor de Estratégia e Transição Energética da Galp Gás Natural Distribuição, S.A.

Com o foco no meio ambiente e na descarbonização do planeta, Nuno Nascimento, Diretor de Estratégia e Transição Energética da Galp Gás Natural Distribuição, S.A., apresenta o plano da empresa em relação à sustentabilidade verde e os novos desafios e oportunidades que o hidrogénio potencia no mercado e para os clientes.

Qual a estratégia da GGND rumo à transição energética?

Temos vindo a verificar, ao nível europeu, uma aposta clara no desenvolvimento dos gases renováveis (hidrogénio verde e biometano) como principais impulsionadores para uma estratégia de descarbonização e independência energética europeia. Tal ficou bastante evidente com a publicação dos planos europeus como o EU Green Deal, o EU Hydrogen Strategy, o Fit for 55 e, mais recentemente, o RePowerEU (ação europeia conjunta para uma energia mais acessível, segura e sustentável).

Também ao nível nacional as políticas para a transição energética, em particular o PNEC2030, o Roteiro de Neutralidade Carbónica 2050 e a Estratégia Nacional para o Hidrogénio (H₂), focam claramente a necessidade de desenvolver uma matriz energética cada vez mais renovável e assente em recursos endógenos.

Portugal tem a sorte de ter um conjunto de fatores que lhe permite ser um exemplo na transição energética. O desenvolvimento das energias renováveis, através da produção eólica e solar, sustentado nas excelentes condições de exposição solar e vento, é agora acompanhado do desenvolvimento dos gases renováveis, potenciado pela enorme vantagem de uma rede de distribuição de gás recente, moderna e capacitada para receber esta energia renovável.

Sendo a Galp Gás Natural Distribuição (GGND) o principal player no setor da distribuição de gás em Portugal, olhamos para a transição energética como uma oportunidade única para demonstrar a capacidade da infraestrutura de gás em contribuir e suportar este desígnio nacional, da descarbonização do sistema energético, através do desenvolvimento dos gases renováveis e da sua injeção no sistema nacional de gás.

De que forma o H₂ potencia novas oportunidades à GGND e em que áreas se aplicam?

O hidrogénio tem vindo a afirmar-se, cada vez mais, como uma das principais soluções energéticas do futuro, com possibilidades de utilização tão distintas como mobilidade, consumo industrial e doméstico.

É da maior importância ter presente que Portugal tem uma das mais recentes redes de distribuição de gás da Europa, maioritariamente construída em polietileno (>94%), com uma extensão de mais de 18.500 km e cerca de 1,55 milhões de pontos de consumo ativos. Esta juventude da rede de distribuição de gás em Portugal, associada ao tipo de materiais utilizados, representa uma enorme vantagem face aos restantes Países Europeus, pela facilidade com que pode receber a injeção de gases renováveis, com particular destaque para o hidrogénio.

A utilização do hidrogénio verde não emite gases poluentes (apenas emite vapor de água), sendo, por isso, uma solução limpa e segura para a confeção de alimentos, aquecimento e para dar resposta às necessidades térmicas da indústria.

Esta conjugação de fatores reforça a nossa capacidade e responsabilidade em nos assumirmos como um dos principais promotores da transição energética nacional, com a missão de proporcionarmos às comunidades o acesso a uma energia cada vez mais verde e competitiva, o que será crucial para todos os consumidores, com particular foco para a indústria.

Qual o contributo das redes de distribuição de energia, e da GGND em particular, no processo de transição energética e de descarbonização da economia nacional?

As infraestruturas de distribuição de eletricidade e gás são essenciais para a descarbonização célere e segura da economia, sendo um dos pilares na segurança de abastecimento, na independência e na competitividade energética das empresas e do país. A complementaridade no sistema energético nacional é, e será cada vez mais, fundamental, garantindo a todos os consumidores o acesso a duas infraestruturas complementares, numa transição energética justa, diversificada, equitativa e sustentável.

A GGND pretende liderar este desenvolvimento e tem assumido essa ambição através do desenvolvimento de projetos pioneiros, contruídos com parceiros que contribuem para a qualidade destes projetos e que desenvolvem o cluster dos gases renováveis em Portugal.

Uma trajetória de redução de emissões de gases com efeito de estufa (GEE) é hoje, mais do que um foco da nossa atividade, uma incumbência enquanto operador de redes, garantindo que estas são planeadas, desenvolvidas e adaptadas para responder às necessidades do País e dos consumidores.

Recordando o recente relatório da Aliança Ready4H₂, mais de 99% dos clientes industriais e comerciais, abastecidos com gás natural, são servidos por redes de distribuição de gás. Serão estas redes que contribuirão de forma sustentável para levar os gases renováveis a estes clientes, incluindo as empresas e os edifícios.

Neste setor, quais os projetos que estão em execução ou que poderão entrar em funcionamento a médio prazo?

Motivado pelos recentes programas de financiamento para a produção de gases renováveis, no âmbito do POSEUR e do PRR, a GGND tem vindo a receber largas dezenas de pedidos de ligação à rede de produtores de hidrogénio e biometano (alguns dos projetos já passaram para a fase de desenvolvimento). Em cada um destes projetos assumimos o papel de suporte e apoio na ligação ao sistema de gás, sendo a nossa expectativa que, no decorrer dos anos 2023/2024, teremos estes projetos a injetar gás renovável na rede de gás, descarbonizando o consumo energético em diversos setores.

Face às novas metas de sustentabilidade até 2030, quais os grandes desafios para a GGND, não só ao nível do mercado, mas na abertura de novas oportunidades de negócio?

Entre as razões já mencionadas, o compromisso da GGND não poderia estar mais alinhado com o seu papel na valorização, apoio e promoção do desenvolvimento de soluções energeticamente neutras em carbono, que promovam os recursos endógenos nacionais, que elevem a valorização da economia local e circular, e que sejam alavancas no apoio direto à descarbonização da indústria, serviços e do parque residencial.

Neste contexto, pretendemos apoiar os clientes, promotores e demais organizações, na incorporação de gases renováveis no sistema nacional de gás. Assim, a GGND procura assegurar a eliminação de assimetrias de informação na produção de gases renováveis, disponibilizando soluções técnicas de infraestruturas e serviços no apoio ao desenvolvimento de mercado de energias renováveis que possam ser drivers na descarbonização e na competitividade económica dos diversos setores.

Quando falamos em descarbonização, inevitavelmente, há uma atenção forte sobre o hidrogénio, mas existe um gás 100% renovável que tem sido subaproveitado em Portugal: o biometano.

O biometano encontra-se em fase de crescimento muito acelerado em toda a Europa, com o número de centrais de produção a aumentar a um ritmo anual de dois dígitos e com tendência para evoluir de forma exponencial, face ao objetivo apresentado no plano RePowerEU, que estabelece o objetivo para a produção de 35 mil milhões de metros cúbicos (bcm) de biometano na UE até 2030 – crescimento de 133% face a 2021. Este objetivo passa pelo aumento da produção de 0,5 bcm de biometano antes do final do ano e, até o final desta década, deverá substituir 20% do gás importado da Rússia. Países como a França (com cerca de 400 centrais) e a Dinamarca (com cerca de 25% do total nacional de gás abastecido com biometano, em 2021) são referências no aproveitamento desta energia renovável. Em Portugal este mercado é inexistente, pese embora saibamos que se estão a envidar esforços no sentido da sua promoção e apoio ao desenvolvimento.

Green Pipeline Project (GPP) é o primeiro projeto em Portugal com injeção de hidrogénio verde na rede de gás natural. Liderado pela GGND, este projeto pioneiro, localizado no Seixal, na rede de concessão da Setgás, contará com uma incorporação inicial de 2%vol de H₂, aumentando até um máximo de 20%vol de H₂, num período de dois anos.

A GGND considera que o desenvolvimento do biometano tem a virtude de associar o sistema energético e os desafios ambientais, como forma de reduzir as emissões através de uma economia circular, fortalecendo assim a inegável associação entre a energia e o ambiente, como forma de construirmos uma sociedade mais sustentável. Consideramos, portanto, relevante a viabilização deste recurso endógeno e estamos, à semelhança do hidrogénio, comprometidos no apoio, promoção e desenvolvimento deste gás renovável.

O Green Pipeline Project é um projeto pioneiro em Portugal, em que consiste e como está a ser desenvolvido?

O Green Pipeline Project (GPP) é o primeiro projeto em Portugal com injeção de hidrogénio verde na rede de gás natural. Liderado pela GGND, este projeto pioneiro, localizado no Seixal, na rede de concessão da Setgás, contará com uma incorporação inicial de 2%vol de H₂, aumentando até um máximo de 20%vol de H₂, num período de dois anos. O início da injeção está planeado para o fim do primeiro semestre deste ano.



Este vetor energético apresenta, portanto, uma versatilidade transversal a vários setores, desde o residencial e serviços, à indústria e mobilidade.

O facto de poder ser incorporado na atual rede de gás é uma grande vantagem, já que permite a democratização do acesso a uma nova energia.

De facto, pelas boas condições de produção de energia renovável no nosso país e pela relevância das atuais infraestruturas de gás, todas as opções que viabilizem o desenvolvimento de hidrogénio verde são extremamente pertinentes para Portugal, uma vez que contribuem para um maior aproveitamento de energia endógena e renovável, diminuindo o peso da dependência energética (tão importante nos dias de hoje).

Com a reconversão das atuais infraestruturas de distribuição de gás natural para uma distribuição de gases renováveis, de norte a sul do país, viabilizamos um sistema valioso que se encontra em operação, permitimos

a integração imediata destas novas opções sustentáveis no sistema energético nacional e evitamos que estes ativos se tornem ociosos no futuro, contribuindo para a estratégia nacional rumo à neutralidade carbónica.

Fazendo novamente referência ao relatório da Aliança Ready4H₂, seria possível poupar 300 milhões de toneladas de CO₂eq se o consumo dos clientes, servidos pelas redes de distribuição de gás europeias, fosse convertido para hidrogénio ou outros gases de origem renovável – uma poupança relevante, sobretudo se considerarmos que é superior às emissões de CO₂eq de toda a França, em 2020.

Num futuro próximo, etapa seguinte poderá ser o H₂ injetado na rede e destinado à indústria?

Como sabemos, a indústria apresenta necessidades significativas de energia para processos de elevada temperatura, que têm demonstrado ser difícil de colmatar através da eletrificação, devido a impedimentos técnicos e económicos.

A descarbonização deste setor (hard-to-abate sector), deverá ser definida segundo uma trajetória exequível, que assegure a redução de emissões sem comprometer os processos industriais.

Não devem, por isso, ser excluídos quaisquer vetores energéticos que possam contribuir para esta descarbonização.

A rede de gás tem aqui um papel-chave ao fazer chegar energia a estas indústrias, atuando como agente impulsionador para a competitividade e crescente descarbonização ao permitir a substituição de produtos com elevada pegada carbónica por opções mais sustentáveis.

Neste setor, estamos especialmente focados em auxiliar e simplificar a adaptação a estes novos vetores energéticos, dado que contamos com uma inigualável experiência e know-how na operação e gestão de infraestruturas de gás.

É por isso que estamos a desenvolver soluções que garantam um maior acompanhamento e facilidade do processo para que os clientes industriais venham a adotar a utilização de hidrogénio e para que as nossas redes possam assegurar a distribuição de H₂ (100%vol).

Não obstante, este processo não depende apenas das nossas competências e capacidades demonstradas ao longo de décadas, mas também de um enquadramento regulatório que nos permita acelerar o seu desenvolvimento.

Para a produção do H₂ verde, produzido com energia renovável, a GGND estabeleceu parceria com uma empresa local (Gestene) e conta com o importante apoio de outros parceiros na área da engenharia e construção, juntando os contributos da academia e de entidades públicas e privadas.

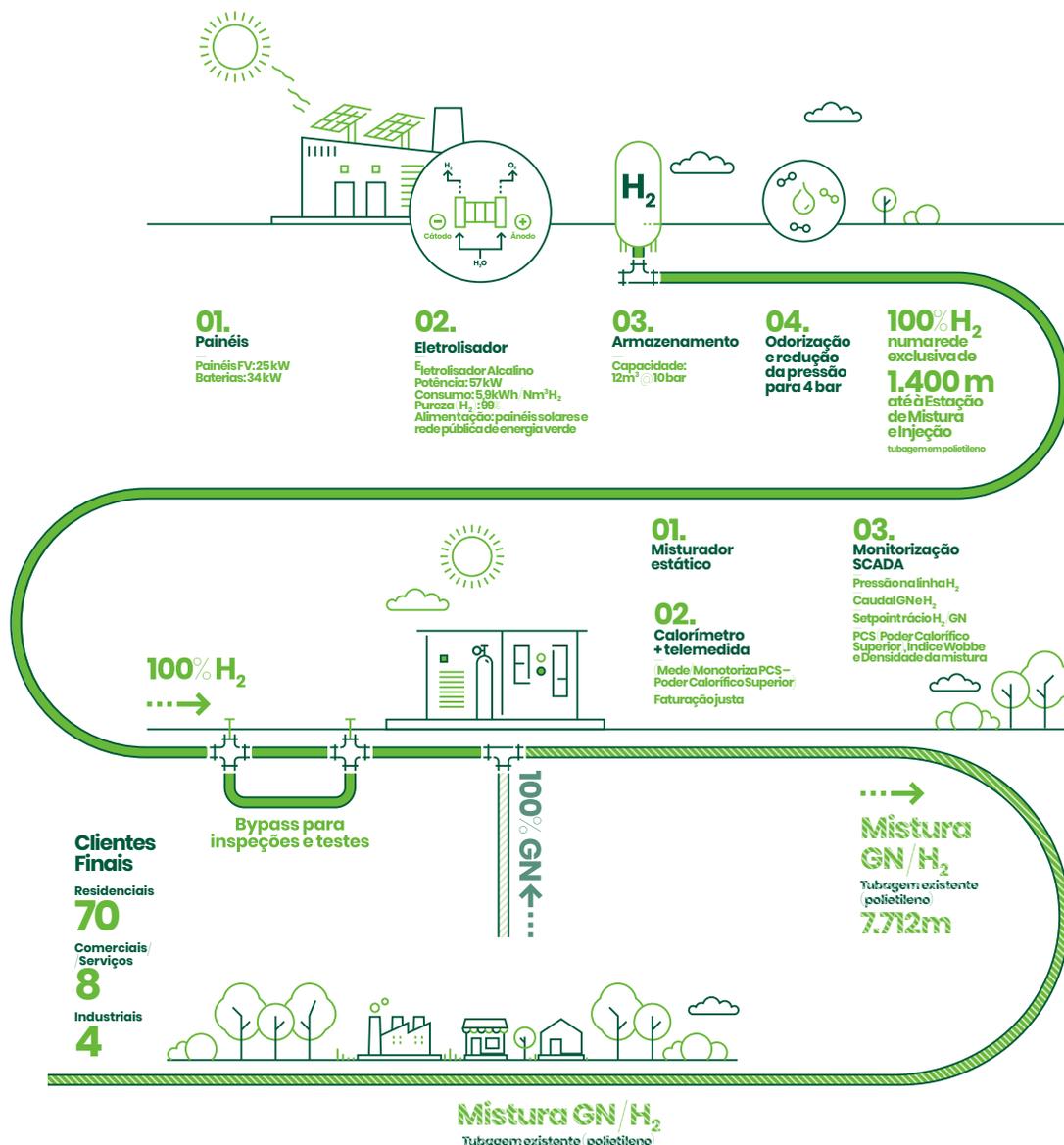
Por via de uma rede dedicada, com uma extensão de 1400 metros, o hidrogénio produzido no eletrolisador será transportado até à estação de mistura e injeção onde será injetado na atual rede de gás natural, sendo distribuído até cerca de 80 clientes residenciais, terciários e industriais.

Pretendemos, com este projeto, estudar o impacto da injeção de H₂ na gestão da infraestrutura de distribuição e nos equipamentos de queima dos consumidores, reunindo know-how e competências para que os operadores das redes de distribuição (ORD) possam estar devidamente preparados para o desenvolvimento do mercado.

Atingido a incorporação de 20%vol de H₂ na rede de gás, evitar-se-á a emissão de cerca de 60 toneladas de CO₂eq por ano, o que equivale ao carbono sequestrado por cerca de 36 mil árvores, numa área aproximada de 30 hectares de floresta.

Quais são as vantagens do H₂ para o consumidor?

A utilização do hidrogénio verde não emite gases poluentes (apenas emite vapor de água), sendo, por isso, uma solução limpa e segura para a confeção de alimentos, aquecimento e para dar resposta às necessidades térmicas da indústria.



Além disso, para que a cadeia de valor dos gases renováveis esteja completa e mais rica, acreditamos na importância da abertura à colaboração com comunidades locais empresariais e comunidades académicas, de modo a responder às devidas exigências dos consumidores, mantendo a excelência na prestação de serviços e distribuição de energia.

É por isso que estamos a desenvolver soluções que garantam um maior acompanhamento e facilidade do processo para que os clientes industriais venham a adotar a utilização de hidrogénio e para que as nossas redes possam assegurar a distribuição de H₂ (100%vol).

Estamos convictos que, seja através do blending (mistura de hidrogénio e/ou biometano na rede de gás natural) ou da reconversão para redes dedicadas de hidrogénio e/ou biometano (100%vol), a rede de gás existente terá um papel fundamental na descarbonização do setor industrial, em particular, e da economia, em geral.

LNEG: HIDROGÉNIO, O FUTURO É HOJE!



Teresa Ponce de Leão, Presidente do Conselho Directivo do LNEG, fala-nos da importância do hidrogénio verde como a energia alternativa e no caminho da descarbonização.

Porque é que o hidrogénio passou ser central no sistema de energia?

Sendo difícil e complexo de implementar, é simples explicar. Todos estamos conscientes da necessidade de descarbonizar a nossa sociedade.

A ciência já nos demonstrou que o aquecimento global, resultado das emissões poluentes, principalmente CO₂ e metano (havendo outras como o NO_x com impactos imediatos na saúde) provocam efeito estufa e, portanto, o aquecimento global assim como problemas respiratórios. A solução é não emitir estes elementos químicos para a atmosfera o que só se consegue produzindo a energia que todos necessitamos para o nosso dia a dia a partir de fontes renováveis para produção dos vectores energéticos electricidade, gás ou calor.

O hidrogénio sendo um vector muito utilizado, principalmente na indústria desde há longos anos, surge agora como um vector renovável, desde que seja produzido a partir de fontes renováveis.

Um "hydrogen valley" é essencialmente um projecto (normalmente financiado) que agrupa vários sectores, indústria e iniciativas de investigação que visam desenvolver projectos piloto de hidrogénio cobrindo toda a cadeia de valor.

É também um vector de eleição para aportar flexibilidade e permitir otimizar o mix de fontes renováveis pois é armazenável. O hidrogénio tem uma vantagem adicional, permite descarbonizar sectores de difícil descarbonização como a aviação, transporte marítimo, transporte pesado de longo curso e o sector industrial que tradicionalmente já utiliza hidrogénio ou seus derivados até agora produzido a partir de combustíveis fósseis.

Como conclusão, vem preencher os espaços em que a variabilidade das energias renováveis deixam a descoberto e em simultâneo resolver os problemas onde as renováveis têm difícil resposta. A questão é que tem que ser verde.

E qual o caminho a percorrer?

Tem múltiplas utilizações e o seu sucesso estará muito dependente da capacidade de as otimizar em função do sector de uso e da avaliação técnico-económica das diferentes formas de produção.

Para acelerar a economia do hidrogénio há que concentrar esforços e construir formas de colaboração que permitam acelerar o sucesso dos diferentes projectos. No seio da "Mission Innovation 2.0" foi criada uma plataforma, H2 Valley Platform <https://www.h2v.eu/> cuja missão é construir uma colaboração ou colaborações à escala global e toda a divulgação associada a projectos bandeira.

A missão da plataforma é ainda promover a emergência da integração de toda a cadeia de valor nos projectos de hidrogénio assim como aumentar a consciencialização dos políticos para esta oportunidades.

Um "hydrogen valley" é essencialmente um projecto (normalmente financiado) que agrupa vários sectores, indústria e iniciativas de investigação que visam desenvolver projectos piloto de hidrogénio cobrindo toda a cadeia de valor.

A importância do Hidrogénio verde no mix energético será seguramente menor do que o vector electricidade, no entanto, não nos podemos esquecer que atrás da fórmula química está uma infraestrutura completa de produção, transporte, conversão e utilização que se comporta como peça do puzzle capaz de concluir o processo de descarbonização.

O hidrogénio completa as lacunas dos sectores da electricidade renovável e do calor ligando-os entre si.

O hidrogénio pode ainda ser motor de parcerias e ultrapassar barreiras industriais e geográficas capaz de actuar como agente disruptivo nas cadeias de valor e criar novas oportunidades em países onde a descarbonização está ainda distante.

Poderá ainda conduzir a uma nova actividade industrial e resolver problemas energéticos de continentes como a África.

A Europa tem em perspectiva mais de 700 projetos de hidrogénio dos quais próximo de uma centena são em Portugal.

A Aliança Europeia para o Hidrogénio Limpo

(<https://ec.europa.eu/>)

tem publicado no portal a evolução dos diferentes projectos que têm surgido num crescendo constante como contributo para desenvolver a economia europeia do hidrogénio em grande escala.

A figura apresenta a distribuição dos projectos por arquétipo.

A carteira de projectos é o resultado de selecção de entre mais de mil candidaturas de projectos de membros da Aliança Europeia para o Hidrogénio Limpo que foram avaliados pela Comissão Europeia em função de um conjunto de critérios bem definidos, incluindo a redução das emissões de gases com efeito de estufa, a dimensão mínima e a maturidade dos projectos.

Em Project pipeline (<europa.eu>) é possível ver a lista de todos os projectos actualmente activos por país.

Portugal apresenta activos pelo menos 85 projectos distribuídos pelo país.

As cores do arco-íris

Apesar do hidrogénio ser o elemento mais abundante na terra, não existe isolado. De facto é produzido através de vários processos, alimentados por variadas formas de energia cujo resultado se apresenta com diferentes benefícios, produtos secundários e utilizações.

É usual identificar o hidrogénio através de um código colorido que reflecte a forma como é produzido.

Cinzento – é produzido a partir do gás natural, normalmente metano, através de um processo que se designa reforma do metano. É a forma mais comum apesar de emitir gases de efeito estufa.

Azul – é produzido a partir e reforma do metano mas onde o dióxido de carbono capturado é sequestrado no subsolo.

Turquesa - é produzido a partir da pirólise do metano resultado do processo como sub-produto carvão sólido.

Tem potencial para ser um processo de baixo carbono desde que a pirólise seja alimentada com energia renovável e o carvão seja devidamente armazenado.

Rosa – é produzido por electrólise da água ou por reforma do vapor de metano sendo o processo alimentado a partir de energia nuclear.

Castanho/preto - é produzido a partir de um processo de gaseificação do carvão. É o processo com maiores emissões.

Verde - é produzido a partir de electrólise da água alimentada por energias renováveis, solar, vento ou hídrica. É a única forma de produção sem quaisquer emissões poluentes.

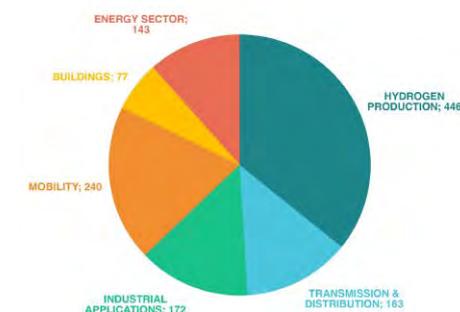
É esta a razão porque se fala do arco-íris do hidrogénio e na transição precisaremos de usar várias cores para atingirmos o verde.

E quanto ao papel do LNEG?

O LNEG colaborou na Estratégia Nacional para o Hidrogénio aportando contributos nomeadamente no que respeita à utilização de diversas fontes de água, chamando à atenção para a necessidade de analisarmos as redes de gás em função da sua idade e dos materiais que as compõem e acompanhando a transposição da directiva RED II.

Em jeito de balanço podemos afirmar que construímos um núcleo transversal, juntando as diversas valências internas que nos preparou para sermos capazes de responder de forma holística a este desafio. Sobre esta matéria aconselho a leitura do nosso Policy Brief disponível no Portal do LNEG.

O hidrogénio sendo um vector muito utilizado, principalmente na indústria desde há longos anos, surge agora como um vector renovável, desde que seja produzido a partir de fontes renováveis.



PRF: SOLUÇÕES DE ENERGIA VERDE POR UM MUNDO MELHOR



Bruno Faustino, Diretor do Departamento do Hidrogénio da PRF, apresenta os novos projetos da empresa, que se destaca com uma solução pioneira, um posto de abastecimento de hidrogénio a veículos, o projeto DRHYVE, bem como o foco nas energias sustentáveis, nomeadamente projetos de produção e injeção na rede de gás natural e aplicações na indústria.

Com o primeiro posto de abastecimento em Cascais. Qual o balanço que se pode fazer em relação ao aumento de utilizadores, ao nível económico e ambiental?

A PRF Gas Solutions tem o prazer de ter sido a empresa pioneira ao ter lançado oficialmente o seu posto portátil de abastecimento de hidrogénio a veículos - DRHYVE. Este posto portátil de abastecimento, servirá para abastecimento de veículos movidos a fuel cells ou pilha de combustível. Essa solução, atualmente, é capaz de abastecer veículos pesados e ligeiros a 350 bar e num futuro irá também abastecer ligeiros a 700 bar.

A unidade instalada na cidade de Cascais, Portugal encontra-se a abastecer 2 autocarros diariamente, também eles de fabrico nacional (construídos pela CAETANOBUS) e um automóvel ligeiro (Toyota MIRAI). São também realizados encheimentos regulares dos autocarros novos, após término da sua construção na CAETANOBUS.

Tudo isso contribui para o balanço muito positivo da utilização de hidrogénio para a mobilidade.

Desde agosto de 2021 já foram consumidos cerca de 4 600 kg de hidrogénio, tendo realizado cerca de 450 abastecimentos. Não podemos dizer que houve um aumento de utilizadores, mas é público que é intenção da C. M. adquirir mais autocarros movidos a hidrogénio, pois têm variadas vantagens relativamente aos autocarros elétricos a bateria, começando pela autonomia ou tempo de carregamento. De qualquer forma, as duas soluções são alternativas "zero" emissões, que contribuem para a diminuição da pegada carbónica das frotas de transporte público.

O que nos pode adiantar quanto ao projeto que desenvolveram em Évora com a Fusion Fuel?

É um projeto da FUSION FUEL, com tecnologia própria, que inicia com a instalação de 55 unidades Hevo Solar (15 deles já instalados, a aguardar licença de exploração), que permitirão produzir anualmente 60 toneladas de hidrogénio verde.

A PRF neste projeto, especificamente, realizou a interligação das diversas unidades produtoras, estando responsável por desenvolver e construir as soluções de compressão e posterior armazenamento do hidrogénio produzido a diversas pressões.

O posto DRHYVE foi inteiramente projetado, desenvolvido e construído em Portugal pela PRF, sendo um marco para a indústria nacional e serviu para mostrar a capacidade e fiabilidade da nossa empresa.

Após a armazenagem, esse gás será utilizado pela FUSION FUEL para diversos fins apresentados: Desde produção de eletricidade renovável com recurso a uma fuelcell até à injeção e mistura na rede de gás natural.

Neste momento, este projeto encontra-se em fase final de comissionamento.

Na sua opinião, até onde se poderá alargar a utilização do hidrogénio verde e em que áreas podem ser aplicadas de forma a preservar o meio ambiente?

O hidrogénio, como vetor energético, ainda tem custo superior a outros combustíveis, portanto aposta-se na sua utilização principalmente onde não há alternativas de baixas emissões. Além disso, onde outras vantagens superam os custos mais altos (e.g., armazenagem de energia renovável excedente por longos períodos). Na indústria, após pequenas adaptações de alguns equipamentos, o hidrogénio pode ser a solução em setores que a eletrificação não é viável por alguma questão como é o caso das indústrias de altas temperaturas.

Nos setores de transporte pesado, aviação e marinha o H2 tende a ser uma grande aposta no seu estado líquido, uma vez que dessa forma apresenta alta densidade energética o que é um ponto relevante para a questão da autonomia.

Em relação ao Posto Portátil, de que forma esta solução está a conquistar o mercado nacional e internacional?

O posto DRHYVE foi inteiramente projetado, desenvolvido e construído em Portugal pela PRF, sendo um marco para a indústria nacional e serviu para mostrar a capacidade e fiabilidade da nossa empresa, principalmente perante o cenário internacional. Este é o primeiro dos muitos postos de abastecimento para hidrogénio que a PRF pretende construir à semelhança das inúmeras unidades de GNC/GNL projetadas, desenvolvidas e construídas pela PRF pelo mundo fora.

A PRF tem outras unidades em construção atualmente, uma vez que um dos nossos principais objetivos é a busca de novos mercados por todo o Mundo. Apresentamos soluções no que diz respeito a energias alternativas, quer se trate de hidrogénio, biogás/biometano ou outras.

A PRF encontra-se neste momento a desenvolver e a construir um posto de abastecimento de veículos a hidrogénio em Madrid, também para a FUSION FUEL.

HIDROGÉNIO: ENERGIA SUSTENTÁVEL!

Em que fase se encontra e como tem decorrido o projeto de injeção na rede no Seixal?

O projeto GREEN PIPELINE PROJETO (https://www.greenpipeline.pt/), no Seixal, em termos de infraestruturas mecânicas e elétricas necessárias para a execução do projeto-piloto, encontra-se totalmente concluído, estando todos os equipamentos já a funcionar, ou seja, desde a unidade de produção de energia fotovoltaica, eletrolisador de produção de hidrogénio, armazenamento, rede de distribuição e equipamento de injeção, mistura e análise de hidrogénio-gás natural.

As diversas entidades participantes no projeto encontram-se a ultimar a fase de testes e análises necessárias para que se possa iniciar a injeção de hidrogénio com total segurança.

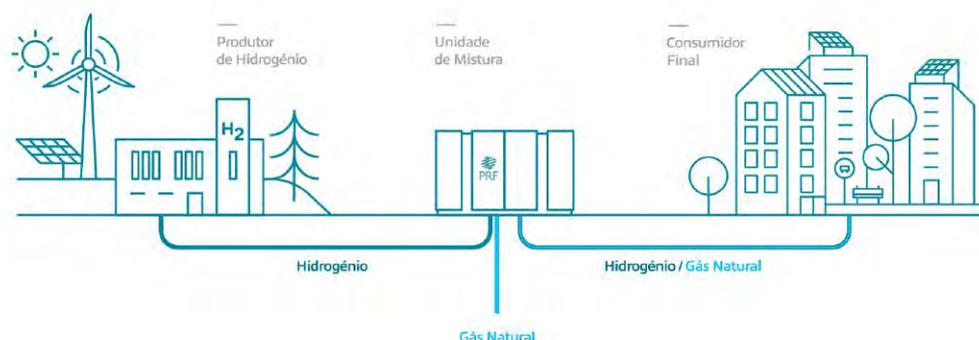


Que outros projetos poderemos destacar?

A PRF encontra-se neste momento a desenvolver e a construir um posto de abastecimento de veículos a hidrogénio em Madrid, também para a FUSION FUEL. Este é um projeto importante para nós, uma vez que será o primeiro projeto na área do hidrogénio que realizaremos "fora de portas". Espera-se que o posto esteja concluído e pronto a funcionar a partir de setembro de 2022.



Injeção na Rede Layout



OS GASES RENOVÁVEIS VETORES CHAVE NO PROCESSO DE DESCARBONIZAÇÃO



Artigo de Ricardo Barbosa, coordenador da área de Energia no INEGI - Instituto de Ciência e Inovação em Engenharia Mecânica e Engenharia Industrial



No âmbito do Pacto Ecológico Europeu e com a Lei Europeia em matéria de Clima, a União Europeia (UE) estabeleceu para si própria a meta vinculativa de alcançar a neutralidade climática até 2050. Como etapa intermédia neste caminho, comprometeu-se a reduzir as emissões em pelo menos 55 %, no contexto do chamado pacote Fit for 55.

No contexto deste pacote, a atualização da Diretiva Energias Renováveis propõe aumentar a meta vinculativa geral das energias renováveis no mix energético da EU, dos atuais 32%, para 40%, e privilegiar a incorporação de gases renováveis, como o hidrogénio verde. Mais recentemente a Comissão Europeia propõe estabelecer o plano REPowerEU, que aumentará a resiliência do sistema energético à escala da UE, através da diversificação do aprovisionamento de gás, através do recurso a maiores volumes de produção e importação de biometano e hidrogénio, reduzindo assim mais rapidamente o recurso a combustíveis fósseis nos diversos usos finais.

Portugal, está entre os países da união europeia já com compromissos assumidos, plasmados no Roteiro para a Neutralidade Carbónica 2050 e no Plano Nacional Energia e Clima 2030, tendo no âmbito

deste último sido elaborada a Estratégia Nacional para o hidrogénio que sublinha as vantagens da incorporação do hidrogénio no sistema energético nacional.

É, portanto, consensual que o hidrogénio será um vetor chave no processo de descarbonização, em parte também porque permite a integração dos sistemas de eletricidade e de gás natural (sector coupling). Isto acelera a descarbonização do sistema elétrico e da rede de gás natural, permitindo uma estratégia rumo à neutralidade carbónica mais eficiente do ponto de vista energético, económico e financeiro.

As infraestruturas de gás natural (distribuição e transporte) serão por isso cruciais para garantir a resiliência e a flexibilidade do sistema energético nacional no processo de transição para a neutralidade carbónica, através do armazenamento e integração de gases renováveis.

Também na descarbonização da indústria, o hidrogénio terá um papel fundamental. Ainda que a eletrificação dos diversos setores da economia seja um importante driver de descarbonização, nem todos os processos industriais podem ser eletrificados, existindo assim a necessidade de um transportador de energia neutro em carbono para descarbonizar completamente a produção industrial.

Por exemplo, no caso de fornecimento de calor de processo a altas temperaturas

(acima de 400 °C) a eletrificação já não é uma opção, pelo que os únicos vetores energéticos/combustíveis de baixo carbono com potencial para substituição dos combustíveis fósseis são a biomassa e os gases renováveis.

Portugal, está entre os países da união europeia já com compromissos assumidos, plasmados no Roteiro para a Neutralidade Carbónica 2050 e no Plano Nacional Energia e Clima 2030.

Neste contexto o INEGI - Instituto de Ciência e Inovação em Engenharia Mecânica e Engenharia Industrial, enquanto centro de interface tecnológico e alinhado com as estratégias descritas, tem vindo a desenvolver, em conjunto com empresas nacionais, projetos que visam o desenvolvimento de metodologias, ferramentas e tecnologias para toda a cadeia de valor dos gases renováveis (com enfoque no hidrogénio verde), tendo como principal objetivo promover a descarbonização dos diferentes setores da economia nacional.

Em concreto, a atuação do instituto tem sido focada:

- No desenvolvimento de soluções tecnológicas para produção, armazenamento e uso industrial do H₂;

- Na análise de compatibilidade e definição de especificações para os ativos da rede de gás natural no cenário de injeção de hidrogénio, e
- No apoio a promotores de centrais de produção de hidrogénio verde, em fase de projeto, na otimização da eficiência e dos custos das centrais por via do dimensionamento e integração dos diferentes sistemas constituintes da central, para vários cenários de utilização final do H₂ produzido e de produção de energia elétrica com base em fontes de energia renovável.

O desenvolvimento destas atividades fomenta o crescimento económico e o emprego por via do desenvolvimento de novas indústrias e serviços associados, bem como a investigação e o desenvolvimento, acelerando o progresso tecnológico e o surgimento de novas soluções tecnológicas, com elevadas sinergias com o tecido empresarial.

De igual forma, pretende-se contribuir para a redução da dependência energética nacional, quer pela produção de energia a partir de fontes endógenas, quer pela utilização direta de hidrogénio, e dessa forma contribuir significativamente para a melhoria da balança comercial e o reforço da resiliência da economia nacional.

ULTIMATE POWER APRESENTA:
ULTIMATE CELL LARGE ENGINE

UCLE G2

NOVA GERAÇÃO PARA GRANDES MOTORES

MOTORES MAIS EFICIENTES, MENOR IMPACTO AMBIENTAL.



ULTIMATE POWER
Saving Energy Technologies

HIGH EFFICIENCY



Zero/Near Zero Emissions



PROJETO GREENH2ICE: HIDROGÉNIO PARA TODOS OS CARROS

O projeto GreenH2ICE pretendeu investigar e desenvolver uma estação integrada de produção renovável de hidrogénio de alta eficiência para abastecimento de viaturas, em particular através da conceção de um eletróliseador e de um novo processo de conversão de motores de combustão interna para funcionarem a Hidrogénio (H₂).

O projeto iniciou-se em março de 2018 e conta com a participação do Laboratório Nacional de Energia e Geologia (LNEG).

Outros aspetos de interesse deste projeto residem no facto de os motores de combustão interna, serem velhos conhecidos da indústria e dos seus utilizadores, assim como a possibilidade destes veículos poderem operar com hidrogénio de baixa pureza, resultando num custo mais baixo.

Como resultado, pode-se antever uma redução das emissões de CO₂ praticamente para 100%, não se colocando o problema de ficar na estrada sem hidrogénio, dado o sistema ser *Dual Fuel*.

A disseminação desta solução poderá constituir o chamado consumo base, para a penetração do hidrogénio no mercado nacional.

Ou seja, não precisa desistir do seu automóvel de hoje, basta convertê-lo para um sistema "*Dual Fuel*" a hidrogénio.



Skid do eletróliseador desenvolvido pela TecnoVeritas para a produção de hidrogénio.

Porquê o Hidrogénio?

A utilização de veículos movidos a hidrogénio surge como uma alternativa credível em termos de autonomia, mas também em termos da tão falada Economia Circular, pois os motores existentes nos automóveis de hoje, podem ser operados quer a hidrogénio, quer a gasolina, sendo que são os que existem no mercado, não necessitando de hidrogénio de alta pureza ao contrário das células de combustíveis, fator este que dá origem a um aumento de custo de produção de cerca de 25%.



Carro convertido para Hidrogénio.

A utilização de veículos movidos a hidrogénio surge como uma alternativa credível em termos de autonomia, mas também em termos da tão falada Economia Circular.

Os motores Otto, quando alimentados a hidrogénio funcionam também com um rendimento na mesma ordem de grandeza que as células de combustível, são baratos e fiáveis, emitindo praticamente 0% de CO₂. O interesse em hidrogénio como combustível de transporte alternativo decorre da:

- Capacidade que os motores de combustão interna têm de funcionar sem emissões de CO₂, equiparando-se às células de combustível e veículos elétricos com zero emissões;
- Potencial para produção doméstica;
- Tempo de enchimento rápido;
- Alta eficiência do motor a hidrogénio, comparável com a eficiência da célula de combustível.

Não obstante, à abundância de hidrogénio na natureza, um dos maiores desafios reside na sua obtenção eficiente e armazenagem.

Produção de H₂

O hidrogénio pode ser produzido com base numa variedade de tecnologias. Estas incluem recursos fósseis, como gás natural e carvão, bem como recursos renováveis, como a biomassa, a água e energia elétrica renovável.

Para tal, podem ser utilizadas várias tecnologias químicas, biológicas, eletrólitos, fotolíticos e termo-químicos.

Em termos absolutos, foram identificados 14 processos diferentes que permitem a produção de hidrogénio.

No projeto GreenH2ICE, a eletrólise alcalina da água foi o processo selecionado por ser simples, bem conhecido e melhorável, o que foi o caso.

Eletrólise Alcalina a Alta Pressão

A eletrólise da água consiste na decomposição da molécula da água em hidrogénio e oxigénio através da utilização de energia elétrica.

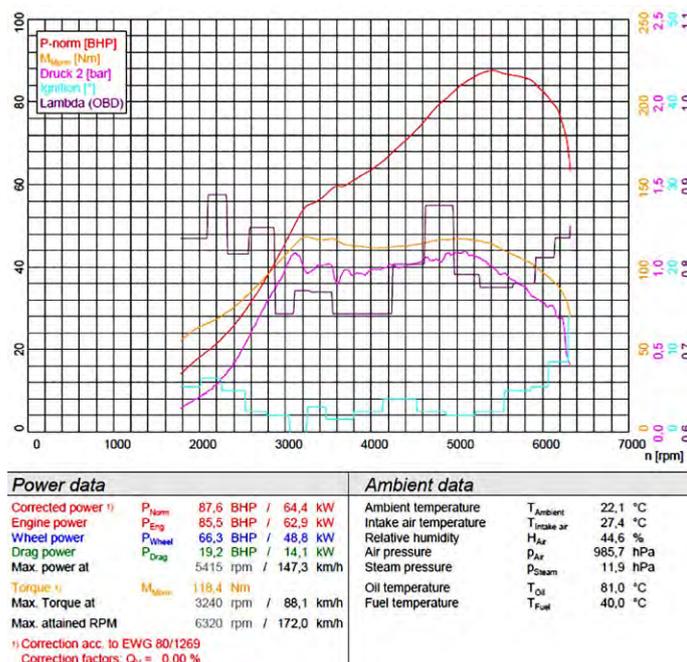
Trata-se de um processo exotérmico não espontâneo, daí ser necessário fornecer energia elétrica para que a reação ocorra.

No projeto GreenH2ICE foi desenvolvido um eletróliseador alcalino de alta pressão.

Nestes eletróliseadores a água é decomposta havendo a separação do Hidrogénio e Oxigénio através de uma membrana especial.

O projeto GreenH2ICE pretendeu investigar e desenvolver uma estação integrada de produção renovável de hidrogénio de alta eficiência para abastecimento de viaturas, em particular através da conceção de um eletróliseador e de um novo processo de conversão de motores de combustão interna para funcionarem a Hidrogénio (H₂).

A eletrólise alcalina fornece uma solução sustentável para a produção de hidrogénio e é adequada para o acoplamento com fontes de energia renovável, como a energia eólica e solar.



Curvas de desempenho do Carro convertido para Hidrogénio



No projeto GreenH2ICE foi desenvolvido um eletróliseador alcalino de alta pressão. Nestes eletróliseadores a água é decomposta havendo a separação do Hidrogénio e Oxigénio através de uma membrana especial.

As inovações do projeto

O projeto do eletróliseador de alto rendimento:

- Recurso à turbulência, nas suas câmaras;
- Alimentação pulsada;
- Membranas de alta eficiência e resistência;
- Eléctrodos com recobrimentos catalíticos
- O projeto de conversão do veículo:
- Solução de injeção eletrónica multipoint-port injection;
- Solução de injeção direta para alta performance;
- Solução de abastecimento ou por cilindro a 700 bar, ou LOHC (Liquid Organic Hydrogen Carrier);
- Concordância com as regras da União Europeia de segurança veicular.

A vantagem dos motores de combustão interna é que:

- O hidrogénio não necessita de ser de elevada pureza o que diminui o custo da sua produção em cerca de 25%.
- O seu rendimento a altas cargas aumenta substancialmente e as emissões de NO_x só se fazem sentir em misturas muito ricas.
- O veículo convertido permite trabalhar também a gasolina ou a gasóleo, não limitando a autonomia do mesmo.
- Converter um veículo com motor de combustão para funcionar a hidrogénio é um excelente exemplo de Economia Circular, dado 70% das emissões da vida de um automóvel terem lugar durante o seu processo de fabrico.

Converter um veículo com motor de combustão para funcionar a hidrogénio é um excelente exemplo de Economia Circular, dado 70% das emissões da vida de um automóvel terem lugar durante o seu processo de fabrico.

ECONOMIA DO HIDROGÉNIO (VERDE) PRINCIPAIS DESAFIOS E OPORTUNIDADES



Alexandra Pinto, Professora associada da FEUP - CEFT/ALICE - Investigadora na Área do H₂ e Electrolisadores/Células de combustível.

As alterações climáticas e os seus impactos, especialmente visíveis e preocupantes nos últimos anos, chamam o país para uma resposta coletiva forte, cuja necessidade o contexto da pandemia causada pela COVID-19, e mais recentemente, a situação de conflito na Europa reforçaram.

Entre vários caminhos, aquele que leva a uma economia e sociedade neutras em carbono é obrigatório, para promover o crescimento económico e melhorar a qualidade de vida. Quando a importância do uso de recursos renováveis e intermitentes para a produção de energia aumenta em todo o setor, desenvolver uma forma de armazenar com eficiência e baixo custo os seus excedentes, torna-se uma necessidade urgente, pedindo o desenvolvimento das chamadas tecnologias facilitadoras.

O hidrogénio (H₂) é considerado um vetor energético com grande potencial sobretudo se for produzido a partir de eletricidade renovável (H₂ verde), podendo ser armazenado e transportado ou reconvertido para a rede quando necessário.

No entanto, o atual mercado para o H₂ verde ainda é incipiente, com custos elevados de produção, armazenamento e transporte e para que a indústria em torno do H₂ verde cresça de forma sustentável há ainda vários desafios tecnológicos para resolver. Mas, tal como os dois lados de uma mesma moeda, cada desafio é também uma oportunidade, se forem encontradas as soluções tecnológicas e de mercado adequadas.

A oportunidade é agora

Na caminhada rumo a uma economia mais sustentável há dois atores principais, a par da eletricidade renovável: os conversores

de eletricidade – H₂ (Eletrolisadores) e os conversores H₂-eletricidade (Células de combustível). Ambos são essenciais, no entanto, os principais desafios tecnológicos estão atualmente no lado da produção de H₂.

A eletrólise da água (envolvendo o uso de eletricidade para quebrar a ligação química das suas moléculas) é a tecnologia de eleição para a produção massiva de H₂ verde, apesar de atualmente apenas 4% da produção mundial de H₂ provir da sua utilização.

Existem dois tipos principais de eletrolisadores operando a baixa temperatura com tipos diferentes de materiais que constituem o eletrólito a separar o ânodo e cátodo destes dispositivos: os eletrolisadores PEM (membrana polimérica de permuta protónica) apresentando uma boa resposta dinâmica e facilidade de aumento de escala e os mais maduros eletrolisadores alcalinos (solução aquosa de hidróxido de potássio). Atualmente, o maior eletrolisador PEM em funcionamento, com 10MW, opera desde julho de 2021 e prevê-se que seja escalado em breve até 100MW. Estas duas tecnologias lutarão para desempenhar o papel principal no caminho para a escala dos GW.

O hidrogénio (H₂) é considerado um vetor energético com grande potencial sobretudo se for produzido a partir de eletricidade renovável (H₂ verde), podendo ser armazenado e transportado ou reconvertido para a rede quando necessário.

O desafio crítico que a indústria de H₂ renovável enfrenta hoje é a necessidade de rápida diminuição do preço (3 a 6 vezes) do H₂ produzido para níveis comparáveis ao obtido a partir de combustíveis fósseis. A descida consistente do preço da eletricidade renovável nos últimos anos em alguns países (incluindo Portugal) é uma oportunidade a não perder, à qual tem que acrescer uma diminuição acentuada do preço dos eletrolisadores, a conseguir particularmente a partir do desenvolvimento de componentes mais baratos (e mais sustentáveis) produzidos em massa através de técnicas inovadoras de fabricação.

A Estratégia Nacional para o hidrogénio (EN-H₂) delineou o caminho para atingir a descarbonização total do país em 2050 e vai dando alguns passos necessários para o efeito. Estamos perante uma oportunidade única de modernização da economia e de qualificação/requalificação dos recursos humanos. Neste contexto, agregador de competências, é fundamental que o estado da arte das tecnologias envolvidas, o seu potencial para a resolução de vários problemas e os desafios a ultrapassar sejam divulgados à sociedade. Igualmente, é importante a aproximação entre Universidade/Centros de I&D e Indústria, assim como, o fortalecimento da ligação entre as atividades de I&D e as necessidades regionais e nacionais para que neste processo se incorpore o máximo de tecnologia Nacional.

UMA NOVA ENERGIA NA EUROPA



Nelson Lage, Presidente do Conselho de Administração da ADENE

Foi com imensa honra que a ADENE abraçou, a 16 de fevereiro, em tempos conturbados e de profundas transformações no mundo, a Presidência da Rede Europeia de Energia (EnR – European Energy Network).

Uma rede que reúne 25 agências nacionais de energia de países da Europa que têm por missão a dinamização de políticas, programas e iniciativas nacionais ou europeias nos domínios da eficiência energética, das energias renováveis e da mitigação das alterações climáticas.

Nas últimas semanas, o tema da energia esteve ainda mais em destaque, porque todos necessitamos de energia, para as nossas rotinas, sem energia a sociedade estagna e a vida para. A tensão geopolítica e consequente guerra está a afetar os preços da energia, o que se traduz numa verdadeira crise energética.

A dependência da Europa de fornecedores externos e, em alguns casos, uma dependência considerável de importações de petróleo e gás natural de um reduzido portefólio de fornecedores e origens, levam-nos a que a inflação suba e os preços dos combustíveis atinjam recordes absolutos, como temos assistido. Vivemos tempos de decisões cruciais. A transição energética está a ter um impacto assimétrico entre os Estados-Membros. A previsão de uma menor produção em França, devido aos cortes nos reatores nucleares, combinada com a seca no sul da Europa que interrompeu a produção de energia hidrelétrica é também causa de elevados preços da energia.

Além disso, regiões como os Alpes, onde as cotas de neve são baixas, afetarão significativamente as reservas globais de água. O desafio da transição energética é decisivo na sustentabilidade que aspiramos alcançar. Todos nós merecemos uma palavra sobre isso. Não é responsabilidade exclusiva dos governos. Tal mudança deve abranger os cidadãos. A mudança não pode nem deve ser feita sem o apoio das agências nacionais de energia, cujo papel é estimular os formuladores de políticas e os cidadãos a acelerar a transição.

Na vanguarda da qual está a Rede Europeia de Energia (EnR), que a ADENE preside e compromete-se a ser impulsora destas mudanças, dinamizando para tal atividades em cinco áreas temáticas assentes nos eixos da digitalização, território e juventude: a pobreza energética, as comunidades de energia, o nexus água-energia, a cooperação internacional e os empregos verdes.

É importante aproveitar a nossa rede e o seu papel central de proximidade com aqueles que melhor podem alavancar as medidas de transição. As agências de energia são um parceiro essencial no compromisso da Europa em promover a eficiência energética e valorizar os seus recursos endógenos, acelerando a utilização das fontes renováveis de energia.

Se é verdade que a Europa precisa de eletrificar a sua economia com mais energias renováveis, investindo em energia solar e eólica, e na introdução de hidrogénio verde nas suas redes, também é verdade que estas ideias e projetos chegam de forma mais clara e objetiva com o trabalho realizado pelas agências de energia, pela proximidade com entidades e organizações dos mais diversos setores, os municípios, as empresas e os cidadãos.

E como o futuro da Europa está nas mãos da geração do amanhã, sendo o ano de 2022 o Ano Europeu da Juventude, deve ser evidenciada a importância dos jovens cidadãos europeus para a construção de um futuro melhor, mais ecológico, mais inclusivo e digital.

A juventude da Europa fica convocada a participar em várias iniciativas previstas longo do ano: Conferência sobre o Futuro da Europa, Parceria UE-África, Dias da Indústria da UE 2022, o voluntariado MeetEU, a conferência *Taking Competition Policy into the future*, o programa *Erasmus para Jovens Empreendedores (EYE)*, a *rede European Heritage Youth Ambassador*, entre tantos outros que estão a ser planeados.

Queremos alcançar neste Ano Europeu da Juventude quatro objetivos principais: destacar a forma como as transições ecológica e digital proporcionam oportunidades aos jovens; ajudar os jovens a tornarem-se cidadãos ativos e empenhados; promover oportunidades ao alcance dos jovens e integrar a perspetiva da juventude nas políticas da União.

O futuro energético da Europa passa pela transição energética que terá de ser feita através da eficiência energética, com cidades inteligentes, comunidades de energia renovável e mobilidade elétrica, e por último, mas não menos importante, com as agências de energia em estreita ligação com o cidadão cada vez mais consciente e informado.

Só assim conseguiremos uma nova Energia na Europa.

CERENA APOSTA EM MODELOS INTEGRADOS DA CADEIA DE VALOR DO HIDROGÉNIO

Em resposta ao desafio lançado pelo Acordo de Paris, em 2015, e reforçado na COP26 em Glasgow, a Comissão Europeia lançou o Pacto Ecológico Europeu que estabelece um novo roteiro para tornar a economia na UE mais eficiente na utilização dos recursos e neutra em carbono até 2050.

Em acordo, o Governo português estabeleceu no Roteiro para a Neutralidade Carbónica (RNC2050) [1] e Estratégia Nacional para o Hidrogénio (RCM 63/2020) [2], com o objetivo da descarbonização da economia através de uma nova matriz energética com menor peso de combustíveis fósseis e consequente redução das emissões de gases com efeitos de estufa de 85% em 2050 relativamente a 2005.

Para atingir esta meta, será necessário, entre outras medidas, um aumento na capacidade instalada de energias renováveis de 15 GW em 2020 para 50 GW em 2050, 80% da qual em energia eólica (EO) e fotovoltaica (EF). Embora este aumento contribua para os objetivos acima descritos, poderá evidenciar os efeitos da intermitência das energias renováveis na estabilidade da rede elétrica nacional, onde a produção de hidrogénio verde (H₂V) a partir da eletrólise da água tem sido apresentado como solução chave.

O Centro de Recursos Naturais e Ambiente (CERENA) tem-se empenhado na procura de respostas aos desafios apresentados através do desenvolvimento de projetos de investigação para a análise e modelação do potencial de produção de H₂V em Portugal e do papel que este poderá ter na matriz energética nacional. Para tal, o CERENA aliou-se a outros institutos, como o IPMA e o INESC-ID, contando com uma equipa multidisciplinar, que combina o *know-how* em geostatística e geomecânica, com as engenharias eletrotécnica e química, para estudar as áreas de produção, armazenamento e transporte dentro da cadeia de valor do H₂V.

Na área da produção de H₂V, o CERENA está a desenvolver modelos para a previsão de mapas temporais de densidades de potência de produção de EO e EF, integrados com modelos de evolução espaço-temporal de variáveis climáticas

(e.g., radiação solar, velocidade do vento, etc.) até 2050, no território continental português. Considerando as futuras expansões das capacidades de EO e EF previstas no RNC2050, a produção de energia eólica, solar e a procura de eletricidade a nível nacional serão estimadas até 2050, para projetar e avaliar os necessários sistemas de produção, armazenamento, e transporte de H₂V, de modo a aproveitar os excedentes resultantes da intermitência na produção de energia elétrica.

Pretende-se ainda criar modelos de simulação dinâmica de eletrolisadores integrados com a produção de energia EO e EF, bem como modelos de armazenamento de H₂V, nos denominados sistemas *Power-to-Gas*. Este sistema integrado será otimizado de forma a melhorar a eficiência energética e reduzir os seus custos globais de operação. O potencial de produção de H₂V em Portugal será obtido através do planeamento/escalonamento e análise económica destes sistemas sujeitos aos cenários climáticos, às séries temporais de densidades de potência de EO e EF e aos perfis diários e sazonais de procura de eletricidade.

O Centro de Recursos Naturais e Ambiente (CERENA) tem-se empenhado na procura de respostas aos desafios apresentados através do desenvolvimento de projetos de investigação para a análise e modelação do potencial de produção de H₂V em Portugal e do papel que este poderá ter na matriz energética nacional.

Relativamente ao armazenamento, analisar-se-á a viabilidade da conversão do domo salino do Carriço, da Bacia Lusitana para o armazenamento subterrâneo de H₂V através de simulações numéricas geomecânicas 3D. Será também avaliada a viabilidade técnico-económica e ambiental do armazenamento e transporte de H₂V em líquidos orgânicos.

Adicionalmente, estes modelos serão agregados numa aplicação informática de apoio à tomada de decisão das entidades interessadas para o planeamento da produção e armazenamento de H₂V no sistema elétrico português em horizontes temporais móveis de curto, médio e longo termo.

Além das imensas possibilidades de utilização do H₂V, uma das vertentes mais discutidas será a sua utilização na conversão de CO₂ capturado em unidades industriais para produzir metano ou outros compostos que possam servir como building blocks da indústria química em geral, cimenteira e petroquímica em particular (*Power-to-Liquids*).

Neste processo de captura por via química, o óxido de cálcio reage com o CO₂ acompanhado de libertação de calor. Este calor poderá ser integrado num sistema de ciclo *Rankine Orgânico* com produção de energia elétrica.

O grupo Energia do CERENA, em colaboração com o C5lab (www.c5lab.pt) tem dedicado trabalho na modelação e simulação de processos de captura de CO₂, mais concretamente através do ciclo do cálcio. Neste processo de captura por via química, o óxido de cálcio reage com o CO₂ acompanhado de libertação de calor. Este calor poderá ser integrado num sistema de ciclo Rankine Orgânico com produção de energia elétrica.

A regeneração do carbonato de cálcio formado deverá ser efetuada num calcinador, produzindo uma corrente concentrada de CO₂ que poderá ser armazenada ou utilizada na produção de metano verde se para tal for utilizado H₂V. O calcinador necessita de calor para que a reação de regeneração ocorra, e aqui está um outro desafio que passa pela utilização de combustíveis ou energia elétrica, ambos provenientes de fontes renováveis.

Numa interligação entre o hidrogénio e o controlo de emissões de CO₂, o CERENA participou recentemente no Projecto Clean4g conjuntamente com a Secil. Este teve como principal objetivo a utilização das emissões de CO₂ do fabrico de cimento para a produção de um combustível gasoso limpo. O resultado final foi a criação de um protótipo que iniciou interligação da eletrólise de bio-óleo e a metanação.

Encontramo-nos sem dúvida num momento crucial da História da humanidade, o Secretário-Geral das Nações Unidas,



Por Henrique A. Matos, Catarina G. Braz, Leonardo Azevedo, Margarida Mateus

António Guterres, descreveu as alterações climáticas como "a questão determinante do nosso tempo", e o último relatório do Painel Intergovernamental sobre Alterações Climáticas [3] mostrou que a crise climática está a acontecer mais rapidamente do que o esperado, sublinhando a necessidade de soluções climáticas radicais. Por outro lado, a atual situação geopolítica veio gerar novos desafios quanto à segurança no abastecimento energético. O CERENA está, naturalmente, empenhado em gerar ferramentas que auxiliem os decisores políticos e parceiros industriais a encontrar as soluções adequadas na resposta a estes desafios.

[1] <https://descarbonizar2050.apambiente.pt/>

[2] <https://www.dgeg.gov.pt/pt/areas-transversais/relacoes-internacionais/politica-energetica/estrategia-nacional-para-o-hidrogenio/>

[3] <https://www.unep.org/pt-br/resources/relatorios/sexta-relatorio-de-avaliacao-do-ipcc-mudanca-climatica-2022>



Para tal o grupo Energia do CERENA, em colaboração com o C5lab (www.c5lab.pt) tem dedicado trabalho na modelação e simulação de processos de captura de CO₂, mais concretamente através do ciclo do cálcio.

FCSUBI: PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL NOS ESTUDANTES



Miguel Castelo Branco, Presidente da Faculdade de Ciências da Saúde



Marta Duarte, Psicóloga Clínica da Faculdade de Ciências da Saúde

A saúde mental consiste numa vertente chave da saúde na sua globalidade. O equilíbrio das funções mentais é crucial para a manutenção do bem-estar e promoção da qualidade de vida. A definição de estratégias para o estabelecimento da harmonia emocional é uma necessidade premente na vida dos seres humanos.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) descreve o conceito de saúde como algo mais abrangente que a simples ausência de doença: é um completo estado de bem-estar físico, mental e social.

Não podemos esquecer que vivemos, recentemente, uma realidade que nos fez repensar e direcionar a atenção de forma mais seletiva para esta temática. A saúde mental não pode e não deve ser preterida e enviada para segundo plano.

A pandemia veio colocar-nos perante grandes desafios sociais que estão a ter impacto, direto e indireto, em diversas áreas e com repercussões que poderão ser graves e duradouras.

Os confinamentos e isolamento social provocaram, inevitavelmente, inúmeros efeitos negativos.



A sociabilidade dos jovens, especialmente, com o grupo de pares, promove uma partilha de valores e representações coletivas, constituindo por isso uma base fundamental para o desenvolvimento pessoal e de bem-estar, que contribui para o equilíbrio emocional.

Perante este cenário de preocupação a Faculdade de Ciências da Saúde (FCS) promove e integra, em parceria com outros agentes da UBI, diversas iniciativas que têm por objetivo analisar e desenvolver estratégias de resolução ou minimização das problemáticas detetadas.

Foi desenvolvido um grupo de trabalho, promovido pelo Provedor do Estudante, no qual os diversos intervenientes puderam efetuar uma análise da situação e definição de estratégias de resolução apresentadas, posteriormente, à Reitoria. O GAP – Gabinete de Apoio Psicológico da UBI, revelou a sua preocupação com o aumento da procura de apoio por parte dos estudantes, durante o confinamento, tendo sido assegurado o apoio via online.

Este aumento continuou a verificar-se após o regresso dos estudantes ao ensino presencial. As problemáticas mais presentes são as Perturbações de Ansiedade e de Humor, nomeadamente a Depressão. Porém, verificou-se um aumento significativo ao nível das Perturbações de Personalidade que antes da COVID19 eram apenas residuais. A necessidade do reforço da equipa de profissionais do Gabinete foi um dos resultados obtidos por grupo de trabalho.

Neste âmbito, também conseguimos acordar com o CHUCB (Centro Hospitalar Universitário da Cova da Beira) uma via mais direta e mais célere para o acesso ao Departamento de Psiquiatria por parte dos estudantes que apresentem situações de saúde agravadas.

A FCS desenvolveu durante a pandemia, em parceria com a AAUBI (Associação de Estudantes da Universidade da Beira Interior) e com um docente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, um estudo que teve por objetivo analisar o impacto psicológico da pandemia nos estudantes da UBI.

Os resultados revelaram um aumento de sentimentos relacionados com stress, ansiedade, decréscimo na capacidade de controlo e tranquilidade.



Mais especificamente, podemos referir preocupações com a dificuldade de concentração, de manutenção de pensamentos positivos e incapacidade de relaxamento. Foram também mencionados sentimentos de desânimo, melancolia, irritação e problemas relacionados com o sono.

De uma forma geral, os participantes no estudo revelaram sentir que a sua saúde mental se deteriorou mais do que a saúde física durante os confinamentos. Alguns casos, residuais, revelaram necessidade de recorrer a terapia farmacológica, tendo sido prescritos ansiolíticos e antidepressivos.

Gabinete de Apoio Psicológico da UBI, revelou a sua preocupação com o aumento da procura de apoio por parte dos estudantes, durante o confinamento, tendo sido assegurado o apoio via online.

Conscientes de que esta realidade não pode passar despercebida e que o fim dos confinamentos não resolveu, com toda a certeza, as problemáticas observadas, urge dar continuidade ao acompanhamento dos estudantes.

O investimento na promoção de saúde mental tendo sido realizada através de atividades como palestras e workshops. A AAUBI promoveu uma tour pelas diversas faculdades da UBI distribuindo informação para aumentar o conhecimento dos estudantes e combater o estigma da saúde mental que por vezes impede a procura de apoio atempadamente.

A preocupação com a saúde mental dos nossos estudantes não resulta da pandemia, é algo ao qual estamos atentos, sempre a trabalhar na compreensão e definição das dificuldades para que as ações sejam adequadas às necessidades.

Está comprovado cientificamente que os estudantes dos cursos de medicina apresentam um nível de bem-estar psicossocial mais reduzido do que a restante população da mesma faixa etária. As escolas de medicina são reconhecidas como locais onde se vivenciam níveis elevados de stress que elevam o aparecimento de transtornos como depressão, ansiedade, burnout, entre outros.

Neste sentido, foi realizado um estudo, que se encontra a aguardar publicação dos resultados, e no qual analisamos a perceção dos estudantes de medicina relativamente à formação médica. Importa conhecer em profundidade a experiência dos estudantes ao longo do percurso académico, tendo em conta a sua perceção em relação a fatores como o ambiente universitário, a carga de trabalho requerida, as exigências da formação, as perspetivas de futuro e os aspetos sociais, culturais e económicos, pois todos eles irão ter impacto na saúde geral e mental.



A saúde mental foi um dos aspetos abordados não só como resultado do impacto da entrada no ensino superior e todas as dificuldades que esse processo envolve, mas também o equilíbrio emocional prévio a essa fase.

A FCS desenvolveu durante a pandemia, em parceria com a AAUBI (Associação de Estudantes da Universidade da Beira Interior) e com um docente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, um estudo que teve por objetivo analisar o impacto psicológico da pandemia nos estudantes da UBI.

Não podemos ignorar que a possível presença de alguma vulnerabilidade num período complexo trará mais dificuldade na integração e provocará consequências agravadas na saúde do estudante.

O Presidente da FCS, Prof. Doutor Miguel Castelo Branco, em representação da UBI integra também o grupo de trabalho do projeto designado “Projeto ES+Saúde”.

Este estudo, que conta com o apoio institucional do CRUP, visa retratar os estilos de vida dos estudantes do ES, nas áreas de saúde e bem-estar, práticas desportivas e de lazer, alimentação, consumo de bebidas alcoólicas e outras substâncias psicoativas.

O conhecimento destas dificuldades, reportadas pelos próprios, é a forma mais fidedigna de conhecer a realidade e assim possibilitar a definição de estratégias de apoio adequadas e com resultados satisfatórios.

As Instituições de Ensino Superior, principalmente as Faculdades de Medicina, têm um papel fundamental na educação e promoção da saúde mental não só para os estudantes, mas para toda a comunidade académica. Só com consciência desta realidade se podem criar ambientes de estudo e de trabalho saudáveis, assim como, agradáveis para os seus utilizadores. No ano de 2022, a FCS irá apostar fortemente na componente de Literacia em Saúde não só dentro da UBI, mas para a comunidade em geral.



BIOÉTICA E A FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE NA COMUNIDADE



Artigo de Abel García Abejas, Professor Convidado da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior.

Numa sociedade que se quer global, surge a necessidade de pensarmos sobre uma disciplina que ganha terreno a cada dia e que se torna central na discussão e no ensino de todas as áreas e faculdades, de todas as universidades, a Bioética.

Esta ganha especial interesse na Faculdade de Ciências da Saúde, onde a tecnologia ganhou terreno e os alunos de medicina perdem rasgos de sensibilidade ao longo do curso de Medicina.

Os conhecimentos científicos e técnicos são importantes, mas não mais que aqueles que nos criam carácter de conteúdo antropológico e humano, entender a espécie humana como pessoa, como sujeito de valores e não só como objeto de doença é um objetivo fundamental do ensino desta disciplina, que deve ter um programa transversal a todos os cursos da FCS-UBI.

A humanidade no eixo central do ensino nas faculdades de ciências da saúde é fundamental, assim como a literacia na comunidade sobre alguns aspetos relacionados com a saúde.

Assim, surge também a necessidade de criar um espaço comum à reflexão para toda a comunidade académica na UBI. O NEBUBI: "Núcleo de Estudos em Bioética da Faculdade de Ciências da Saúde", que tem como missão inicial desenvolver o pensamento e o juízo crítico sobre tudo o que se refere aos dilemas que surgem nas ciências da vida com espaço para todos os sistemas de referência na reflexão, como disse Jonathan Sacks, o respeito pela dignidade da diferença é fundamental desde que exista um diálogo global.

É um núcleo de estudos que pretende, e este é o caminho, ser aberto a todas as faculdades da UBI e mais além, aberto à discussão com a comunidade envolvente e não só. Usando a sua divulgação pelos diferentes canais existentes para um maior alcance.

É cada vez mais importante o ensino da Bioética (dentro da qual encontramos a Ética Médica), e sobretudo, alimentar esta necessidade de pensamento crítico e individual tendo um espaço comum.

A Bioética importa à pessoa, mas importa também ao espaço no qual ela se relaciona, a relação com os outros seres vivos e o seu ecossistema.

A humanidade no eixo central do ensino nas faculdades de ciências da saúde é fundamental, assim como a literacia na comunidade sobre alguns aspetos relacionados com a saúde.

Ao longo do ano 2021 e 2022, o NEBUBI, com as dificuldades inerentes ao processo de pandemia pelo SarS-CoV2, desenvolveu algumas atividades de interesse que ainda estão a decorrer. Interessam destacar:

- As 1^{as} Jornadas Internacionais sobre Bioética, "Bioethics: Opening Borders into Global Dialogue" com participação de especialistas internacionais na área da bioética, onde foram discutidos e apresentados os diferentes trabalhos desenvolvidos pelos alunos da FCS em Bioética e Cuidados Paliativos
- Ciclo de Conferências mensal com diferentes convidados e temáticas de interesse público



- Participação em debates nas escolas secundárias, que está previsto ser algo mais desenvolvido com o PRR.

O NEBUBI é um espaço para todos na responsabilidade pelas gerações futuras como disse Hans Jonas.



Reflexão:

O poder da tecnologia na nossa civilização, tem a capacidade de transformar quer a vida da espécie humana como a do mundo inteiro. É verdade que através da genética a espécie humana tem logrado superar algumas barreiras que a própria natureza impõe:

- Retardar a morte;
- Intervir nos padrões das doenças;
- Modificar os padrões de reprodutividade;

As gerações futuras e a sua dependência das nossas atuações, quer a nível científico, quer a nível técnico, como a modificação do genoma, do meio ambiente e as consequentes modificações da biosfera, imprime uma grande responsabilidade nas gerações presentes e o legado que deixamos para o futuro.

Sem esquecer o antropocentrismo, a tecnologia deve ser uma aliada e não uma inimiga.

Nem tudo o que é possível é conveniente. Pensar de outra forma é condição de possibilidade para nos reafirmarmos na maneira que cada um de nós considere como nossa, sermos autônomos, termos consciência moral, sem esquecer o valor que tem este pluralismo e que nos permite repensar as convenções.

Temos de ter critérios, guias, e valores para garantir a nossa liberdade numa sociedade global e tecnocientífica.



Futuramente o NEBUBI quer abrir ainda mais as suas fronteiras e a capacidades de ensino, com o aumento da sua atividade na comunidade e com a criação de cursos especializados.

É este espaço que deve dar lugar ao diálogo global, e as responsabilidades que temos para nós próprios sem perder a consciência do outro.

Futuramente o NEBUBI quer abrir ainda mais as suas fronteiras e a capacidades de ensino, com o aumento da sua atividade na comunidade e com a criação de cursos especializados.

Pensar de outra forma é condição de possibilidade para nos reafirmarmos na maneira que cada um de nós considere como nossa, sermos autônomos, termos consciência moral, sem esquecer o valor que tem este pluralismo e que nos permite repensar as convenções.





António Candeias, Professor Catedrático do Departamento de Química e Bioquímica da Universidade de Évora e Diretor da Cátedra City University of Macao em Património Sustentável, destaca esta Cátedra, criada em 2020, no sentido de promover a “investigação científica sobre bens patrimoniais”, mas também, na aposta da “formação avançada e na divulgação no campo da ciência e salvaguarda do património cultural.”

Qual a principal missão desta Cátedra e em que âmbito opera?

A Cátedra City University of Macao em Património Sustentável é uma cátedra da Universidade de Évora criada em 2020 que reúne investigadores do Laboratório HERCULES (UÉvora) e que se destina à investigação científica sobre bens patrimoniais, com particular incidência em património partilhado, à promoção de formação avançada e à divulgação no campo da ciência e salvaguarda do património cultural.

A ação da Cátedra em Património Sustentável passa pela sensibilização da riqueza patrimonial que une Portugal e a China. A Cátedra, do ponto de vista simbólico, coloca-se como uma ponte entre as duas extremidades do continente euro-asiático, ligando Portugal e China através do estudo e da valorização do extraordinário acervo patrimonial que documenta a rica e prolongada história de contactos e de trocas entre estes dois países.

E fá-lo através de colaboração científica que procura produzir novos conhecimentos sobre esse património e formando novas gerações de cientistas provenientes de vários países e que ambicionam trabalhar na valorização do património cultural universal.

Quais são os domínios de atuação da Cátedra?

A Universidade de Évora, nomeadamente o Laboratório HERCULES, dispõe de equipamentos de última geração para o estudo material do património cultural.

UÉVORA: A CIÊNCIA NA SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO CULTURAL

No seio do Laboratório HERCULES, a Cátedra opera como um núcleo virado particularmente para o estudo do património cultural de índole sino-portuguesa, focando-se ainda em obras de referência no âmbito da história da arte mundial.

Esse trabalho assenta no uso de técnicas de análise e de diagnóstico inovadoras e no desenvolvimento de ferramentas para a monitorização e conservação do património estudado.

Entre os vários trabalhos que atualmente são desenvolvidos por investigadores da Cátedra, merece menção o estudo dos materiais e das técnicas de produção utilizadas no fabrico de um conjunto de porcelanas chinesas do Paço Real de Vila Viçosa.

A Cátedra foca-se na valorização e no papel do Património enquanto agente para o desenvolvimento sustentável dos territórios.

Ou ainda o trabalho desenvolvido sobre um conjunto único de painéis de papel de parede chinês do século XVIII, à guarda do Museu Nacional de Arte Antiga, pintadas à mão por artesãos da Escola de Cantão, por volta de 1750-1770.

O estudo das 6 pinturas atribuídas ao pintor português Nuno Gonçalves e que formam os célebres Painéis de São Vicente (séc. XV), iniciado em 2020, também representa uma atividade com grande impacto científico e mediático.

O trabalho desenvolvido por investigadores integrados na Cátedra procura estudar as alterações observadas nas superfícies das pinturas, fornecendo assim dados sobre os mecanismos de deterioração que permitam os conservadores intervirem de forma mais eficaz.

Mas a Cátedra não se foca apenas no estudo do património, como também na sua promoção e divulgação através de novas tecnologias digitais.

Ou ainda, o estudo sobre o Atlas Miller, obra-prima à guarda da Biblioteca Nacional de Paris (França), ilustrado pelo miniaturista português António de Holanda, e universalmente considerado dos mais emblemáticos Mapas Mundi do séc. XVI.

A Cátedra atua ainda na promoção e organização de cursos e ações de formação em ciências do património, particularmente dirigida a alunos internacionais de segundo e terceiro ciclos.

Neste âmbito, mencionam-se as edições da Escola de Verão “Ciência e Tecnologia no Património”, que se realiza anualmente no Sítio Arqueológico de Pisões.

Mas a Cátedra não se foca apenas no estudo do património, como também na sua promoção e divulgação através de novas tecnologias digitais.

Neste âmbito, realizam-se trabalhos de digitalização de objetos e estruturas patrimoniais, através das mais modernas ferramentas disponíveis.

Um dos produtos desse trabalho resultou na criação de uma aplicação piloto, a AppHeritage que, através de um Passaporte Patrimonial de Évora e de um Roteiro de Arte Pública de Évora pretende tornar mais acessível ao público em geral um conjunto de monumentos eborenses.

No âmbito da Cátedra foi possível criar um laboratório de ciências de património em Macau, na City University of Macao.

Qual a estratégia definida para um futuro próximo?

No âmbito da Cátedra foi possível criar um laboratório de ciências de património em Macau, na City University of Macao, através de um projeto financiado pelo Macao Science and Technology Development Fund e, em conjunto com esta Universidade e a Universidade de Soochow, foi criado o laboratório colaborativo CP-LCHCS (China-Portugal Joint Laboratory of Cultural Heritage Conservation Science), um dos laboratórios de referência financiados pela iniciativa do governo chinês Belt and Road. Deste modo, uma das prioridades é a promoção e realização de projetos de investigação e a formação conjunta com estas universidades, incluindo a mobilidade de investigadores e estudantes.

Um dos produtos desse trabalho resultou na criação de uma aplicação piloto, a AppHeritage que, através de um Passaporte Patrimonial de Évora e de um Roteiro de Arte Pública de Évora pretende tornar mais acessível ao público em geral um conjunto de monumentos eborenses.

Na sua opinião, quais são os desafios que se colocam a este projeto?

A Cátedra foca-se na valorização e no papel do Património enquanto agente para o desenvolvimento sustentável dos territórios, o que implica desenvolver investigação que permita criar estratégias de conservação eficientes e duradouras, estratégias de valorização e comunicação do património cultural através do seu conhecimento e estratégias adequadas de gestão e mitigação do risco que assegurem resiliência dos sistemas, em particular devido aos efeitos de desastres naturais e ameaças causadas pela ação humana, incluindo aspetos tão diversos como o turismo em massa, a poluição, as alterações climáticas, o desenvolvimento insustentável, as áreas de conflito e as catástrofes naturais (incêndios, inundações ou terramotos).

Estes são os grandes objetivos e desafios e para que possam ser alcançados é necessário dotar a cátedra de meios financeiros e recursos humanos especializados, torná-la mais competitiva e estabelecer colaborações com outras instituições nacionais e internacionais, que complementem as suas competências e valorizem o impacto social das atividades realizadas.

Site:

<http://www.sustainableheritage.uevora.pt/index.html>



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

OS 465 ANOS DE PORTUGAL EM MACAU E A GRANDE BAÍA!



Por Bernardo Mendia, Secretário-Geral da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Chinesa (CCILC).



No âmbito da celebração de tão importante efeméride, importa sublinhar a vantagem que a história entre a República Portuguesa e a República Popular da China, através de Macau, representa para as relações luso-chinesas.

Trata-se de uma ligação permanente entre os dois países, sempre disponível para ser ativada no desenvolvimento das relações bilaterais. Não é por acaso que os dois países têm sabido manter relações amigáveis ao longo de cinco séculos de história, não obstante, a distância, os objetivos ou a cultura dos dois países ser tão distinta. No entanto, construiu-se ao longo dos séculos uma relação de confiança e respeito, que é a base que sustenta esta ponte de diálogo e amizade permanente.

A Câmara de Comércio e Indústria Luso-Chinesa (CCILC), enquanto entidade de utilidade pública com a missão de promover as relações económicas e comerciais entre Portugal e a República Popular da China desde 1978, procura, nas suas atividades diárias, contribuir também para o aproximar dos dois povos.

Para esse fim, conta com uma Delegação em Macau desde 1992, inaugurada pelo General Vasco Rocha Vieira, atualmente Presidente do Conselho Estratégico da CCILC e último Governador de Macau.

Desde a inauguração da Delegação, que celebra dia 29 de Abril de 2022, 30 anos de existência, Macau assumiu um papel crescentemente importante no mundo, num primeiro momento como Região Especial Administrativa da República Popular da China; depois como centro de ligação económica e cultural entre a China e a lusofonia; e, mais recentemente, assumindo um relevante papel no âmbito dos projetos do Governo Central em Beijing, nomeadamente o projeto da “Área da Grande Baía Guangdong – Hong Kong – Macau” e o projeto da “Ilha da Montanha”.

As vantagens e oportunidades para os empresários portugueses são imensas. Acresce que neste período de elevadas restrições de entrada no território, os processos de digitalização da sociedade e contacto com o exterior aumentaram exponencialmente sem necessidade de visitas pessoais.

Construiu-se ao longo dos séculos uma relação de confiança e respeito, que é a base que sustenta esta ponte de diálogo e amizade permanente.

Abriu-se assim, um novo campo de oportunidades para empresários que nunca tinham considerado internacionalizar via Macau, estando essa possibilidade agora ao alcance de qualquer pessoa em qualquer ponto do mundo.

A CCILC está disponível para apoiar a partir de Portugal e à chegada a Macau.

A Câmara de Comércio e Indústria Luso-Chinesa (CCILC), enquanto entidade de utilidade pública com a missão de promover as relações económicas e comerciais entre Portugal e a República Popular da China. Desde 1978, procura, nas suas atividades diárias, contribuir também para o aproximar dos dois povos.



A CONSTRUÇÃO DA ÁREA DA GRANDE BAÍA GUANGDONG-HONG KONG-MACAU E AS OPORTUNIDADES ESTRATÉGICAS PARA A COOPERAÇÃO ECONÓMICA E COMERCIAL



Zhao Bentang
Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da China em Portugal.

A Área da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau é uma das regiões mais abertas e economicamente mais dinâmicas da China. Sob o planeamento, implantação e promoção pessoal do presidente Xi Jinping, a Área da Grande Baía tornou-se um cluster urbano de classe mundial, mas também, um centro internacional de inovação tecnológica, uma montra da profunda cooperação entre o interior da China, Hong Kong e Macau, assim como, um círculo ideal para viver, trabalhar e viajar e um exemplo de desenvolvimento com qualidade.

Além disso, é cada vez mais uma importante plataforma de cooperação internacional para a construção conjunta da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, trazendo novas oportunidades de ganhos mútuos para todo o mundo.

Macau é uma das quatro principais cidades e um dos motores centrais da Área da Grande Baía, sobressai como ponte de ligação entre a China, Portugal e os Países de Língua Portuguesa, será evidente o papel otimista e motivador de Macau na abertura da China.

A área da Grande Baía é um campo experimental e pioneiro para a construção de um novo sistema económico de maior abertura na nova era.

Sendo que “Sair e entrar” através de Macau, com a construção da Grande Baía, esta trará para Portugal e para os Países de Língua Portuguesa novas oportunidades de partilha dos bônus da reforma e da abertura da China.

Em primeiro, a Região Metropolitana da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, é uma das quatro maiores aglomerações urbanas da China, está na vanguarda da reforma, abertura e modernização da China, tendo um enorme potencial de desenvolvimento e um importante peso na evolução económica da China e na implementação das reformas da governação nos próximos 10 a 15 anos.

Por conseguinte, aproveitar as oportunidades trazidas pela construção da Grande Baía e o aprofundamento da cooperação pragmática com a mesma, trará mais oportunidades de crescimento para todos.

Em segundo, o Guião para o Desenvolvimento da Área da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau “aponta o rumo” para a construção de “um centro, uma plataforma e uma base” em Macau, em termos concretos, a construção de um centro mundial de turismo e lazer, uma plataforma de serviços para a cooperação empresarial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, assim como, a criação de uma base de intercâmbio e cooperação que, tendo a cultura chinesa como predominante, promove a coexistência com outras culturas.

O desenvolvimento diversificado da economia de Macau, criará novas oportunidades para uma cooperação diferenciada, multidimensional e abrangente entre a China, Portugal e os demais Países de Língua Portuguesa.

Em terceiro, a Área da Grande Baía é um campo experimental e pioneiro para a construção de um novo sistema económico de maior abertura na nova era, que segue as normas internacionais de alto padrão do ambiente de negócios e da experiência avançada, desencadeando políticas preferenciais, beneficiando do duplo “bônus” da construção da Grande Baía e de Macau como ponte, entre a China, Portugal e os Países de Língua Portuguesa, que podem explorar ainda mais o potencial da cooperação, bem como, a melhoria da estrutura e a qualidade da mesma.

Desde a criação do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum de Macau) em 2003, a cooperação económica e comercial tem apresentado uma tendência de rápido desenvolvimento, impulsionando os intercâmbios e a cooperação nas áreas mais abrangentes e diversas. O Guião para o Desenvolvimento da Área da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau veio desempenhar um importante papel na dinamização da plataforma de serviços de Macau na promoção e fortalecimento da cooperação económica e comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, através da qual, as vantagens únicas de Macau tornaram-se mais visíveis, dando assim novas oportunidades estratégicas à cooperação económica e comercial entre os referidos países. Acreditamos que, com o desenvolvimento coordenado na área da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau e a maior proeminência do estatuto e papel de Macau como plataforma de serviços para a cooperação empresarial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, o ritmo de cooperação entre as cidades na Área da Grande Baía e os Países de Língua Portuguesa será seguramente acelerado, permitindo o reforço do investimento e das trocas comerciais entre as respectivas cidades, bem como, outras províncias da China com Macau, e através de Macau com outros países (de Língua Portuguesa), a fim de alcançar benefícios mútuos e resultados win-win.

IACCESS: A APOSTA NA MOBILIDADE PARA TODOS



Helena Vitorino e Rui Pereira,
Responsáveis Comerciais da Iaccess



A Iaccess é a ortopedia do Grupo Mobilitec que traz a inovação e qualidade no atendimento personalizado, na capacidade de resposta transversal a todas as situações de mobilidade e posicionamento do quotidiano, tendo em conta as várias patologias e faixas etárias.

O fundador do grupo Manuel Ribeiro conta com know how de 40 anos de experiência neste segmento de mercado. Rui Pereira e Helena Vitorino, Responsáveis Comerciais da Iaccess, apresentam os novos projetos da empresa.

De que forma a Iaccess se apresenta no mercado e quais as suas valências?

A Iaccess é uma ortopedia integrada no grupo Mobilitec, fundada em 2015, que conta com um vasto conhecimento e experiência no mercado de produtos de apoio. Somos um centro especializado em ortopedia que através de produtos de apoio, dispositivos, equipamentos ou sistemas técnicos conseguimos prevenir, atenuar ou neutralizar as restrições de mobilidade dos nossos utilizadores. Temos uma capacidade de resposta transversal a todas as faixas etárias: crianças, adultos e idosos.

A Iaccess é uma empresa multimarca e de carácter inovador que tem uma diversidade de oferta, tanto de produtos standard, como de produtos e serviços para a reabilitação complexa.

Os nossos produtos de apoio são destinados a casos de reabilitação, mobilidade e posicionamento especializado, com o foco em promover a autonomia, qualidade de vida, conforto e um correto posicionamento dos utilizadores.

Nesse sentido, estudamos as necessidades dos clientes para garantir a sua satisfação, através de uma avaliação cuidada. O que isto quer dizer? Que estamos a falar de um produto que se adapta às necessidades do utilizador. Por isso, o cliente é alvo de estudo nos diferentes contextos em que interage, quer a nível profissional, quer a nível pessoal, como por exemplo, na habitação, no desporto, no lazer ou transporte.

Na Iaccess para garantirmos o acompanhamento contínuo dos nossos clientes, na compra de equipamento, oferecemos seis meses de garantia de satisfação/adaptabilidade.

Quais os serviços que a empresa presta e de que forma se posiciona no mercado nacional?

Na Iaccess temos vários serviços disponíveis para além da venda dos produtos. Disponibilizamos um serviço personalizado de apoio ao cliente nos diversos canais, um gabinete de apoio social (G.A.S), o aluguer de produtos e equipamentos, a venda de produtos seminovos e assistência técnica. Em equipa damos resposta ao cliente utilizador, hospitais, companhias de seguros, câmaras municipais, hotéis, lares, clínicas de reabilitação e mecenato, que podem encontrar os nossos produtos e serviços de forma presencial ou online.

A Iaccess é uma empresa multimarca e de carácter inovador que tem variedade na oferta de produtos standard, como em produtos para reabilitação complexa.

Dispomos de um canal de venda online (com portes gratuitos no território nacional para compras superiores a 65€), com produtos que se destacam pelo preço e pela disponibilização de informações necessárias, tanto no âmbito do utilizador, como no âmbito dos profissionais de saúde. O nosso website é dinâmico na oferta de produtos, tem um serviço de chat, assim como, um serviço de marcação de avaliações online, através da videochamada. A nossa sede e loja física localiza-se junto ao Aeroporto, na Maia. Estamos presentes no Centro de Reabilitação do Norte, assim como, num espaço perto do Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão. Deste modo, conseguimos ter uma equipa preparada e capacitada para dar resposta em todo o território nacional.

A nossa empresa é composta por uma equipa multidisciplinar: desde terapêutas ocupacionais, engenheiros de reabilitação e técnicos de ação social, que acompanham os profissionais de saúde e entidades de reabilitação que seguem os doentes, com o objetivo de definir o produto de apoio que melhor se adapta às necessidades do cliente utilizador.

O gabinete de ação social (G.A.S) auxilia os clientes na instrução do seu processo de financiamento público, quer no ministério da segurança social, quer no ministério do emprego.

Esta análise tem como foco realizar um estudo de mobilidade e posicionamento de 360°, que avalie as 24 horas do dia e os 7 dias da semana do doente, tendo como base o contexto habitacional e profissional.

A Iaccess está registada no Infarmed como distribuidora por grosso, uma vez que os produtos que comercializamos são considerados dispositivos médicos.

Como se processa essa avaliação?

Esta avaliação tem como foco a realização de um estudo de mobilidade e posicionamento de 360°, que avalia as 24 horas do dia e os 7 dias da semana do doente, tendo como base o contexto habitacional e profissional. Engloba o dia a dia dos doentes e todas as suas necessidades diárias: desde que se levantam até que se deitam. Este serviço de análise e aconselhamento tem continuidade nos serviços de após-venda, através da empresa do grupo, a MyService. A MyService garante de forma integrada e com o histórico do cliente, o serviço após-venda, a reparação e realização de adaptações especiais dos produtos de apoio, quer durante o período de garantia, quer durante a vida útil do equipamento.

Considera que existe desinformação à cerca do aconselhamento do melhor equipamento mediante determinados fatores ou patologias e de que forma a Iaccess atenua esta lacuna?

Na Iaccess lidamos com vários tipos de cliente com diversas patologias e, efetivamente, ainda se verifica muita desinformação relativamente aos produtos de apoio da atualidade, assim como um desconhecimento face à lei da atribuição de produtos de apoio.

Estas pessoas desconhecem qual o tipo de equipamento que é o mais adequado para a sua condição, e nesse sentido, temos uma equipa de profissionais qualificados que lhes prestam toda a informação e aconselhamento.



Consideramos que é uma vantagem o facto de reunirmos várias marcas e modelos dos vários segmentos de produtos existentes no mercado, uma vez que ampliam as opções e permitem uma escolha mais adequada.

É importante informar que qualquer cidadão com grau de incapacidade igual ou superior a 60%, tem direito a uma participação de 100% numa lista de produtos de apoio homologada pelo Estado.

Quais os projetos a curto e médio prazo?

Um dos projetos passa pela dinamização e gestão dos Bancos de Produto de Apoio. Nessas parcerias são disponibilizados produtos que já não são utilizados no mercado e garantimos uma reutilização, reciclagem, assim como uma nova vida destes produtos, que posteriormente vão ser vendidos como produtos seminovos aumentando o seu ciclo de vida e a oferta no mercado.

Outro projeto em curso é o desenvolvimento do nosso espaço físico (loja), cujo foco é o crescimento do centro especializado de produtos de apoio, com várias vertentes e valências complementares à venda de produtos e serviços atualmente disponíveis. Vai possibilitar à população obter vários serviços associados neste local, 7 dias por semana. Assim, as pessoas com necessidades especiais poderão conviver, partilhar informações, testar, avaliar e adquirir os vários segmentos de produtos. Na Iaccess todos os projetos em desenvolvimento têm o objetivo de serem transversais quer a nível do espaço físico quer a nível do universo digital. O mundo está em mudança e o nosso foco está em garantir tanto a sustentabilidade, como a acessibilidade na igualdade dos direitos de todos os cidadãos.



REABILITAÇÃO, O DOENTE CRÓNICO DA SAÚDE



Autoria de Joaquim Brites, Presidente da Direção da APN – Associação Portuguesa de Neuromusculares

Num texto publicado há alguns meses, com o mesmo título, procurei estabelecer uma relação direta entre os muitos comentários e opiniões que nos chegam diariamente, através dos vários órgãos de comunicação, sobre as múltiplas decisões, em matéria de saúde, que se consideram obrigatórias para uma retoma e para a normalização dos cuidados, nesta fase pós COVID-19, e o que verdadeiramente se verifica, no âmbito da aplicação prática de uma política de reabilitação que permita a todos os doentes crónicos, independentemente da sua doença, verem cumprido o seu direito à saúde. É, de todos, conhecida a pouca sensibilidade para esta especialidade que condiciona decisivamente a condição física daqueles que, dela, precisam para o resto das suas vidas.

Apesar da muita insistência em chamar esta temática para um plano mais visível, capaz de chegar aos milhares de pessoas que aguardam há demasiado tempo por respostas concretas acerca da retoma das suas consultas hospitalares de Medicina Física e Reabilitação e da consequente marcação das suas terapias, sobretudo aos responsáveis pela gestão dos processos, parece que, este, continua a ser o assunto que ninguém quer debater, programar e/ou resolver. Mas, o mais grave, é que até parece que ninguém quer ouvir falar dele!

Perante um cenário que se apresenta pouco favorável a qualquer forma de reabilitação, de que todas as pessoas atingidas pela cronicidade de uma doença neuromuscular, precisam, e à qual têm direito, é o momento para afirmar que o atual sistema não lhes serve. Saliente-se, a este propósito, um extenso documento, de cerca de 270 páginas

– O Plano Nacional de Saúde 2021-2030:

Saúde Sustentável de tod@s para tod@s – em Consulta Pública até ao dia 7 de maio, nas quais o termo “reabilitação” apenas merece quatro referências, em contextos muito próprios e aplicado a circunstâncias específicas como o pós EAM (Enfarte Agudo do Miocárdio) e o pós AVC (Acidente Vascular Cerebral). Atendendo a que se trata de um Plano a médio/ longo prazo, questiona-se a intenção do seu título:

1. De que servirá um Plano Nacional de Saúde, se não se pretende reabilitar o doente?
2. Como se podem colocar em prática medidas de reabilitação, sem um Plano de médio/longo prazo, onde estejam elencadas as principais ideias e medidas a aplicar?
3. Para que serve um Plano Nacional, se não é para tod@s?
4. Como se pode planear a saúde para uma década sem que, na Comissão de Acompanhamento de um Plano que deu origem a um documento desta importância, conste uma única Associação de Doentes?
5. Serão os doentes, ou os seus representantes, pouco conhecedores do problema?
6. Será a Direção-Geral da Saúde, a única entidade com capacidade para planear as respostas à doença?
7. Será o planeamento da saúde, em Portugal, apenas uma tarefa de executivos?

Questionáveis pelo que, atrás, descrevo, são todas as medidas que têm sido anunciadas nos últimos anos, mas que na prática, não são aplicadas, não ouvem nem colocam a pessoa com doença no centro das decisões em saúde, como tem sido tão apregoado.

Apesar da muita insistência em chamar esta temática para um plano mais visível, capaz de chegar aos milhares de pessoas que aguardam há demasiado tempo por respostas concretas acerca da retoma das suas consultas hospitalares de Medicina Física e Reabilitação e da consequente marcação das suas terapias, sobretudo aos responsáveis pela gestão dos processos, parece que, este, continua a ser o assunto que ninguém quer debater.

Torna-se, por isso, cada vez mais urgente ouvir propostas de possíveis soluções que acautelem a sustentabilidade do SNS, mas que sirvam, em primeiro lugar, as pessoas. E, nesta matéria, as associações de doentes que, há muitos anos, conseguem demonstrar uma evolução qualitativa na sua organização e consideravelmente quantitativa na sua representação, também têm uma palavra importante a dizer. E querem ser ouvidas!



E SE O CONFINAMENTO FOSSE PARA SEMPRE?



Filipe Gonçalves, Fisioterapeuta da APELA

A Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA) é uma doença que afeta os neurónios motores responsáveis pela condução da informação aos músculos de controlo voluntário. Desta perda neuronal resulta uma atrofia muscular, ficando um corpo progressivamente confinado à imobilidade que afeta tanto os quadrantes motores, como a função bulbar (fala e capacidade para deglutição) e a respiração.

Em Portugal, estima-se que hajam entre 800 a 900 doentes com ELA. E, sendo uma doença rara, destaca-se a sua baixa prevalência, inerentemente associada à sua elevada mortalidade sobrevivendo média de 3-5anos). À data não há cura para a ELA, e este é o desafio que os neurologistas enfrentam na comunicação no momento diagnóstico. Tal, não é sinónimo de não haver tratamento.

O tratamento é, e deve ser, um apoio progressivo multidisciplinar em todas as valências necessárias aos doentes e às suas famílias, desde a área clínica, à área social e emocional, personalizadas as necessidades complexas individuais. Esta é a grande causa e razão de existir da APELA – Associação Portuguesa de Esclerose Lateral Amiotrófica: o apoio aos doentes, os seus cuidadores, e equipas clínicas, ao longo das dificuldades vivenciadas no decorrer da doença.

Num estudo realizado internamente, durante a pandemia, e publicado na prestigiada revista Palliative & Supportive Care, verificou-se que os nossos doentes tiveram uma aceleração na velocidade do declínio das capacidades funcionais e uma redução significativa na perceção da qualidade de vida em diferentes domínios, quando comparado um intervalo temporal imediatamente antes do 1º confinamento obrigatório, com o período deste, em que os doentes ficaram privados das suas rotinas e acesso ao apoio terapêutico.

Privar os doentes das suas rotinas, do seu apoio e estímulos diários poderá agravar um processo de atrofia neuromuscular pelo desuso e inatividade extra imposta.

O confinamento veio expor ainda mais as fragilidades existentes no apoio atual dado a esta comunidade e que deveremos procurar melhorar. As equipas clínicas deverão ser capazes de dar respostas céleres e antecipatórias às necessidades dos doentes e cuidadores (pilar fundamental na rede de apoio dos doentes, frequentemente esquecidos).

Já a nível social, doentes com este perfil clínico não deverão continuar a sentir os obstáculos que até hoje são confrontados nos acessos a apoios inevitavelmente necessários. Uma rapidez na obtenção do atestado médico de incapacidade multituos (sendo inaceitável um período de espera, muitas vezes superior a 1 ano); a celeridade na resposta para adjudicação e financiamento de produtos de apoio e ajudas técnicas indispensáveis (que também chega a ultrapassar 1 ano de mora) após devidamente avaliados pelas equipas especialistas.

Os incentivos de potenciação à participação social (e mesmo laboral) destes doentes através do alargamento, aposta, formação e capacitação dos cuidadores Formais, através de projetos valiosos como o CAVI-Centro de Apoio à Vida Independente (ainda não extensível, infelizmente, diretamente à APELA e sua comunidade) ou projetos semelhantes.

Privar os doentes das suas rotinas, do seu apoio e estímulos diários poderá agravar um processo de atrofia neuromuscular pelo desuso e inatividade extra imposta. O confinamento veio expor ainda mais as fragilidades existentes no apoio atual dado a esta comunidade e que deveremos procurar melhorar.

Enquanto a sociedade vai desconfinando, desconhecendo-se a extensão das sequelas que a pandemia trouxe, não nos podemos esquecer de quem sistematicamente, dia a dia, fica mais confinado e preso em si. Nem de quem preso com eles ficam (em toda a exigência e demanda do ato de cuidar). Não podemos baixar os braços, devendo continuar a lutar e procurar uma melhoria nos cuidados, acessos e na inclusão de quem vulnerável está.



MOBILIDADE PARA TODOS



É frequentemente convidado para dar formação em algumas escolas de ensino superior em Portugal, onde os novos Terapeutas Ocupacionais e Fisioterapeutas têm o primeiro contacto com cadeira de rodas e posicionamento. Deu conferências em Portugal e Espanha, e também fez apresentação de póster, assim como, deu formação no International Seating Symposium (ISS), 2018 e 2019, e igualmente, formação no European Seating Symposium (ESS), 2018.

O Conhecimento é poderoso. Frase já muito provavelmente lida ou ouvida por si. Tão cliché e tão verdade. O Conhecimento é gerador de crescimento, progressão e oportunidades.

Já o desconhecimento é inibidor de oportunidades. Quando falamos de doenças raras, em muitos casos, lidamos inevitavelmente com o desconhecido.

O desconhecimento deveria reduzir-se ao inevitável. Infelizmente, ainda existem muitas situações, demasiadas situações, de perda de oportunidades por desinformação... evitável.

Falemos sobre mobilidade*, e a sua importância no desenvolvimento da criança.



Existe uma forte correlação entre mobilidade auto-iniciada (seja ela por que meio for) e o desenvolvimento global. A mobilidade está associada ao desenvolvimento e aquisição de importantes competências de percepção, visuais, cognitivas, e sociais!

Autor do artigo João Aires, Terapeuta Ocupacional com pós-graduação em Pediatria, é Director Técnico na TSimetria, empresa com serviços na área de produtos de apoio para posicionamento e mobilidade. É responsável pelo programa de formação da empresa e é membro, enquanto representante da empresa, do laboratório aTOPlab do Instituto Politécnico de Leiria. joao.aires.ts@gmail.com

Quanto à mobilidade elétrica (ME)**, estudos demonstram também o seu impacto no desenvolvimento da comunicação, linguagem, cognição e participação social. De forma clara a investigação científica realizada demonstra benefícios no desenvolvimento global e independência em crianças que utilizam cadeiras de rodas elétricas (CRE). E sabe que mais?

Outro estudo demonstrou que crianças com alterações motoras significativas, com acesso frequente a treino de CRE em casa, apresentam bons resultados a manobrar CRE por volta dos 30 meses. A resposta à pergunta, na minha opinião, é simples: devemos considerar e iniciar treino de CRE sempre que a criança tiver a sua mobilidade limitada (e outro equipamento mais simples não dê uma resposta eficiente) o mais cedo possível, a partir dos 24 meses.

As crianças veem mobilidade em CRE por aquilo que é, uma forma de aumentar o seu sentido de eficácia, explorar e movimentar-se no seu ambiente para satisfazer a sua curiosidade, experienciar diferentes sensações, participar, socializar e aprender. Para elas é simples. Para os pais, professores, terapeutas, para nós adultos, nem sempre...

Partilho um exemplo. O nosso pequeno guerreiro, o Bernardo, já tinha pedido à mãe uma CRE (grande Bernardo!), mas a mãe mostrava alguns receios:

- "A cadeira elétrica foi inicialmente um "intruso" (grande, feio, assustador);
- "Era um cenário pesado";
- "Universo totalmente novo";
- "Pensávamos ser o último recurso, a última etapa";

- "A cadeira significava acomodação (render-me ao destino do meu filho nunca mais andar)".

Na primeira avaliação, junto com a equipa terapêutica no centro prescritor, a mãe estava visivelmente ansiosa. O Bernardo é um menino muito comunicativo e cheio de energia, mas sem marcha eficiente.

Perdia assim muitas oportunidades de brincar, de interagir, de ser mais autónomo. Na primeira avaliação, o seu desempenho revelou dificuldade em controlar os movimentos para manobrar o joystick da cadeira e evidenciava alguma dificuldade em parar atempadamente quando surgiam obstáculos. Percebeu-se intencionalidade ao manobrar a cadeira, noções espaciais, noções de perigo (as vezes que embateu em algum obstáculo, a sua intenção era parar a cadeira, mas a resposta motora ainda não estava "afinada"). Para mim, foram fantásticos indicadores.

Tínhamos ali, em potência, um menino prestes a ser capaz de gerar muito mais oportunidades de participação. Vezes demais o processo fica por aqui... Avaliou-se, não conseguiu conduzir a cadeira com o mínimo desempenho para ser prescrita uma cadeira, não se prescreve. Percebo isso, são equipamentos caros para eventualmente não serem funcionais e ficarem encostados. Há questões de segurança que têm de ser consideradas. Ora, não conseguiu parar a cadeira a tempo, não se desviou bem dos obstáculos todos, então não apresenta desempenho para ter a cadeira...

Peço-lhe, agora, atenção especial. O desenvolvimento de determinada competência, como sabemos, não surge "do nada". Resulta de um período de treino e aprendizagem em diferentes situações. Estudos demonstram que a capacidade de condução de CRE está mais relacionada com frequência e tempo de treino do que com fatores como a idade ou competências motoras. O que acontece aos "Bernardos", regra geral, é voltarem a tentar conduzir uma CRE um ano depois para "ver se já são capazes".

NÃO! Vão perder tantas oportunidades num ano! Possivelmente passou um ano e continuam sem conseguir conduzir CRE. É preciso dar oportunidade de aprendizagem a estas crianças ou corremos o risco de as estar a privar de um mundo

novo de oportunidades! Se enquadrarmos esta situação em doenças raras, muitas delas progressivas (doenças metabólicas, doenças neuromusculares, por exemplo) a situação toma dimensões maiores. A criança não ganhou as competências esperadas (eventualmente perdeu algumas) e um novo processo começa do zero, a explorar skills das crianças diferentes.

Para o sucesso do Bernardo foi essencial tranquilizar a mãe, explicar os benefícios e oportunidades que a CRE poderia trazer ao seu filho e que o processo de adaptação à cadeira leva o seu tempo. É um processo de aprendizagem para o Bernardo e para os pais, professores, e amigos.

Emprestamos uma CRE e foi definido um plano de treino com os pais e o Bernardo.



Os pais gravavam e enviavam os vídeos. Foi incrível a facilidade e rapidez com que o Bernardo começou a conseguir manobrar a cadeira até dentro de casa! Nova avaliação, vamos prescrever a cadeira, afinal (1 mês depois) o nosso pequeno amigo consegue conduzir! Uma cadeira inicialmente pensada só para a escola, passou a fazer parte da sua vida em todos os contextos!

Quero salientar, neste caso, a oportunidade de aprendizagem que foi dada, com empréstimo e acompanhamento do processo de aprendizagem. Há muitas crianças que não têm esta oportunidade. Partilho agora, o novo discurso da mãe:

- "Gradualmente fomos cativados pela experiência de ver o nosso filho poder realizar as suas intenções e vontades";
- "A cadeira trouxe-nos segurança e possibilidade de descansar (a alma e as costas)";
- "A cadeira fez-nos aceitar a condição do Bernardo, mas não os seus limites!";
- "A cadeira não acomoda – desperta sentidos, desafia limites";
- "Eternamente gratos. Permitiu-nos não perder mais tempo e viver o Presente".

Aqui entra em força o Conhecimento. Conhecimento sobre soluções que existem, conhecimento sobre processo de aprendizagem, como fazer esse treino, conhecimento sobre financiamento desses equipamentos.



Neste caso foi possível iniciar o treino com a criança diretamente a conduzir a CRE (com os cuidados de segurança necessários, ambiente controlado e evolução por etapas).

No entanto, em muitas situações é prematuro a criança iniciar o treino diretamente na CRE. O que acontece? A criança não aprende a conduzir CRE. Chamo novamente o Conhecimento “ao barulho”.

Existem soluções que permitem iniciar a aprendizagem de competências motoras sem a criança conduzir a CRE:

- Carrinhos elétricos de brincar (“ride-on cars”) manobrados com comando de CRE;
- Videojogos para treino de condução, onde é utilizado o comando da cadeira para jogar (“I Drive Loonz”);
- Realidade virtual para treino de condução de CRE.



São apenas exemplos de soluções que já existem e estão disponíveis em Portugal e do trabalho e investimento que está a ser desenvolvido para facilitar todo este processo de aprendizagem. Ótimos sinais!

Em relação à pergunta que imagino possa estar a fazer “Em que idade e em que situações devemos considerar CRE?”, posso adiantar que alguns estudos realizados com crianças com desenvolvimento normal mostram que podem iniciar a utilização de joystick para manobrar CRE aos 14 meses, e que podemos ver uma utilização competente de CRE entre os 17 e os 22 meses.

Outro estudo demonstrou que crianças com alterações motoras significativas, com acesso frequente a treino de CRE em casa, apresentam bons resultados a manobrar CRE por volta dos 30 meses. A resposta à pergunta, na minha opinião, é simples: devemos considerar e iniciar treino de CRE sempre que a criança tiver a sua mobilidade limitada (e outro equipamento mais simples não dê uma resposta eficiente) o mais cedo possível, a partir dos 24 meses.

Quero partilhar um outro caso. Imaginem um rapaz com perfeitas capacidades cognitivas, 18 anos de idade, “preso”, dependente da vontade de outro para se deslocar. O João tem atrofia espinhal tipo I, e quando se colocava em cima da mesa a possibilidade de ter uma CRE diziam-lhe que não tinha competências para a conduzir. Entra em força o nosso amigo Conhecimento e a APN – Associação Portuguesa de Neuromusculares (que não desistiu e procurou soluções).

Para conduzir uma CRE necessitamos de competências cognitivas e movimento voluntário controlado.

O João, um rapaz com perfeitas capacidades cognitivas, inteligente e até com sentido de humor bastante apurado, apresentava o seguinte quadro:

- Não tolera posição de sentado próximo de 90°. Apenas tolera quase deitado. - CRE terá de permitir que ele consiga conduzir nessa posição;

- Apresenta movimento controlado nos lábios, embora ao fim de algum tempo entre em fadiga e precise de descansar. - CRE terá de ter um comando que o permita conduzir com os lábios e que possa descansar quando necessitar;

- Não consegue manter a cabeça na posição neutra, a “olhar em frente”. Tem necessidade de rodar cabeça para um dos lados para poder respirar e engolir saliva. - Terá de conduzir CRE a olhar para o lado (como vê para a frente?).

Atendendo às competências motoras do João, cadeira de rodas com possibilidade de ajustar ângulo das costas em relação ao assento, ângulo dos patins, com basculação (para poder conduzir quase deitado) não seria problema, nem tão pouco aplicar um comando especial ultra-sensível para conduzir com os lábios seria um problema. A dificuldade principal, seria, como é que o João vê para a frente? Depois de alguns momentos de avaliação e experiências, chegamos à solução:

Para resolver esta situação, foi aplicada uma câmara direcionada para a frente, com um ecrã aplicado lateralmente com a imagem captada.

Existem tantas soluções e possibilidades de adaptação para CRE que, se houver competências cognitivas e um mínimo movimento voluntário controlado, qualquer criança poderá conduzir uma CRE. Sim, o João consegue agora deslocar-se em casa, e dar pequenos passeios no exterior e, por exemplo, quando vai às consultas, também se desloca dentro do hospital de forma autónoma.

Com estes dois exemplos e uma breve explicação sobre importância de considerar CRE quero, sobretudo, deixar claro que existem soluções e sensibilizar-vos para a falta de conhecimento que impede muitas crianças (com doenças raras ou não) de terem acesso a estes equipamentos. Outro ponto que não podemos desconsiderar de forma alguma é o financiamento.

Falamos de equipamentos caros e cujo financiamento é demasiado demorado (quando se consegue) e essa condicionante causa um impacto tremendo nas oportunidades perdidas por estas crianças. Estas condicionantes ficaram mais agravadas neste período pandémico: a libertação de verbas para produtos de apoio demorou mais que o habitual (verba ficou retida durante meses) e muitos processos de avaliação foram sendo adiados. Se já corríamos contra o tempo e contra a falta de informação, agora temos de correr ainda mais.

Permitam-me, para terminar, partilhar um pouco de mim. Sou uma pessoa empática, entusiasta e otimista por natureza e a minha missão é inspirar e ajudar pessoas a encontrarem soluções que melhorem a sua qualidade de vida.

Sou um feliz, pois o meu trabalho alinha-se na totalidade com esse propósito. A empresa onde orgulhosamente trabalho, a TemperSimetria, apresenta todo este tipo de soluções (e outras na área de posicionamento e mobilidade) com uma preocupação e sensibilidade ímpares.

A cooperação (e não a competição) traz-nos progresso. Quero salientar que estes casos de sucesso só são possíveis com trabalho de equipa. O envolvimento dos pais, das crianças, dos centros prescritores, associações, entidades financiadoras é essencial, sempre.

Deixo um sincero agradecimento aos meus colegas da TemperSimetria pelo trabalho que desenvolvemos. Convido-o a juntar-se a este espírito de missão: “Empowering kids!”.



*Mobilidade: Consideremos mobilidade como a capacidade da criança se deslocar no seu contexto, “ir do ponto A ao ponto B”. Neste caso, mobilidade não se refere a amplitudes de movimento ou movimentar diferentes segmentos do corpo (não confundir com mobilidade articular, por exemplo).

**Mobilidade elétrica (ME): Refere-se à utilização de cadeira de rodas elétricas (CRE) ou qualquer outro equipamento/dispositivo alimentado por baterias, utilizado para a criança se deslocar (por exemplo “ride-on cars”).



Referências Bibliográficas:

- Case-Smith J, O'Brien JC. Occupational therapy for children. (6th ed). Mosby Elsevier. 2010.
- Dicanno BE, Cooper RA, Coltellaro J. Joystick control for powered mobility: current state of technology and future directions. Phys Med Rehabil Clin N Am. 2010 Feb; 21(1): 79–86.
- Dolan MJ, Henderson GI. Control devices for electrically powered wheelchairs: prevalence, defining characteristics and user perspectives. Disabil Rehabil Assist Technol. 2016 Jul 19:1-7.
- Huang H-H. Perspectives on early power mobility training, motivation, and social participation in young children with motor disabilities. Front Psychol. 2017; 8: 2330. Published online 2018 Jan 9.
- Kuntzler PM. Independent mobility is key to overall child development. EP Magazine. July 2013
- RESNA. RESNA position on the application of power mobility devices for pediatric users-update 2017. Arlington. Nov 2017.

TSIMETRIA

Telefone: 225088054

tsimetria@gmail.com

www.tsimetria.com



www.tsimetria.com

CEDOC/NMS: PROJETO DE INVESTIGAÇÃO EM DOENÇAS RARAS



LYSOCIL, projeto europeu co-coordenado por **Duarte Barral e Susana Lopes** e liderado pela NOVA Medical School, que promove a “investigação em doenças raras com especial foco em doenças lisossomais e ciliopatias”, sendo que o principal objetivo é fortalecer a capacidade de investigação e inovação do grupo de trabalho que pertence ao Centro de Estudo de Doenças Crônicas (CEDOC) da NOVA Medical School (NMS), da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), em doenças raras que afetam os lisossomas e cílios.

Em relação às doenças raras, o que caracteriza as doenças lisossomais de sobrecarga e quais as patologias que lhes estão associadas?

As doenças lisossomais de sobrecarga estão associadas à ausência ou falta de atividade de uma enzima lisossomal. Existem mais de 70 destas enzimas, cuja função é degradar moléculas que são utilizadas pela célula para o seu normal funcionamento. Por isso, o lisossoma pode considerar-se a estação de reciclagem da célula. Estas doenças afetam vários órgãos, sobretudo o sistema nervoso e por isso, resultam frequentemente em atrasos cognitivos, demência e convulsões.

Quais os sintomas e como se faz o seu diagnóstico?

Os sintomas variam muito, dependendo da enzima que está em falta ou cuja atividade é deficitária. Frequentemente, estas doenças são síndromicas, envolvendo um conjunto de sintomas.

O diagnóstico definitivo faz-se com base na sequenciação do gene que está alterado. No entanto, existem dezenas destas doenças e, o seu diagnóstico nem sempre é direto ou rápido.

Como são doenças raras, muitas vezes há um desconhecimento sobre os sintomas e torna-se difícil o diagnóstico diferencial.

Muitas destas doenças são degenerativas e tendem a agravar-se. Devem por isso ser diagnosticadas o mais cedo possível e a terapia adequada iniciada sem demoras.

Como estas patologias fazem a sua progressão e como se manifestam nas diferentes fases?

Muitas destas doenças são degenerativas e tendem a agravar-se. Devem por isso ser diagnosticadas o mais cedo possível e a terapia adequada iniciada sem demoras. As terapias envolvem na sua maioria a administração da enzima que está em falta ou cuja atividade é deficitária.

Nos últimos anos, novas terapias para várias destas doenças foram desenvolvidas, mas, infelizmente, muitas delas não têm ainda qualquer opção terapêutica eficaz. É aqui que entra a investigação, ao permitir perceber melhor os mecanismos moleculares envolvidos e desenvolver novas terapias. Por incrível que pareça, continuamos atualmente a descobrir novas funções do lisossomas e a desvendar mistérios do seu funcionamento, apesar deste organelo ter sido descoberto há mais de 70 anos.

O LYSOCIL é um projeto Twinning Europeu, que permite que as instituições como a NMS estabeleçam parcerias com entidades líderes a nível internacional, de forma a estimular a troca de conhecimento científico e potenciar a excelência na investigação.

Quais as consequências de um diagnóstico tardio?

O diagnóstico tardio atrasa a introdução da terapia mais indicada e, sendo doenças na sua maioria degenerativas, faz com que estas se agravem, não sendo possível reverter o processo.

O que pode ser feito para evitar a sua progressão?

A terapia, geralmente por substituição da enzima afetada, é a melhor estratégia. No entanto, para a maioria destas doenças ainda não há terapias eficazes disponíveis.

Em qualquer dos casos, a fisioterapia a vários níveis (motor, fala, etc.) é muito importante para manter as funções essenciais e a qualidade de vida o mais tempo possível.

Como o projeto LYSOCIL, que é a nível europeu e liderado pela NOVA Medical School (NMS), se insere nesta temática e o que veio trazer de novo para a investigação destas patologias?

O LYSOCIL é um projeto *Twinning* e Europeu, que permite que as instituições como a NMS estabeleçam parcerias com entidades líderes a nível internacional, de forma a estimular a troca de conhecimento científico e potenciar a excelência na investigação. No caso do LYSOCIL, a NMS estabeleceu uma parceria com a Universidade de Münster, na Alemanha e com o Instituto

Telethon de Genética e Medicina, na Itália, para fortalecer a nossa capacidade na investigação de doenças raras que afetam os lisossomas e os cílios, com especial atenção ao diagnóstico e à compreensão das causas destas doenças.

Que novas oportunidades se podem abrir com este projeto para a investigação em conjunto com as entidades parceiras?

Este projeto permitiu que criássemos uma rede entre as três instituições e que desenvolvéssemos em conjunto as nossas capacidades na investigação em doenças raras.

Esta rede facilitará, no futuro, a elaboração de candidaturas conjuntas a projetos nesta área e a continuação da publicação de estudos feitos em conjunto. Como estes podem demorar vários anos, alguns estudos conjuntos que foram iniciados durante este projeto deverão ser publicados daqui a algum tempo.

Na sua opinião nesta área das doenças raras, quais as principais lacunas existentes no que diz respeito ao sistema de saúde e na resposta a estes casos?

As doenças raras também se chamam “órfãs”, pois o conhecimento sobre elas é, em geral, escasso. O seu diagnóstico é difícil e demorado, sendo que só existem terapias para uma minoria destas doenças.

É por isso urgente reforçar o conhecimento e compreensão da causa das mesmas, melhorar o diagnóstico e torná-lo rápido e acessível, mas também, descobrir novas terapias.

O projeto LYSOCIL apostou na disseminação de conhecimento e métodos, mas também, na capacitação dos profissionais de saúde nestas áreas.

De que forma esta equipa passa essa informação e capacita os profissionais de saúde de outras especialidades, de cuidados primários e de unidades de saúde?

Uma das atividades principais foi precisamente a disseminação do conhecimento sobre as doenças raras que afetam os lisossomas e os cílios pela sociedade (através das associações de doentes), pela comunidade científica e pelos clínicos que diagnosticam e tratam estas doenças. Consideramos que estes são os principais “atores” que podem melhorar o conhecimento, diagnóstico e tratamento destas doenças.

No caso dos profissionais de saúde, divulgámos o projeto diretamente junto destes, promovendo encontros e reuniões em diferentes hospitais.

Susana Lopes:

Discinesia Ciliar Primária; “Podemos dizer que os cílios móveis se comportam como vassouras que limpam as vias respiratórias 24 horas”

Como podemos descrever a Discinesia Ciliar Primária?

É uma doença rara que afeta um componente celular chamado cílio móvel e cuja disfunção compromete vários órgãos do corpo.

Como esta patologia afeta o nosso organismo em que fases da vida?

Pode afetar todos os órgãos do nosso corpo desde que sejam compostos por células com cílios móveis. A disfunção dos cílios móveis normalmente afeta a limpeza mucociliar das vias respiratórias desde o nascimento (nariz, seios perinasais, traqueia, pulmões). Podemos dizer que os cílios móveis se comportam como vassouras que limpam as vias respiratórias 24 horas, livrando-nos de todas as impurezas: pó, pólen, e agentes patogénicos que respiramos.

Depois, menos comum a Discinesia Ciliar pode afetar o cérebro influenciando a circulação do fluido cefalorraquidiano (através das células ependimárias que são ciliadas) levando a hidrocefalia logo à nascença. Pode afetar ainda a motilidade dos espermatozoides, dado que os seus flagelos são cílios, o que na idade adulta levará a infertilidade ou subfertilidade masculina. Pode também comprometer a motilidade dos cílios que revestem as trompas de Falópio casando subfertilidade feminina. Muito mais cedo, durante o desenvolvimento embrionário a Discinesia pode afetar um pequeníssimo órgão ciliado (nó embrionário), onde se estabelece a lateralidade do nosso corpo, i.e. onde se codifica qual vai ser o lado direito e o lado esquerdo, e consequentemente, para onde vão as células que formarão o coração (do lado esquerdo) e o fígado (do lado direito). A consequência desta disfunção leva à condição médica chamada de *situs inversus*, ou seja, à incorreta localização dos órgãos internos. No caso de *situs inversus*, assiste-se uma inversão total da posição dos órgãos, mas no caso desta ser parcial denomina-se *situs* ambíguos ou heterotaxia. Esta patologia é mais grave pois tem complicações adicionais.



Este projeto recebeu financiamento do Programa de Investigação e de Inovação da União Europeia Horizonte 2020 sob o grant agreement No 811087



Quando se manifesta ou quando ocorrem os primeiros sintomas?

Normalmente os sintomas respiratórios podem ser notados à nascença bem como os *situs inversus* ou heterotaxias. Mais tarde, a criança apresenta um nariz sempre ranhoso, otites e sinusites recorrentes e tosse produtiva. Infelizmente, estes sintomas são muitas vezes confundidos com outras doenças comuns como alergias e constipações comuns. O pediatra, o otorrino, o pneumologista ou o cardiologista devem estar atentos no sentido de tentar diagnosticar precocemente.

Como se faz o seu diagnóstico?

O diagnóstico é multidisciplinar, ou seja, envolve diferentes técnicas que são específicas e requerem um estudo constante. Por ser difícil de distinguir de infeções secundárias, esta patologia tem "guidelines" bastante estritas acordadas pela sociedade europeia de doenças respiratórias (ERS). As técnicas incluem a videomicroscopia de alta velocidade para observarmos os cílios em movimento ou a falta deste; a imunofluorescência para detetarmos as proteínas que estão ausentes/ presentes nos cílios móveis e a microscopia electrónica para observarmos a ultraestrutura dos cílios e descobrir o que lhes falta para se movimentarem da forma correta. Nenhuma técnica é perfeita sozinha, dado que a conjugação de pelo menos duas técnicas é muitas vezes necessária. Adicionalmente, ajuda muito medir o óxido nítrico nasal, que é muito baixo na DCP.

Finalmente, devemos sempre recorrer a um estudo genético quando suspeitamos de um muito provável caso de DCP. Só assim podemos diagnosticar bem os doentes, e elaborar um registo de pacientes que será útil para podermos seguir para ensaios clínicos, assim que houver uma terapia genética disponível.

Projeto Lysocil: " Como existem muitas doenças raras escolhemos focar-nos em 2 grupos que afetam 2 organelos celulares."

Em que consiste o Projeto Lysocil e como se desenvolveu?

Este projeto é um projeto europeu em doenças raras da tipologia *Twinning*. Como existem muitas doenças raras escolhemos focar-nos em 2 grupos que afetam 2 organelos celulares, onde já tínhamos desenvolvido alguma investigação na NMS, sendo que queríamos desenvolver mais e melhor investigação: os lisossomas e os cílios e daí o nome LYSOCIL.

Os lisossomas são onde a célula recicla os seus componentes, os cílios são usados ora para motilidade das células, ora para mover fluidos corporais como o muco. Adicionalmente, os cílios também têm funções na comunicação das células com o meio exterior que as rodeia. Ambos estes organelos celulares quando funcionam mal causam doenças graves e raras.

Qual a importância destas parcerias?

Para desenvolvermos uma investigação de excelência, tivemos de aprender e ser treinados pelos melhores parceiros. Para tal, escolhemos 2 parceiros europeus: o Instituto TIGEM, na Itália para a área dos lisossomas e a Universidade de Münster, na Alemanha para a área dos cílios e Ciliopatias.

Que medidas considera cruciais implementar no sistema de saúde nacional para que cada vez mais se tenha um diagnóstico precoce?

O meu laboratório desenvolveu um serviço de diagnóstico da DCP que é único no país a fazer o diagnóstico da DCP segundo as diretivas da ERS e da ERN-LUNG. Dado que é uma doença rara, conseguimos dar resposta a nível nacional. Contudo, como é um diagnóstico composto por várias técnicas especializadas e diferenciadas, torna-se caro, e por vezes, os hospitais sub-diagnosticam esta doença.

Estamos numa fase em que muitas crianças são diagnosticadas tardiamente, e algumas vezes, com lesões graves na adolescência ou mesmo em idade adulta. Este sinal mostra-nos que ainda existe muito trabalho a fazer na área da divulgação da DCP junto dos profissionais de saúde. Há que investir mais no diagnóstico precoce de forma a se evitar doenças mais graves e economicamente mais pesadas para o Estado.

Os transplantes pulmonares são o último recurso, mas queremos evitar esta necessidade a todo o custo.

Este projeto finalizou em Abril último. Que próximos projetos poderemos esperar nesta área deste grupo de trabalho?

Na área das ciliopatias e da DCP em particular, há outros projetos europeus para concorrer, todos em consórcios, isto significa que se tem de preparar com muitos meses ou anos de antecedência. Infelizmente, não está fácil, uma vez que o financiamento é muito competitivo e devia ter um processo mais simplificado. Seria importante haver mais financiamento privado nesta área, nomeadamente através do mecenato científico, algo pouco frequente em Portugal.

Entidades parceiras do Projeto Lysocil

Universidade de Münster (WWU) – Alemanha

A Universidade de Münster (WWU) é a quinta maior universidade da Alemanha. A Faculdade de Medicina da WWU, visa conectar a excelente ciência básica e a ciência clínica com foco na tradução imediata de novos conhecimentos básicos em pesquisa clínica e atendimento, diagnóstico, tratamentos práticos e inovadores aos pacientes, centrados no benefício da saúde do doente.

O departamento de Pediatria Geral da Faculdade de Medicina da WWU tem um forte interesse em doenças raras, tanto no que diz respeito ao atendimento clínico quanto à pesquisa básica e translacional. O principal foco de pesquisa do Departamento são as ciliopatias, como a Discinesia Ciliar Primária (DCP), as doenças metabólicas e as doenças síndromicas e renais pediátricas, muitas vezes associadas à disfunção ciliar.

Muitas destas doenças são degenerativas e tendem a agravar-se. Devem por isso ser diagnosticadas o mais cedo possível e a terapia adequada iniciada sem demoras.

Instituto Telethon de Genética e Medicina (TIGEM - FTELE.IGM) - Itália

O Instituto Telethon de Genética e Medicina (TIGEM - FTELE.IGM) é uma organização da Fundação Telethon, criada em 1994 como um centro de investigação italiano, localizado em Pozzuoli, Itália, nos arredores de Nápoles.

O TIGEM é um instituto de investigação multidisciplinar, dedicado ao estudo dos mecanismos subjacentes às doenças genéticas raras e ao desenvolvimento de terapias inovadoras. O principal foco de investigação deste instituto são doenças neurodegenerativas, distúrbios de armazenamento lisossomal, defeitos de tráfego de membranas, distúrbios do metabolismo hepático e doenças oculares.



Patricia Calado - Sub-Diretora para a Investigação da NOVA Medical School, Universidade Nova de Lisboa

Patrícia Calado, explica a importância estratégica da investigação na área das doenças raras para a NMS.

Qual a importância para a NOVA Medical School a aposta na investigação nas doenças raras?

A NMS está a rever a sua estratégia de investigação numa lógica de Centros de Conhecimento, correspondendo a áreas interdisciplinares que englobam toda a cadeia de valor da investigação.

A investigação das doenças raras tem forte potencial para se tornar uma das áreas estratégicas para a NMS, uma vez que existe massa crítica, desde investigadores que estudam aspetos fundamentais destas doenças, aos clínicos que as diagnosticam e tratam. Entre outros aspetos, a NMS desenvolveu um serviço de diagnóstico único no país para a Discinesia Ciliar Primária, uma doença respiratória rara. É com base nesta diferenciação abrangente e que cobre toda a cadeia de valor que temos potencial para nos tornarmos uma instituição de referência na investigação das doenças raras a nível nacional e internacional.

O que o projeto europeu LYSOCIL traz de novo à NMS, mas também, que perspetivas e oportunidades se podem adivinhar para um futuro próximo?

O LYSOCIL foi fundamental para criar uma rede com instituições de referência nesta área e capacitar a NMS na investigação das doenças raras. Este projeto serviu também para identificar grupos destas doenças em que a NMS tem uma massa crítica importante, nomeadamente no estudo de doenças que afetam os lisossomas e os cílios.

Foi ainda essencial para alargar esta rede aos clínicos e associações de doentes. A NMS está, por isso, numa excelente posição para servir como interlocutor privilegiado, ligando os vários "atores" que são importantes para o avanço do conhecimento, diagnóstico e terapêutica destas doenças, ou seja, os investigadores, clínicos e doentes e as suas famílias.

Ainda na área das doenças raras, se existem novos projetos nacionais ou com parcerias com entidades internacionais?

Estamos a capitalizar todas as sinergias existentes e a promover a participação da NMS nas redes e iniciativas europeias na área das doenças raras. É essencial fazermos parte destas redes, para estarmos na linha da frente da investigação, e também, aumentar a captação de financiamento.

Esta é uma área crucial para a investigação colaborativa, em que a Comissão Europeia aposta claramente e a NMS está neste momento numa ótima posição para aproveitar as oportunidades futuras.



Este projeto recebeu financiamento do Programa de Investigação e de Inovação da União Europeia Horizonte 2020 sob o grant agreement No 811087



O QUE É A DISCINÉSIA CILAR PRIMÁRIA OU DCP?



Adelina Amorim, Médica Pneumologista do Centro Hospitalar S. João, Porto.

Dois médicos, uma Pneumologista e um Cirurgião Torácico falam-nos desta patologia nas diferentes fases da sua evolução.

Como podemos caracterizar a Discinesia Ciliar Primária?

A Discinesia Ciliar Primária (DCP) é uma doença genética rara, estando descrita uma incidência de 1:10000 a 1:15000 na Europa. Até ao momento já foram descritas alterações em cerca de 50 genes, que comprometem a estrutura e/ou função ciliar. Os cílios são pequenas estruturas tipo “pêlos” que revestem várias células, incluindo as células do epitélio respiratório. A principal consequência é uma redução da capacidade de “limpeza” das vias áreas superiores e inferiores, levando a infeções e inflamação crónicas. A DCP caracteriza-se essencialmente pela existência de doença respiratória crónica, infertilidade e anomalias da lateralização dos órgãos em cerca de 50% dos doentes (Situs Inversus), podendo nestes casos ocorrer malformações cardíacas congénitas.

A confirmação diagnóstica é complexa requerendo a combinação de vários exames de elevada especificidade, tais como a videomicroscopia (VM) de alta velocidade, a microscopia eletrónica (ME) de transmissão e o estudo genético. A VM e a ME são realizadas em amostras celulares do doente, obtidas por um simples escovado nasal. A VM permite avaliar a frequência e o padrão do movimento dos cílios e a ME a ultraestrutura dos cílios.

Quais os sintomas que deveremos estar atentos?

É frequente os primeiros sintomas iniciarem-se no período neonatal, com dificuldade respiratória logo nas primeiras horas após o nascimento.

São comuns sintomas de obstrução nasal e rinorreia persistente, bem como de tosse com expectoração purulenta diária.

As otites recorrentes, os episódios de bronquite e/ou pneumonia e uma subfertilidade são também caraterísticos da DCP.

Quais os sinais que nos indicam que não estamos perante uma patologia comum e devemos procurar um médico pneumologista?

A persistência de tosse, acompanhada de expectoração purulenta, infeções respiratórias muito frequentes e/ou graves e o aparecimento de sangue nas secreções devem ser sempre motivo de uma avaliação por Pneumologia. São várias as doenças respiratórias que podem condicionar estes sintomas, entre as quais se encontra a DCP.

De uma forma sucinta, como se caracterizam os vários estádios da evolução da doença?

Inicialmente os doentes apresentam rinosinusite, otites de repetição, tosse e expectoração. Com o passar dos anos, o quadro de infeção brônquica crónica, pautado por agudizações, condiciona o aparecimento de bronquiectasias (BQ), ou seja, dilatações irreversíveis dos brônquios.

As BQ estão presentes em cerca de 50% dos doentes aos 8 anos de idade e em todos os doentes na vida adulta e aumentam o risco de mais infeções, levando a um ciclo vicioso de infeção, inflamação e agravamento das BQ.

A raridade da doença, a sobreposição dos sinais e sintomas com outras doenças respiratórias e a necessidade de exames de diagnósticos específicos condiciona habitualmente um atraso de diagnóstico. Tal facto, resulta em que muitos doentes quando são referenciados já tenham alterações pulmonares irreversíveis, como BQ e infeções pulmonares bacterianas crónicas.

As otites de repetição podem levar a uma perda da audição. Nos casos de maior gravidade, sobretudo se sem acompanhamento especializado, pode surgir a insuficiência respiratória e a necessidade de transplante pulmonar.

Sendo que é uma patologia de diagnóstico complexo, em que estádio chegam a maioria dos doentes às unidades hospitalares?

A raridade da doença, a sobreposição dos sinais e sintomas com outras doenças respiratórias e a necessidade de exames de diagnósticos específicos condiciona habitualmente um atraso de diagnóstico. Tal facto, resulta em que muitos doentes quando são referenciados já tenham alterações

pulmonares irreversíveis, como BQ e infeções pulmonares bacterianas crónicas.

Como médica, o que considera que é importante ser feito para colmatar as lacunas existentes no SNS e no âmbito da deteção precoce da doença?

É importante que as Sociedades Científicas divulguem junto da sociedade civil os sinais de suspeição desta patologia rara, para que procurem ajuda médica especializada o mais precocemente possível.

É igualmente fundamental dar formação específica aos profissionais que com maior probabilidade poderão contactar com doentes com DCP. Por fim, é fundamental a definição de Centros de Referência que incluam as diversas áreas implicadas no acompanhamento desta patologia, desde os meios de diagnóstico específicos até ao tratamento especializado.



João Navarro Reis, Cirurgião Torácico do Hospital Santa Marta, Lisboa

De forma resumida, o que acontece ao nosso corpo na evolução da Discinesia Ciliar Primária que torna essencial o transplante pulmonar?

Os doentes com Discinesia Ciliar Primária têm uma disfunção do funcionamento dos cílios das células em várias zonas do corpo, a nível pulmonar isso leva a acumulação de secreções nos brônquios e à sua dilatação (Bronquiectasias), como consequência surgem infeções de repetição e a destruição progressiva do pulmão, o que pode causar insuficiência respiratória.

O diagnóstico precoce, logo na infância, pode levar a instituição de medidas preventivas de higiene respiratória, fisioterapia, e terapêutica médica intensiva para quando surgem infeções por forma a que se possa atrasar ou até impedir a progressão da doença.

Em que estádio desta patologia é crucial o transplante?

Os doentes com Discinesia Ciliar Primária com insuficiência respiratória terminal e com necessidade de oxigenoterapia de longa duração, ou com internamentos por infeção recorrente e associada a hemoptises (tosse com expectoração com sangue) são candidatos a transplante pulmonar para resolução da sua dispneia, com o objetivo de melhoria da sobrevida e da sua qualidade de vida.

O que se pode fazer para evitar que a patologia possa evoluir para uma situação tão grave?

O diagnóstico precoce, logo na infância, pode levar a instituição de medidas preventivas de higiene respiratória, fisioterapia, e terapêutica médica intensiva para quando surgem infeções por forma a que se possa atrasar ou até impedir a progressão da doença.

Sendo que o transplante é a última solução para um estádio avançado da doença. O que considera importante agilizar neste processo?

O Transplante Pulmonar surge como a solução para os doentes com insuficiência respiratória terminal, ou seja, em situações em que todas as outras terapêuticas não funcionaram.

Apesar de os resultados da Transplantação Pulmonar em Portugal serem cada vez melhores, com sobrevidas médias superiores a 10 anos para os doentes transplantados por bronquiectasias, é uma cirurgia complexa com um período pós-operatório difícil e que implica que o doente fique sob terapêutica imunossupressora para toda a vida para impedir a rejeição dos pulmões implantados.

Além disso, é necessário encontrar órgãos compatíveis a nível imunológico e anatómico, o que pode implicar algum tempo em lista de espera.

Em termos económicos é obviamente uma terapêutica com custos para o SNS quer no internamento, quer com a medicação após a alta. Porém, quando analisamos os custos diretos e indiretos dos múltiplos internamentos destes doentes antes do transplante, bem como o seu absentismo escolar e laboral, a melhoria da qualidade de vida ganha e a vida ativa dos doentes após transplante compensam largamente o investimento.

Assim sendo, além de ser necessário reforçar as condições dadas ao único centro de Transplantação Pulmonar no país no Hospital de Santa Marta (CHULC), é também fundamental tentar, através do diagnóstico precoce e terapêuticas preventivas, impedir a progressão de doenças como a Discinesia Ciliar Primária para insuficiência respiratória por bronquiectasias, bem como desenvolver investigação que permita melhor controlar a doença.



Este projeto recebeu financiamento do Programa de Investigação e de Inovação da União Europeia Horizonte 2020 sob o grant agreement No 811087



ASSOCIAÇÃO SANFILIPPO PORTUGAL:

“O ENVOLVIMENTO DAS ASSOCIAÇÕES DE DOENTES NA INVESTIGAÇÃO PASSA POR EXEMPLO POR FINANCIAR COM PEQUENAS QUANTIDADES DE DINHEIRO A INVESTIGAÇÃO BÁSICA”



Artigo de **Raquel Marques**, Presidente da Associação Sanfilippo Portugal



Sanfilippo é uma doença genética rara que causa danos cerebrais irreversíveis. É um tipo de demência infantil e a maioria das crianças tem uma curta esperança de vida. Atualmente não há tratamento ou cura disponível para crianças diagnosticadas com esta doença devastadora. A investigação na doença é fundamental para trazer respostas para a compreensão dos mecanismos causais da patologia, melhorar a qualidade de vida dos doentes e para o desenvolvimento de futuras terapêuticas.

Projetos como o Lysocil cujo objetivo é promover a investigação em doenças raras, como as lisossomais, aumentam a investigação multidisciplinar e alargam as redes de colaboração quer com instituições internacionais de renome nesta área, quer com as associações de doentes.

O envolvimento das associações de doentes na investigação passa por exemplo por financiar com pequenas quantidades de dinheiro a investigação básica. E por motivar os investigadores a estudarem a sua doença, contar-lhes a sua história, convidá-los para simpósios de famílias.

E curiosamente a investigação nestas doenças, causadas por uma alteração num único gene, traz muitas respostas para doenças mais comuns como Alzheimer ou Parkinson.

A nossa associação tem como missão incentivar e apoiar a investigação, mas também apoiar as famílias nos novos diagnósticos facilitando a comunicação e informação e apoiá-las a nível social e nas terapias no âmbito dos vários projetos da associação.

Como associação de doentes, somos membros da RD-Portugal Doenças Raras de Portugal, para que a voz das pessoas com doença rara chegue mais longe. Sendo membros permite-nos de forma colaborativa participar ativamente em ações diretamente ligadas às políticas de saúde e para isso em conjunto com outras associações de doentes com presença na Convenção Nacional da Saúde definimos três grandes prioridades para a próxima legislatura: A unificação dos dados em saúde – Necessidade de centralizar os dados do utente para serem consultados em todas as unidades de saúde, a nível nacional; A Reabilitação – A urgência de retomar todos os cuidados de reabilitação que foram interrompidos pela pandemia; os Cuidadores – Sejam formais, informais, familiares é necessário melhorar as respostas sociais para permitir pausas e evitar o burnout, porque é um tema da maior relevância para quem cuida de pessoa com doença rara.

Maria é mãe de Madalena, a quem foi diagnosticado Discinesia Ciliar Primária depois de um longo percurso com idas a vários médicos de múltiplas especialidades, esta é a história que retrata muitas outras no anonimato.

“A Madalena foi daqueles casos detetado tardiamente. Começou aos 5 meses, quando teve a primeira otite, a partir daí eram muitas otites seguidas.

Na época, os médicos acharam que era próprio de patologia relacionada com alergias, e foi sendo seguida por médicos de várias especialidades. Aos seis anos, a Madalena fica com um tímpano perfurado e faz a primeira pneumonia, mas os médicos acharam que tinha sido uma pneumonia viral. Uma pediatra pede um raio X e deteta uma pequena cicatriz, que não valoriza.

A Madalena continuava sempre a tossir e tinha uma tosse produtiva (com expectoração). Apesar de ter uma infância normal e ser uma criança que gosta e pratica desporto, aos 13 anos queixa-se de dores de costas e o médico refere que têm a ver com o posicionamento que tinha ao jogar Vólei.

Como as dores continuavam, eu levei a Madalena a outra médica que prescreve uma TAC à coluna e aos pulmões. Dessa vez, fui chamada de urgência à clínica onde a minha filha tinha realizado a TAC para falar com o médico, que me diz que a Madalena tinha que ir de urgência para o hospital, porque tinha os pulmões em mau estado.

Somos encaminhadas para o hospital em Lisboa, porque somos da Madeira, onde a Madalena é acompanhada e foi diagnosticada com Discinesia Ciliar Primária. Na realidade, para estes casos só SNS têm capacidade de responder em relação ao tratamento e diagnóstico. Eu percorri dezenas de médicos pelo sistema particular, mas não há informação suficiente destas patologias. Só o SNS tem a capacidade de resposta.

Neste momento, a Madalena faz meia hora diária de cinesioterapia respiratória, assim como de antibiótico por aerossol e a doença está estável. No entanto, existe sempre o medo de apanhar uma infeção e destabilizar, mas a Madalena tem 17 anos e eu, como mãe, não quero que ela viva em função da doença. A vitória da Madalena é a doença não evoluir. Na Madeira só está diagnosticado o caso da Madalena, o que é difícil de acreditar, quantos existirão sem diagnóstico?”

Eu percorri dezenas de médicos pelo sistema particular, mas não há informação suficiente destas patologias. Só o SNS tem a capacidade de resposta.

Luís e Ana, são pais de Rui e Manuel, dois irmãos a quem foi diagnosticado a Discinesia Ciliar Primária (DCP) à nascença, em entrevista conta-nos como lidam em família com esta patologia e como gerem o seu quotidiano.

Atualmente, em que estágio da DCP se encontram o Rui e o Manuel?

Os nossos filhos encontram-se estabilizados. As funções respiratórias são relativamente boas e fazem uma vida normal, sem restrições de maior, mas sempre com os cuidados que a DCP obriga: evitar a exposição a pessoas com infeções respiratórias, não frequentar espaços com muita gente durante o pico da gripe, bem como um conjunto de cuidados básicos, como evitar fumos, pó, palha, resíduos de pássaros, entre outros.

As regras e cuidados de higiene implementados para o COVID 19, que para todos agora são tão comuns, para nós sempre foram a nossa realidade.

Como lidam com as necessidades que a DCP obriga e como gerem o vosso quotidiano?

Quando estão bem, fazem fisioterapia respiratória, aerossóis e lavagem nasal diária, (com o nosso suporte), bem como antibiótico e medicação de prevenção. Quando têm infeções respiratórias o caso muda de figura, havendo necessidade de recorrer à fisioterapia, três ou mais vezes por dia, o que os obriga a ficar em casa e a necessitar do nosso apoio. É também, sempre necessário, recorrer a outro tipo de antibióticos e bronco dilatadores. Para esta patologia o desporto e o exercício físico são fundamentais!

De que forma a DCP interfere na vida dos vossos filhos?

Na escola a vida é perfeitamente normal, mas os cuidados com a transmissão de infeções respiratórias está sempre presente. A perda de audição também é um problema, mas nada que não se resolva. Tendo a consciência destas dificuldades, temos sempre o cuidado de informar os diretores de turma das características desta patologia.

Como se processa em relação aos apoios, consultas e tratamentos que esta patologia obriga?

Apoios específicos para a DCP quase não existem, havendo uma grande dificuldade em aceder a fisioterapia respiratória especializada, mesmo totalmente suportada financeiramente por nós.

Quanto ao apoio médico, podemos dizer que é excelente, sendo os nossos filhos seguidos pela pneumologia pediátrica e otorrino do Hospital de Santa Maria, desde o seu nascimento, altura em que foi diagnosticada a doença.

O apoio do Estado é exatamente igual para quem não sofre de doença crónica.

A DCP, como qualquer patologia exige alguns encargos financeiros, têm algum tipo de apoio?

O único apoio monetário que temos é uma bonificação por deficiência, concedida pela Segurança Social. De resto estamos por nossa conta, o que para quem tiver fracos recursos financeiros constitui um problema, uma vez que todos os tratamentos, equipamentos e medicação são suportados pela família. De resto, o apoio do Estado é exatamente igual para quem não sofre de doença crónica.



Este projeto recebeu financiamento do Programa de Investigação e de Inovação da União Europeia Horizonte 2020 sob o grant agreement No 811087



IACS – SABER E QUERER NUMA LUTA DE TODOS



Artigo de António Marques, Presidente da Associação Portuguesa de Infecção Hospitalar (APIH).

Infeções Associadas aos Cuidados de Saúde (IACS)

As IACS são infeções adquiridas em contexto de cuidados de saúde e que afetam não só os doentes, mas também, os profissionais de saúde no decorrer da sua atividade.

A complexidade das organizações de saúde, onde interagem muitos profissionais, doentes e visitas num ambiente com elevada pressão microbiana, potencia a transmissão cruzada destes agentes. Se as precauções de prevenção falharem e se alinharem as condições do ambiente de risco com a fragilidade do doente, existirá um terreno propício à aquisição de uma IACS.

Associadamente, as resistências dos microrganismos aos antibióticos têm como consequência a diminuição do armamentário terapêutico, dificultando a resposta às infeções e conduzindo a um elevadíssimo risco para a saúde mundial.

A problemática e a sua evolução

As IACS são o evento adverso mais frequente em cuidados de saúde. Segundo o Centro Europeu para a Prevenção e Controlo das Doenças, 6% dos doentes adquire uma IACS, com repercussões em termos de mortalidade, morbilidade, qualidade de vida e elevado impacto económico.

Em Portugal, as IACS têm uma prevalência de 7,8% (média europeia de 6,5% em 2016/17), mas em percurso de melhoria. A OCDE refere que, em 2018, as resistências aos antibióticos foram responsáveis por cerca de 1160 mortes/ano em Portugal e 1 em cada 5 IACS na Europa. Estima-se que, em 2050, morrerão cerca de 390 mil pessoas/ano na Europa e 10 milhões no Mundo, em consequência deste problema.

No que diz respeito ao impacto económico na Europa, estimam-se gastos superiores a 900 milhões €/ano, relacionados com as IACS.

A luta de saber e de querer

Dados para refletir: Na Europa, o número de profissionais dedicados à prevenção e controlo de infeções está muito aquém do desejável. Portugal tem entre 0,5 a 0,75 enfermeiros por 250 camas (a Europa do norte 1,25).

Cerca de 20 a 30 % das IACS podem ser prevenidas e muitos hospitais têm bons programas de controlo de infeções, mas o seu cumprimento é inferior ao expectável. Estudos de 2019, apontam a falta de conhecimento e prática na formação inicial dos profissionais de saúde como causa maior de fragilidades neste âmbito. Assim, a estratégia de prevenção tem de ser integrada, envolvendo políticos, organizações, os profissionais de saúde em rede e cidadãos.

O Papel dos políticos e das organizações

Políticos e organizações têm de proporcionar condições que contribuam para a prevenção das infeções: dotações seguras de profissionais que permitam a execução dos procedimentos com qualidade, bem como instalações e equipamentos que possibilitem implementação de medidas de isolamento, lavagem das mãos e circuitos adequados de limpos e sujos. Devem também promover programas de melhoria contínua, com enfoque na formação das equipas e com treinos de simulação que estimulem a reflexão e o pensamento crítico.

As IACS são o evento adverso mais frequente em cuidados de saúde. Segundo o Centro Europeu para a Prevenção e Controlo das Doenças, 6% dos doentes adquire uma IACS, com repercussões em termos de mortalidade, morbilidade, qualidade de vida e elevado impacto económico.

O Papel dos profissionais

Os profissionais, além de aderirem à formação, devem refletir sobre as práticas, pois além de saber, é preciso querer cumprir as melhores recomendações: feixes de intervenções, higiene das mãos, correto uso de luvas, higiene ambiental, tratamento de roupas, resíduos e gestão dos antibióticos.

Dados de 2017/18 revelam melhoria no cumprimento da higiene das mãos e na adesão às precauções básicas em controlo de infeção. O que falta é a adesão de todos.

Papel dos cidadãos

Os cidadãos, principais interessados e atores nesta luta, também eles precisam de saber e querer. Saber que os antibióticos só podem ser tomados com receita médica, que devem cumprir a medicação até ao fim e que devem entregar na farmácia os comprimidos sobranes. Em suma, aderir a estas normas em vez de contorná-las.

13º FÓRUM INTERNACIONAL DE ÚLCERAS E FERIDAS: “O DOENTE NO CENTRO DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA SAÚDE”



Presidente da Direção da ELCOS



Nos dias 8 e 9 de abril, a ELCOS-Sociedade Portuguesa de Feridas, realizará o maior fórum internacional sobre feridas, em Portugal.

O evento ocorre no Fórum Lisboa, convocando-se a prática clínica, o ensino, a investigação e as ciências de apoio à saúde, para numa reunião científica interdisciplinar de elevada riqueza, tutelada pelo tema, “O doente no centro do processo de construção da saúde.”

Participarão as ciências da saúde, da sociologia da saúde, da geografia da saúde, do direito da saúde - ciências que suportam a clínica, nas suas dimensões práticas e ontológicas, perspetivando-se analisar a realidade e a forma como, em Portugal, respondemos à problemática das feridas complexas.

Esta análise é de elevada importância, porquanto sabemos que ao longo dos últimos 50 anos, as taxas de natalidade têm caído em todos os países da OCDE e a esperança média de vida aumentado, criando maior vulnerabilidade nos cidadãos, na última fase de vida.

O evento ocorre no Fórum Lisboa, convocando-se a prática clínica, o ensino, a investigação e as ciências de apoio à saúde, para numa reunião científica interdisciplinar de elevada riqueza, tutelada pelo tema O doente no centro do processo de construção da saúde.

Indicando o perfil demográfico da população uma tendência para o envelhecimento progressivo, o que gera um aumento de prevalência da patologia crónica, podemos estimar que cerca de 50 milhões de cidadãos da UE sofra de duas ou mais doenças crónicas, que são hoje a razão mais comum para a procura de assistência médica.

Em Portugal o “cluster” mais prevalente inclui a obesidade, diabetes e doenças cardiovasculares, detendo a maior parte destes cidadãos mais de 65 anos de idade. Ora o aumento de idade, a patologia diabética e cardiovascular são as condições que mais propiciam a criação de feridas complexas como a úlcera por pressão, úlcera de perna e úlcera do pé diabético.

Face a este envelhecimento e comorbilidade associados, importa conhecer o nosso real, garantir serviços de apoio, consultas, processos, métodos e técnicas, por forma a prevenir sofrimento e despesa em doenças evitáveis, e a aumentar ganhos em saúde, qualidade de vida das populações. É, pois, urgente reforçar, ajustar, transformar o SNS, face às fragilidades, insuficiências e inadequações já identificadas pelo Observatório Português dos Sistemas de Saúde, no seu último relatório: “...inadequação crescente dos cuidados disponíveis face às novas realidades demográficas e epidemiológicas – em especial das pessoas mais idosas, com morbilidade múltipla, dependências físicas, funcionais, situações de grande fragilidade, complexidade social e de saúde” (Sakellarides et al., 2021).

O Fórum reúne profissionais das ciências da saúde que, de norte a sul do país, se organizam numa Comunidade de Prática que tem aqui o seu momento de “partilha de repertório”, integrando no programa: médicos, enfermeiros, farmacêuticos, fisioterapeutas, nutricionistas, podólogos, psicólogos, sociólogos, juristas e professores universitários, provenientes de todo o mundo, que, em conjunto, irão ocupar-se da resposta aos doentes com feridas, debatendo a realidade: as políticas, os contextos, a distribuição de recursos e as condições para o exercício, visando uma prestação clínica ótima.

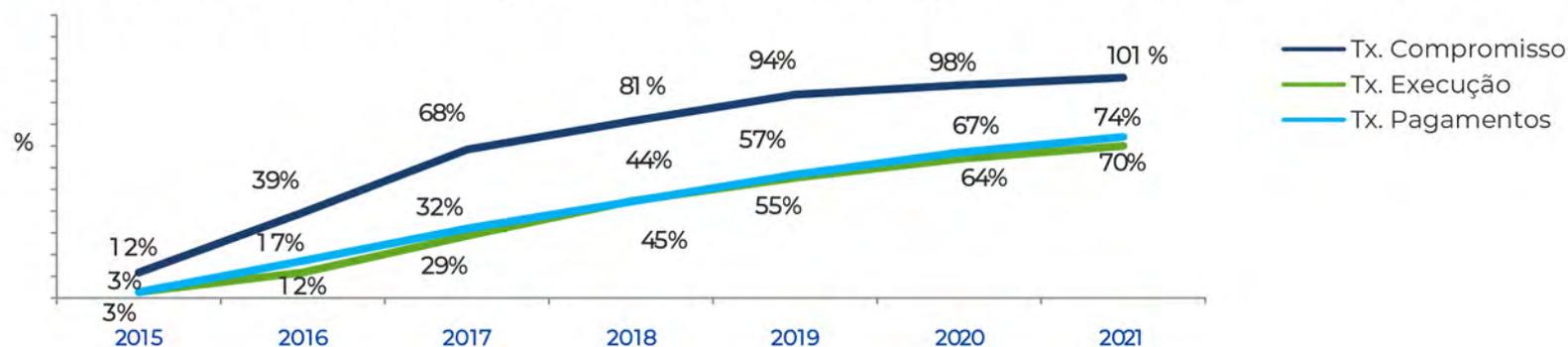
O Fórum conta com as parcerias e representação de várias sociedades científicas portuguesas e, também, europeias e americanas, tendo o patrocínio da SILAUHE e da EWMA, que tutelam cientificamente a área das feridas na América latina e Europa e para as quais o tema, “O doente no centro do processo de construção da saúde”, é do maior interesse estratégico na preparação do futuro da saúde.

Fundos Europeus na Região Autónoma da Madeira

Cofinanciado por:



Evolução das Taxas de Compromisso, Execução e Pagamentos do Madeira 14-20 (inclui REACT-UE)



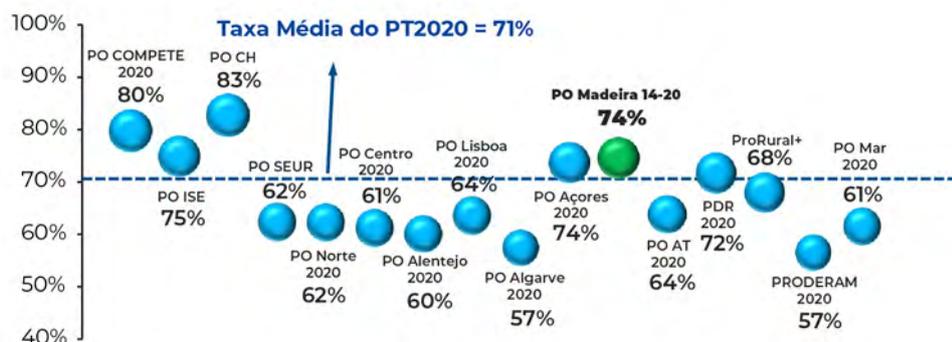
No ano de 2021, face ao acumulado até ao ano anterior, destacam-se os seguintes números(inclui REACT-UE):

- +2.692 Candidaturas aprovadas (aumento de 50%)
- +4 Candidaturas FSE (aumento de 2%)
- +2.688 Candidaturas FEDER (aumento de 51%)
- +80,3 M€ de Fundo Comunitário aprovado (aumento de 20%)
- +4,1 M€ de FSE aprovado (aumento de 3%)
- +76,1 M € de FEDER aprovado (aumento de 30%)
- +67,8 M€ de Fundo Comunitário executado (aumento de 26%)
- +11,9 M€ de FSE executado (aumento de 14%)
- +55,9 M€ de FEDER executado (aumento de 32%)
- Taxa de compromisso global de 98% para 101%
- Taxa de execução global de 64% para 70%
- Taxa de pagamentos global de 67% para 74%

No ano de 2021,destacam-se os seguintes númerosREACT-UE:

- 1.082 Candidaturas aprovadas
- 1.082 Candidaturas FEDER – SI Apoiar.PT.MADEIRA
- 21,8 M€ de Fundo Comunitário aprovado
- 21,8 M€ de FEDER aprovado
- 21,5 M€ de Fundo Comunitário executado
- 21,5 M€ de FEDER executado
- Taxa de compromisso REACT-UE- 52%
- Taxa de execução e pagamentos REACT-UE- 52%

Taxas de Execução Financeira do PT2020*



Taxa Média:

PT2020: 71%
 FEDER: 71%
 FSE: 75%
 FC: 59%
 FEADER: 71%
 FEAMP: 61%

*Boletim Informativo dos Fundos da União Europeia N° 27, da AD&C, com informação reportada a 31.12.2021

daflon® 1000mg

Sinta-se Imparável



Deixe para trás as pernas pesadas e cansadas

Máxima eficácia, um só comprimido**

Fale com o seu médico ou farmacêutico

NOME DO MEDICAMENTO*: Daflon® 1000. **COMPOSIÇÃO***: Bioflavonoides (Fração flavonoica purificada micronizada). Cada comprimido revestido por película de 1000 mg contém: 90% de diosmina, ou seja, 900 mg; 10% de flavonoides expressos em hesperidina, ou seja, 100 mg. **FORMA FARMACÊUTICA***: Comprimido revestido por película, cor de salmão e de forma oval. **INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS***: Tratamento dos sintomas e sinais relacionados com a insuficiência venosa (pernas pesadas, dor, cansaço, edema). Tratamento sintomático da crise hemorroidária. **POSOLÓGIA E MODO DE ADMINISTRAÇÃO***: Posologia habitual: 1 comprimido por dia. Na crise hemorroidária: nos 4 primeiros dias: 1 comprimido 3 vezes ao dia; nos 3 dias seguintes: 1 comprimido 2 vezes ao dia; em seguida voltar à posologia de manutenção: 1 comprimido por dia. **CONTRAINDICAÇÕES***: Hipersensibilidade à substância ativa ou a qualquer um dos excipientes. **ADVERTÊNCIAS E PRECAUÇÕES ESPECIAIS DE UTILIZAÇÃO***: A administração deste medicamento no tratamento sintomático da crise hemorroidária não substitui o tratamento de outros problemas anais. Se não houver remissão dos sintomas, deve ser consultado um médico de forma a proceder-se ao exame proctológico e à revisão do tratamento, caso haja necessidade. Excipientes: isento de sódio. **INTERAÇÕES MEDICAMENTOSAS E OUTRAS FORMAS DE INTERAÇÃO***: Não foram realizados estudos de interação. Da experiência de pós-comercialização do medicamento, nenhuma interação medicamentosa clinicamente relevante foi notificada até à data. **FERTILIDADE, GRAVIDEZ E ALEITAMENTO***: Gravidez: Os estudos em animais não indicam toxicidade reprodutiva. A quantidade de dados sobre a utilização da fração flavonoica purificada micronizada em mulheres grávidas, é limitada ou inexistente. Como medida de precaução, o tratamento deve ser evitado durante a gravidez. Amamentação: Desconhece-se se a substância ativa/metabólitos são excretados no leite humano. Não pode ser excluído qualquer risco para os recém-nascidos/lactentes. Tem que ser tomada uma decisão sobre a descontinuação da amamentação ou a descontinuação/abstenção da terapêutica com Daflon® 1000 tendo em conta o benefício da amamentação para a criança e o benefício da terapêutica para a mulher. Fertilidade: Estudos de toxicidade em ratos machos e fêmeas não mostraram efeitos na fertilidade. **EFEITOS SOBRE A CAPACIDADE DE CONDUZIR E UTILIZAR MÁQUINAS***. **EFEITOS INDESEJÁVEIS***: Frequentes: diarreia, dispepsia, náuseas, vômitos. Pouco frequentes: colite. Raros: tonturas, cefaleias, mal-estar geral, erupções cutâneas, prurido, urticária. Frequência desconhecida: dor abdominal, edema isolado da face, dos lábios e das pálpebras. Excepcionalmente edema de Quincke. **SOBREDOSAGEM***: Sintomas: A experiência de sobredosagem com Daflon® 1000 é limitada. Os eventos adversos mais frequentemente notificados em casos de sobredosagem foram eventos gastrointestinais (tais como diarreia, náuseas, dor abdominal) e eventos cutâneos (tais como prurido, erupção cutânea). Tratamento: O tratamento da sobredosagem deve consistir no tratamento dos sintomas clínicos. **PROPRIEDADES FARMACOLÓGICAS***: Protetor vascular e venotrópico. Daflon® 1000 exerce uma ação sobre o sistema vascular de retorno: ao nível das veias, diminui a distensibilidade venosa e reduz a estase venosa; ao nível da microcirculação, normaliza a permeabilidade capilar e reforça a resistência capilar. **APRESENTAÇÃO**: Caixas de 30 e 60 comprimidos revestidos por película. **TITULAR DA AIM**: Servier Portugal - Especialidades Farmacêuticas, Lda. Av. António Augusto de Aguiar, 128, 1069-133 LISBOA. Tel: 213122000. Para mais informações deverá contactar o titular de AIM. Daflon® 1000 é um MNSRM. RCM aprovado em 01.2020. IECRCM 11.03.2022. *Para uma informação completa por favor leia o Resumo das Características do Medicamento.

**Resumo das Características do Medicamento aprovado a 01.2020.

Leia atentamente as informações constantes na embalagem e no folheto informativo e, em caso de dúvida ou de persistência dos sintomas, consulte o médico ou o farmacêutico.



Agora também em 60 comprimidos

